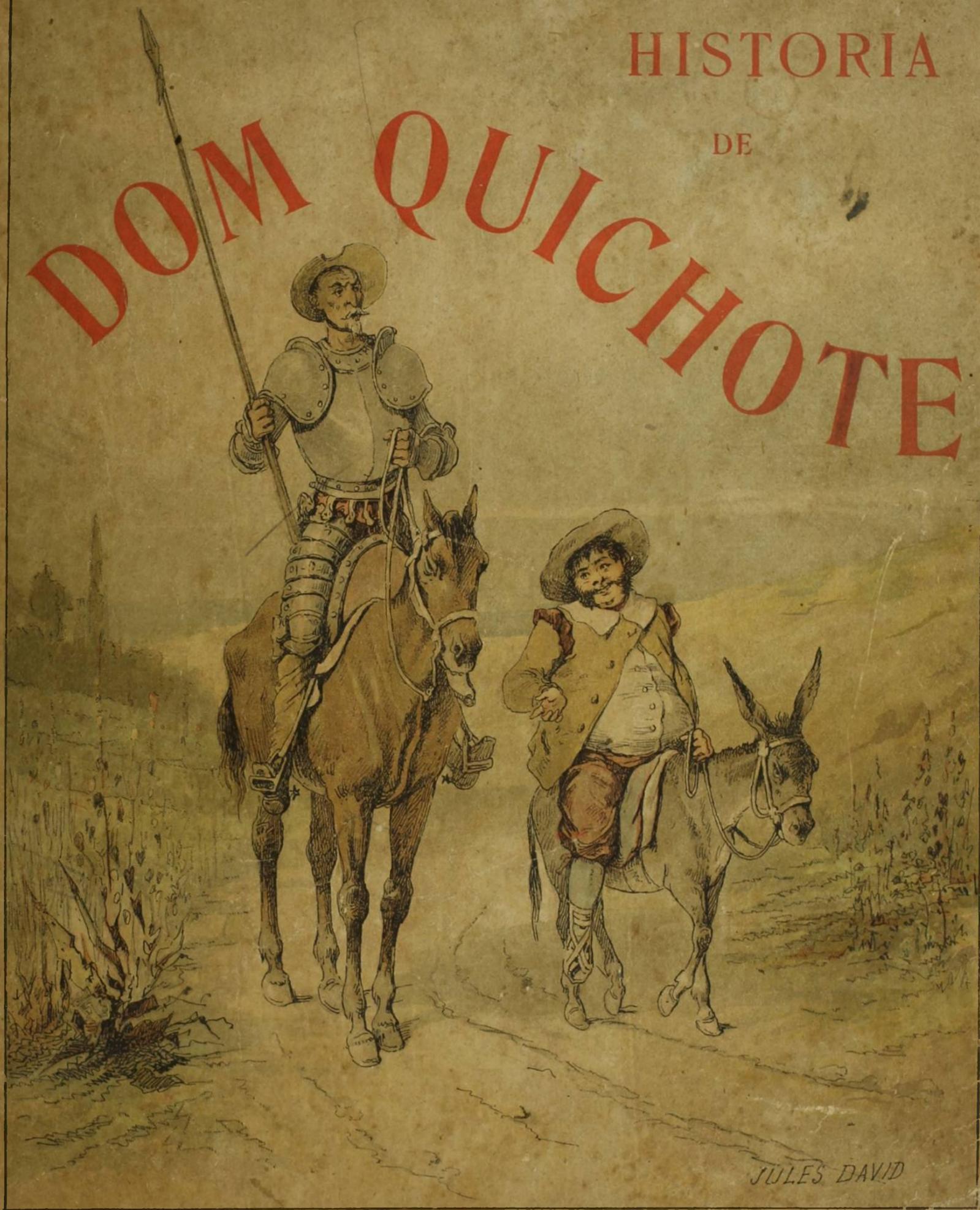
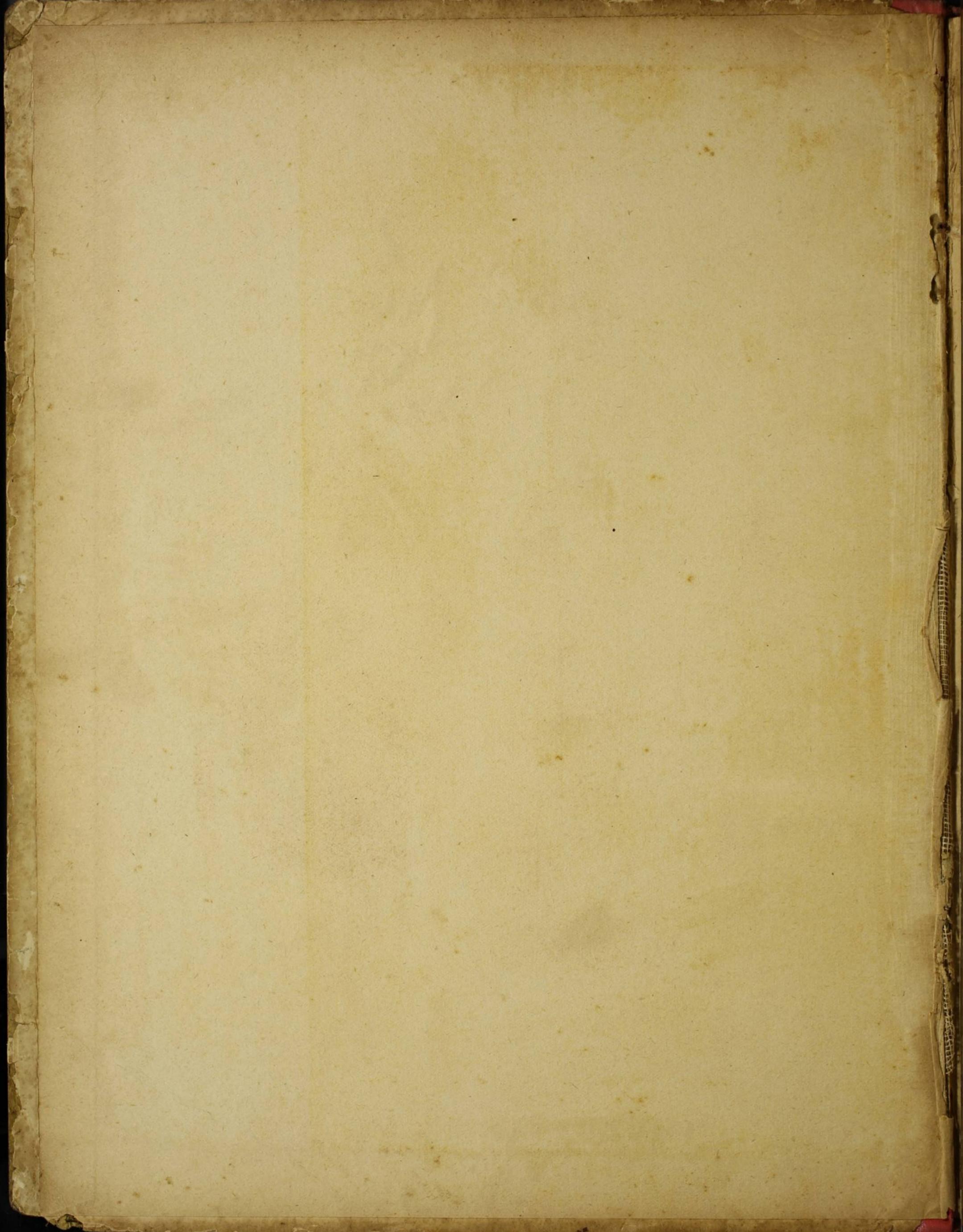


HISTORIA
DE
DOM QUICHOTE



H. GARNIER. -- Livreiro-Editor. -- RIO DE JANEIRO.

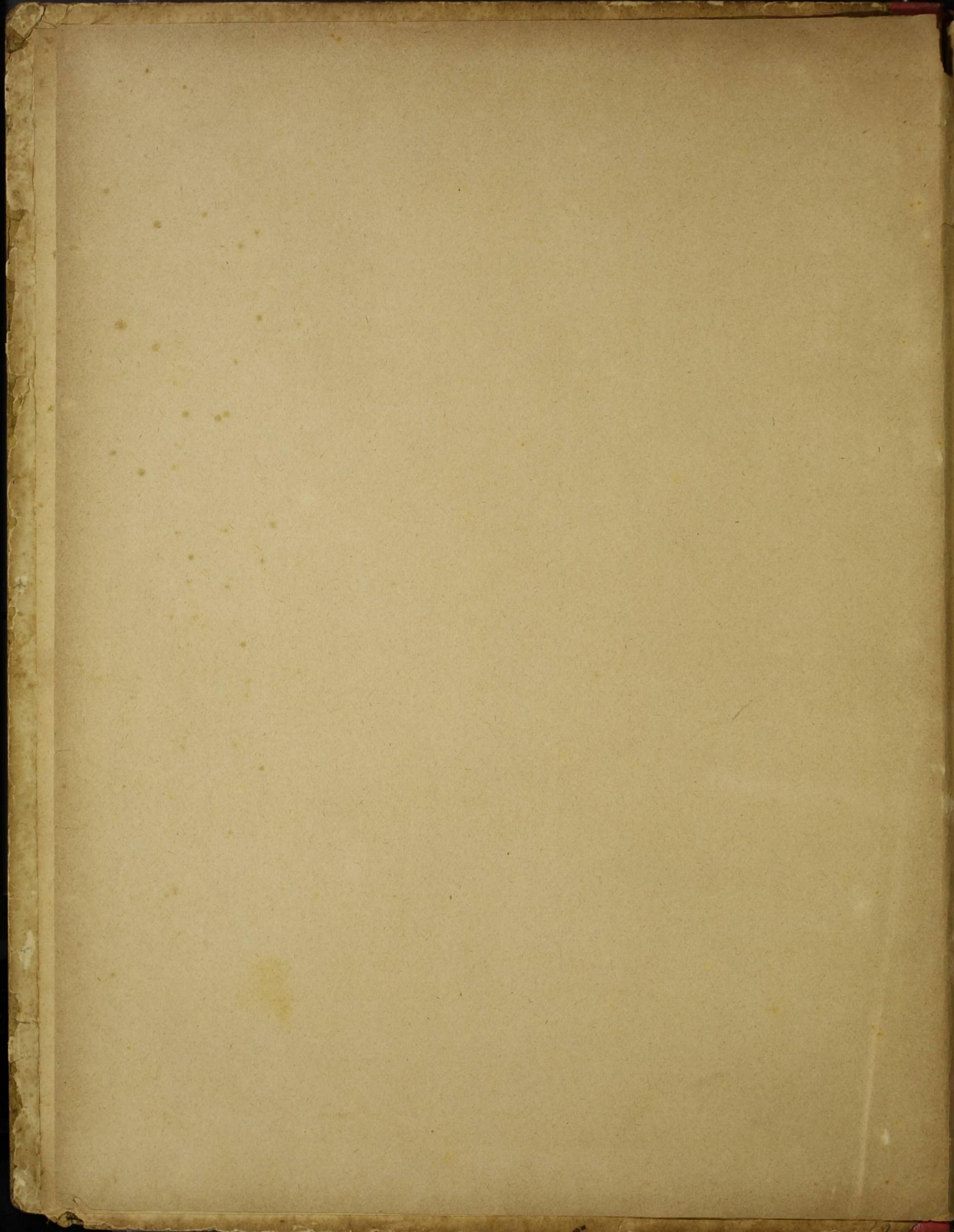


Página marcada com fecho de cordão
7 cronômetros fôr do texto
mas pag. 120:

9-25-41-49-57-81-89

No texto há várias rimas e aliterações
de um modo leve.

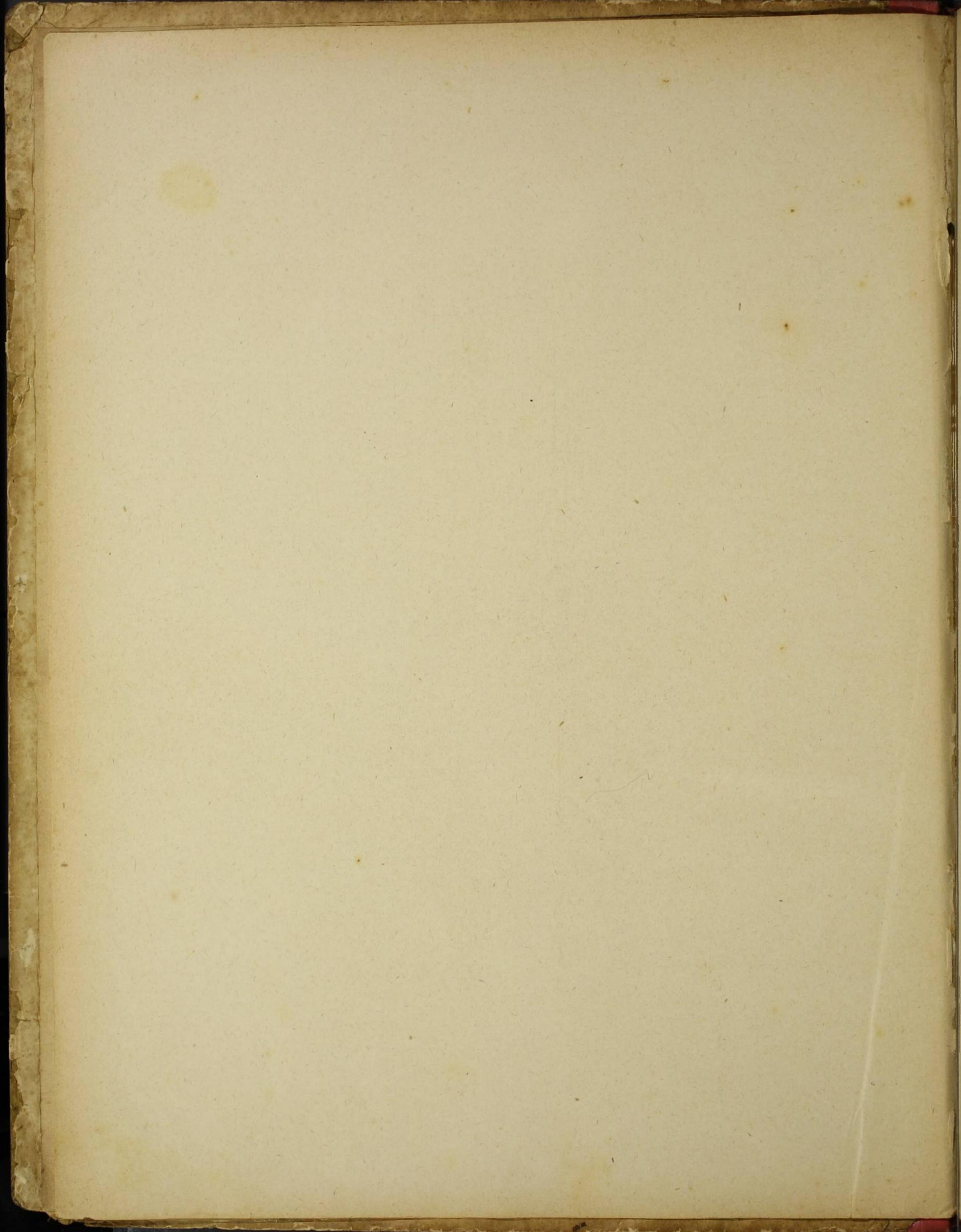
Historia de Luis David catolico
no Brazil - pintor e letreiro.



HISTORIA

DE

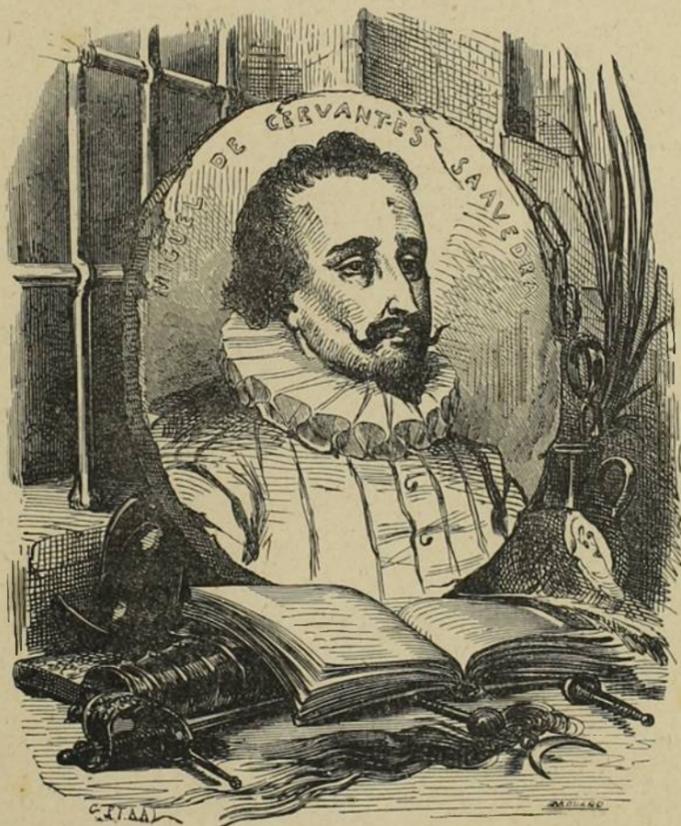
D. QUICHOTE



HISTORIA
DE
D. QUICHOTE

POR
MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA

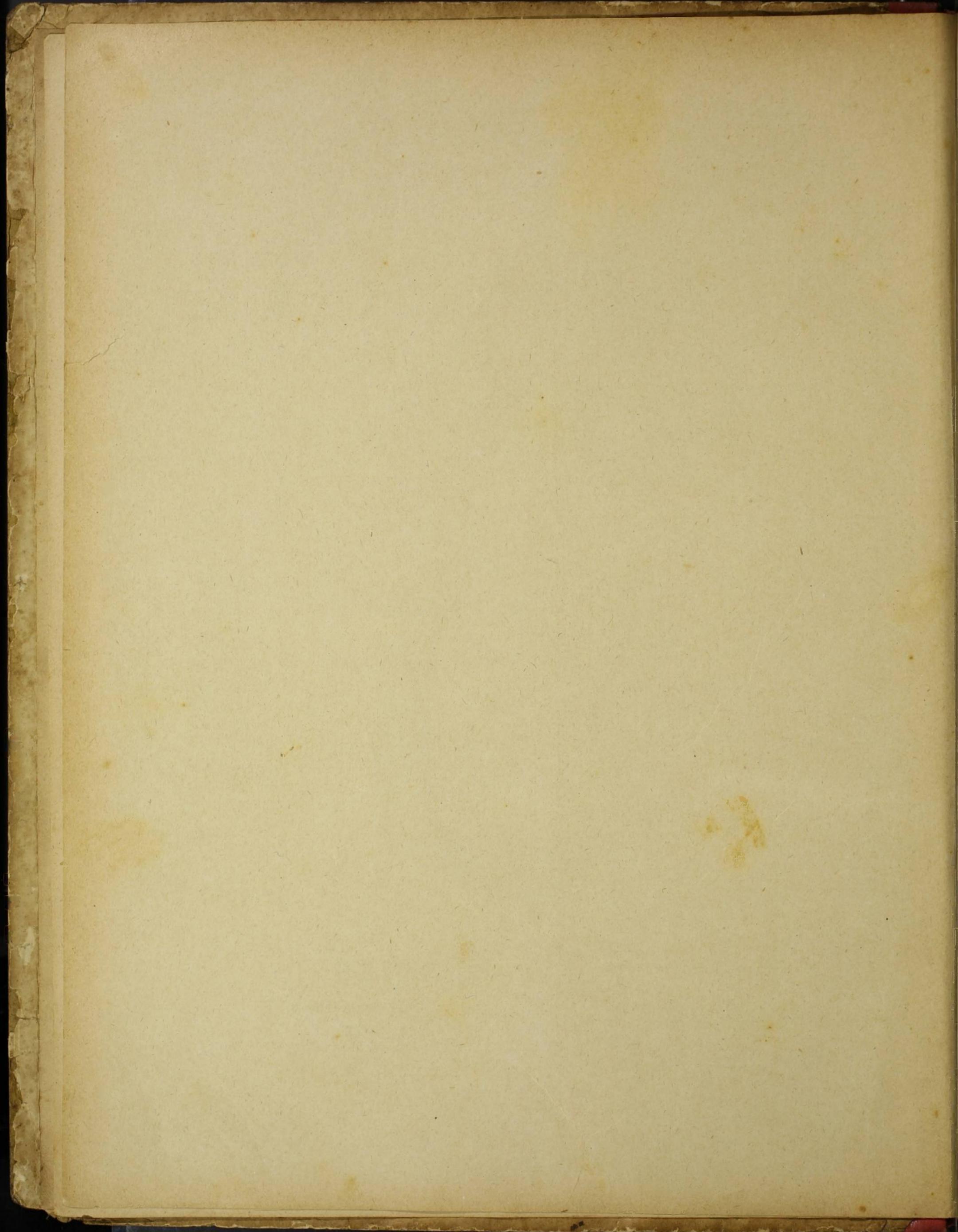
TRADUCÇÃO DE K. D'AVELLAR



LIVRARIA GARNIER

109, Rua do Ouvidor, 109
RIO DE JANEIRO

6, Rue des Saint-Pères, 6
PARIS



HISTORIA
DE
D. QUICHOTE

CAPITULO I

QUE TRATA DA CONDIÇÃO E EXERCICIO DO FAMOSO D. QUICHOTE DE LA MANCHA

Em uma aldeia da Mancha vivia, não ha muito tempo, um d'esses fidalgos de lança enferrujada, adárga antiga, rossim fraco e galgo corredor. Passadio, carne cozida ao jantar, os restos picados com cebola e vinagre para a ceia, algum pombito de crecença aos domingos, aos sabbados ovos estrellados, lentilhas ás sextas-feiras, consumiam tres quartos do seu haver. O remanescente pagava o gibão do mais fino, calças de velludo com seus pantufos do mesmo para as festas, e uma veste de panno ordinario para os dias de semana. Tinha em casa uma ama, que passava dos quarenta, uma sobrinha que não chegava aos vinte, e um moço tanto para o serviço domestico, como para o trato do rossim e da fazenda. Orçava a idade do nosso fidalgo pelos cincoenta annos. Era de compleição robusta, secco de carnes, muito madrugador e amigo da caça. Chamava-se elle *Quixada*.

Este fidalgo nos seus momentos de ocio, que eram os mais do anno, se entregava á leitura de livros de cavallaria, com tanto gosto e prazer, que se esqueceu quasi de todo do exercicio da caça e da administração dos seus bens. Esta paixão tornou-se tão forte, que vendeu muitos pedaços de terra afim de possuir uma bibliotheca completa d'esses livros. Passava o nosso fidalgo os dias e as noites embebido n'aquellas leituras. E assim, do pouco dormir e de muito ler se lhe seccou o cerebro, perdendo por fim o juizo. Encheu-se-lhe a pobre cabeça de encantamentos, batalhas, desafios, amores, pendencias, e de todos os disparates, que achava n'esses livros.

Afinal, deu no mais estranho pensamento em que jámais cahiu louco algum do mundo. Pareceu-lhe que seria necessario e util para augmento de sua honra propria e para bem da patria, fazer-se cavalleiro andante, e ir-se pelo mundo fóra com suas armas e cavallo, em busca de aventuras, desfazendo todo o genero de aggravos, reparando as injustiças. Já o coitado se imaginava conquistando pelo valor do seu braço o imperio de Trebizonda. E enlevado n'estas esperanças, se deu pressa a pôr mãos á obra. A primeira cousa que elle fez, foi limpar umas armas que tinham sido do seu bisavô e que jaziam para um canto desgastadas de ferrugem. Concertou-as o melhor que poude; porém viu com grande mágoa que lhe faltava a metade do capacete. A isto, porém, remediou a sua habilidade; arranjou com papelão uma especie de meia



celada, representando um capacete inteiro. Verdade é que, para experimentar se era de boa tempera, sacou da espada e atirando-lhe uma valente cutilada para logo desfez o que lhe levára uma semana a arranjar. A facilidade com que déra cabo do morrião não deixou de parecer-lhe mal. Tornou a concertal-o, mettendo-lhe por dentro umas barras de ferro para maior fortaleza. Satisfeito com a sua obra não quiz aventurar-se a mais experiencias. Foi-se então a ver seu rossim,

e embora o pobre animal só tivesse a pelle e o osso, se lhe afigurou mais vigoroso que o Bucéphalo de Alexandre ou o Babieca do Cid. Levou quatro dias a scismar que nome lhe pôria, porque desejava um que declarasse o que fôra antes de pertencer a cavalleiro tão famoso; pois era muito de razão que, mudando seu senhor de estado, mudasse elle tambem de nome e o cobrasse de estrondo. Assim, depois de muito assentar, riscar e trocar, acertou em o appellidar *Rossinante*, nome alto, sonoro em seu conceito, bello e significativo. E por tal modo ficou satisfeito com o nome posto ao seu cavallo, que tambem quiz arranjar outro para si. Gastou n'isto mais oito dias e ao cabo resolveu chamar-se D. Quichote. Recordando-se, porém, de que Amadiz não contente com chamar-se Amadiz, acrescentou o nome de Gaula, sua terra; assim quiz elle tambem chamar-se *D. Quichote de la Mancha* para que a patria viesse a participar em sua gloria futura.

Comquanto fosse possuidor de excellentes armas, d'um capacete metade de papelão, um cavallo de batalha, um nome imponente, faltava-lhe ainda o principal: era uma dama; pois cavalleiro sem dama é arvore sem fructos, sem folhas, é corpo sem alma. « Se por mal dos meus peccados, dizia elle entre si, ou por minha boa sorte, me encontro por ahi com um gigante,

como de ordinario acontece aos cavalleiros andantes, e o derribo logo ao primeiro recontro, ou o parto em dous, ou finalmente o obrigo a render-se, não será tão agradavel ter uma dama a quem mandal-o apresentar, para que elle se lance de joelhos aos seus pés e lhe diga com voz humilde e submissa : « Senhora, eu sou o gigante Caraculiambro, senhor da ilha Malindrania, a quem venceu em singular combate o jámais dignamente louvado cavalleiro D. Quichote de la Mancha, o qual me ordenou me apresentasse perante Vossa Graça, para que disponha de mim como fôr servida. »

Oh ! como se alegrou o nosso heroe de ter engehado este discurso, e mui especialmente quando encontrou o nome de sua dama ! Dizem que elle em tempos andára enamorado d'uma certa lavradora bem bonita, que havia ali perto do seu logar, ainda que ella nunca o soube, nem de tal desconfiou. A esta é que elle deu o titulo de *sua dama*. Chamava-se ella Aldonça Lourenço; porém, desejando dar-lhe um nome mais proprio a uma princeza, veio a chamal-a *Dulcinéa del Toboso*, por ser Tolboso a aldeia em que ella vivia ; nome este que lhe pareceu tão harmonioso, agradavel e expressivo como todos os mais que havia escolhido.

CAPITULO II

QUE TRATA DA PRIMEIRA SAHIDA QUE DE SUA TERRA FEZ O CAVALLEIRO D. QUICHOTE

QONCLUIDOS todos estes arranjos, o nosso heroe não quiz retardar mais a execução do seu projecto sublime, estimulando-o a lembrança da falta que estava já fazendo ao mundo a sua tardança. Assim pois, uma manhã antes do dia, que era um dos mais encalmados de Julho, sem que ninguem o visse, sem a ninguem dar parte de sua intenção, aprestou-se de todas as suas armas, montou-se no Rossinante; posta a sua vizeira de papelão, empunhou a lança, abraçou a sua adárga, e se lançou ao campo pela porta trazeira do pateo, com grandissimo contentamento e alvoroço de ver com que facilidade dava principio a tamanha empreza. Mas n'isto o assaltou um terrivel pensamento, que por pouco o não fez desistir de seus bons projectos : lembrou-lhe não ter sido ainda armado cavalleiro, e que, segundo as suas leis sagradas, não podia nem devia tomar armas com algum cavalleiro, antes de leval-as brancas como noviço, sem divisa no escudo. Semelhante pensamento não deixava de o arormentar ; mas por fim assentou em que se faria armar cavalleiro por algum que encontrasse, á imitação de muitos que tambem assim o fizéram, segundo as historias que elle tinha lido. Quanto a armas brancas, estava bem certo que as suas assim se tornariam á força de as limpar. Com isto

serenou seu espirito, e seguiu jornada por onde appetecia ao Rossinante, porque acreditava que n'isso consistia a essencia das aventuras.

Caminhou quasi todo o dia sem encontrar a menor occasião, com o que elle se amofinava, de provar o seu valor. Ao anoitecer, achava-se elle e o seu rossim estafado e morto de fome; e, olhando para todas as partes, a ver se descobriria algum castello, ou alguma barraca de pastores onde se recolher. viu ao longe uma estalagem. Deu-se pressa em lá chegar, agradecendo aos céos uma tão grande fortuna.

Achavam-se acaso duas raparigas á porta da estalagem. D. Quichote que via por toda a parte o que tinha lido, assim que avistou a locanda se lhe representou ser um soberbo castello, com sua ponte levadiça e tossos profundos, com suas quatro torres, e ameias de prata, taes como são descriptos nos romances. Foi-se approximando do imaginario castello; e, parando a pequena distancia, esperou que o anão se mostrasse sobre uma das plataformas a dar signal de trombeta por ser chegado um cavalleiro. Vendo, porém, que tardava, e que o Rossinante mostrava pressa de chegar á estrebaria, o nosso heroe se approximou da venda e avistou as duas raparigas, que ali estavam, que a elle lhe pareceram duas graciosas damas, que se espaireciam diante do seu castello. Precisamente n'aquelle momento, um porqueiro, que andava recolhendo sua manada, tocou uma buzina; e logo a D. Quichote se afigurou que era o anão dando signal da sua vinda. Dirigindo-se então ás donzellas, algum tanto assustadas com o aspecta de suas armas, levantou a vizeira de papelão, e, descobrindo o semblante secco e empoeirado, lhes disse: « Não se assustem Suas Mercês, nada têm a receiar, porquanto as leis da cavallaria, que professo, a ninguem permitem que offendamos, quanto mais a tão nobres donzellas que ambas sois. »

Miravam-n'o as raparigas, procurando descobrir-lhe o rosto, sem poderem conter o riso. D. Quichote, já seu tanto agastado, replicou: « A formosura só não basta, é mister um certo comedimento. Dignae-vos, minhas senhoras, desculpar esta advertencia da parte d'um homem, que só deseja poder servir-vos. » A linguagem que as raparigas não entendiam, e o desageitado do cavalleiro, ainda mais augmentavam n'ellas as risadas. D. Quichote ia perdendo a paciencia, quando por felicidade appareceu o locandeiro, um gordo Andaluz e dos da praia de S. Lucar, que em tunantes não lhe ficam atraz, e mais burlões que qualquer estudante, o qual vendo aquella extraordinaria figura de cavalleiro com tão disparatadas armas, esteve para fazer côro com as raparigas nas mostras de hilaridade; porém teve mão em si, assentou em lhe fallar comedidamente, e disse-lhe d'esta maneira: « Senhor cavalleiro, se Vossa Senhoria busca pousada, tudo n'ella encontrará exceptuando o leito: é a unica cousa que n'esta venda não ha. » D. Quichote assás satisfeito com a humildade do alcaide da fortaleza, respondeu: « Senhor castellão, as armas são minhas pompas, e meu descanso o pelejar. — Sendo assim, tornou o locandeiro, algum tanto admirado com o nome de castellão, se Vossa Senhoria deseja passar a noite n'esta pousada

sem dormir, n'ella encontrará certamente muito mais commodidade que em parte alguma. » E dito isto, foi segurar no estribo a D. Quichote, o qual se apeou com extrema difficuldade, como homem que em todo o dia nem migalha havia provado.

Disse elle logo ao vendeiro que tivesse muito cuidado no cavallo, porque era o melhor de todos os animaes n'este mundo. Reparou n'elle o hospedeiro, e nem por isso lhe pareceu tão bom, nem metade, como lhe dizia D. Quichote; todavia accomodou-o na cavalhariça, e voltando a saber o que seu hospede mandava, o achou já ás boas com as donzellas, que o estavam desarmando. Ellas bem o tinham desquitado de duas peças da couraça, porém o que nunca puderam foi desencaixar-lhe a gola, nem tirar-lhe o capacete, que trazia atado com umas fitas verdes, com nós tão cegos, que só cortando-as; no que o nosso fidalgo de modo nenhum consentiu, preferindo passar a noite com a celada posta, que era a mais extravagante figura que se podia imaginar.

As raparigas lhe perguntaram então se queria comer alguma cousa. Respondeu elle francamente que da melhor vontade jantaria. Logo aconteceu ser aquelle dia uma sexta-feira, não havendo na locanda senão umas postas de pescado. Puzeram-lhe a mesa á porta da venda para estar mais á fresca e trouxe-lhe o vendeiro uma porção de mal remolhado bacalhau, e um pão tão duro e tão negro como as armas do cavalleiro. Como D. Quichote tinha posta a celada e a vizeira erguida, não podia metter nada na bôca por suas proprias mãos; e por isso uma das donzellas o ajudava em tal serviço. Agora o dar-lhe de beber é que jámais o seria possivel, se o vendeiro não furára os nós d'uma cana, e, mettendo-lhe na bôca uma das extremidades d'ella, lhe não vazasse pela outra o vinho. Com tudo aquillo se conformava o nosso heroe, só por se lhe não cortarem os atilhos verdes. O que, porém, o desassocegava era não se ver ainda armado cavalleiro.

CAPITULO III

NO QUAL SE CONTA A GRACIOSA MANEIRA QUE TEVE O NOSSO HEROE EM ARMAR-SE CAVALLEIRO



TORMENTADO com este pensamento, apressou D. Quichote a sua parca ceia, e ao cabo d'ella chamou a sós o hospedeiro, e, fechando-se com elle na cavalhariça, se lhe ajoelhou diante, dizendo-lhe: « Illustre cavalleiro, ousou implorar á vossa cortezia de me outorgar um dom. » O vendeiro não comprehendendo semelhantes palavras e admirado de ver aquelle homem aos seus pés, teimava com elle que se levantasse, e não havendo maneira de convencel-o, lhe disse por fim que lhe outorgava o que pedia. « Eu não esperava menos da vossa magnificencia, replicou D. Quichote; o dom que lhe peço só póde redundar em vosso

louvor e proveito do genero humano ; e assim vos digo que a mercê, que a vossa liberalidade me afiança, é que amanhã mesmo me hajaes de armar cavalleiro. Velarei as armas esta noite na capella do vosso castello, e amanhã ao romper d'alva se cumprirá o que tanto desejo, para poder ir por as quatro partes do mundo em soccorro dos fracos e opprimidos, como incumbe aos cavalleiros andantes, no numero dos quaes tanto aneio saber-me emfim aggregado. »

O vendeiro que era, como já dissémos, astuto e folgazão, já havia desconfiado da falta de juizo do nosso heroe, e acabou por se convencer de todo quando tal lhe ouviu ; e, querendo divertir-se um pouco, respondeu com a maior seriedade : « Senhor, uma tão nobre aspiração é bem digna de vossa grande alma. Tambem eu, quando ainda mancebo, me entreguei a este honroso exercicio percorrendo diversas partes do mundo em cata de aventuras, sem me escapar recanto algum, nos arrabaldes de Malaga, mercados de Sevilha, Segovia, Valença, portos, ilhas, vendas, bancos, jardins publicos e varias outras partes onde podesse exercer qualquer acção cavalleirosa. Por fim, já cansado e velho, resolvi recolher-me a este meu castello, onde vivo mui tranquillamente dos meus bens e dos alheios, recebendo n'elle a todos os cavalleiros andantes, de qualquer qualidade e condição, para que repartam comigo os seus haveres, a troco da muita affeição que lhes voto. N'este momento não tenho capella em que possaes velar as armas, porque a mandei demolir para se reconstruir outra mais bella ; porém o pateo d'este castello vos servirá perfeitamente para a vigilia d'esta noite, e amanhã nós faremos as devidas ceremonias de maneira que fiquéis armado cavalleiro, e tão bom cavalleiro como jámais houve no mundo inteiro. »

Perguntou-lhe depois se trazia dinheiro. Respondeu D. Quichote que não, pois nunca havia lido nas historias dos cavalleiros andantes que nenhum o tivesse trazido. A isto retrucou o hospedeiro que se enganava ; que, posto nas historias se não achasse tal menção, nem por isso se havia de acreditar que os cavalleiros não trouxessem uma cousa tão indispensavel como o dinheiro. — « Posso eu asseverar-vos que todos elles levavam a bolsa bem provida, camisas lavadas e uma caixinha de unguentos para as feridas que apanhassem ; porque nem sempre se lhes depararia quem os curasse nos desertos apoz um terrivel combate, a não ser que os soccorresse alguma donzella ou anão com um frasco d'agua de certa virtude, que em provando d'ella uma só gôta, sarassem logo suas chagas como se nada fôra. » E acrescentou que os antigos cavalleiros sempre tivéram por boa precaução que seus escudeiros fossem prevenidos de dinheiro, fios e unguentos ; mas quando acontecia não terem escudeiros, o que era bem raro, elles proprios em pessoa levavam tudo aquillo ao disfarce n'uns alforges. Por isso lhe ordenava como a afilhado, que brevemente seria, que d'ahi em diante não tornasse a viajar assim sem dinheiro e outras cousas necessarias.

Prometteu D. Quichote executar o bom conselho, e deu-se logo ordem a serem veladas as

armas no pateo grande da venda, indo elle proprio juntar todas as suas. Collocou-as em cima d'uma pia ao pé d'um poço e, tendo abraçado a sua adárga, empunhou a lança e começou a passear diante da pia, quando já se acabava de cerrar a noite. Todos quantos estavam na estalagem fôram espreital-o de longe e viram D. Quichote andar umas vezes passeando com socegada compostura, outras parar arrimado á sua lança, de olhos fitos nas armas.

N'este comenos lembrou-se um dos arrieiros, que se achavam na venda, de ir dar de beber ás suas cavalgaduras, tornando-se-lhe preciso tirar de cima da pia as armas de D. Quichote. Este vendo-o acercar-se, lhe diz em alta voz : « Ó tu, quem quer que sejas, ousado cavalleiro, que vens tocar nas armas do mais valoroso de todos quanto hão cingido espada, olha bem o que fazes e não lhes toques, se não queres expiar com a morte o teu atrevimento. » O pobre arrieiro, sem curar d'estas bravatas, lançou mão das armas e arremessou-as para longe. D. Quichote então, levantando os olhos ao céu e dirigindo-se á sua Dulcinêa, disse : « Senhora minha, assisti-me n'esta affronta ! Não me falte n'este primeiro trance o vosso amparo ! » E dizendo isto, larga a adárga e alçando a lança ás mãos ambas descarregou com ella tamanho golpe na cabeça ao arrieiro, que o derrubou no chão sem sentidos. Feito isto, apanhou e repoz no seu logar as suas armas, e tornou-se ao passeio com a mesma serenidade do principio.

D'ali a pouco, um outro arrieiro, ignorando o que era passado, porque o infeliz ainda estava sem acôrdo, quiz tambem dar agua aos seus machos, e tirou as armas de cima da pia. D. Quichote, sem dizer palavra, e sem mesmo invocar a sua Dulcinêa, alçou de novo a lança e fendeu em quatro a cabeça d'este segundo arrieiro. Ao ruido acudiu toda a gente, e o proprio hospedeiro. D. Quichote, vendo isto, abraçou a sua adárga, e exclama : « Ó dama da formosura, vigor e esforço do meu coração, animae-me com um olhor vosso n'esta terrivel aventura ! »

Dito isto, recobrou tanto animo, que nem todos os arrieiros do mundo o fariam recuar d'um passo. Os companheiros dos feridos começaram de longe a chover pedras sobre o nosso heroe, o qual se ia d'ellas anteparando o melhor que podia com a sua adárga, sem se afastar da pia para não desamparar as suas armas. Gritava o estalajadeiro para que deixassem o homem, porque já lhes havia dito que era doudo e muito capaz de os matar a todos. Porém D. Quichote ainda mais alto bradava, chamando-lhes covardes, traidores, e acrescentava que o senhor castellão era um desleal cavalleiro por consentir que assim tratassem tão nobre fidalgo, e que, a ter já recebido a ordem da cavallaria, elle o ensinára. — « Porém de vós outros, proseguiu elle, vil e baixa canalha, vinde, chegae, atirae-me, que vereis o pago que levaeis de vossa insolencia. »

Proferia estas palavras em um tom tão firme e resolutivo, que os arrieiros assustados tiveram por melhor seguir os conselhos do vendeiro e deixaram de o apedrejar. Levaram então os feridos, e D. Quichote continuou na vela das armas com a mesma tranquillidade que a principio. O locandeiro já pouco satisfeito com as proezas do hospede, determinou abreviar e dar-lhe

a negregada ordem da cavallaria sem perda de tempo; e assim approximando-se-lhe se desculpou da insolencia d'aquelles villões, que tão bem castigára, e lhe repetiu, o que já tinha dito, que não havia capella no seu castello, e para o poucochito que faltava bem podia isso dispensar-se; que o essencial para ficar armado cavalleiro consistia na espadeirada e accolada, cerimonia que até no meio d'um campo se podia fazer.

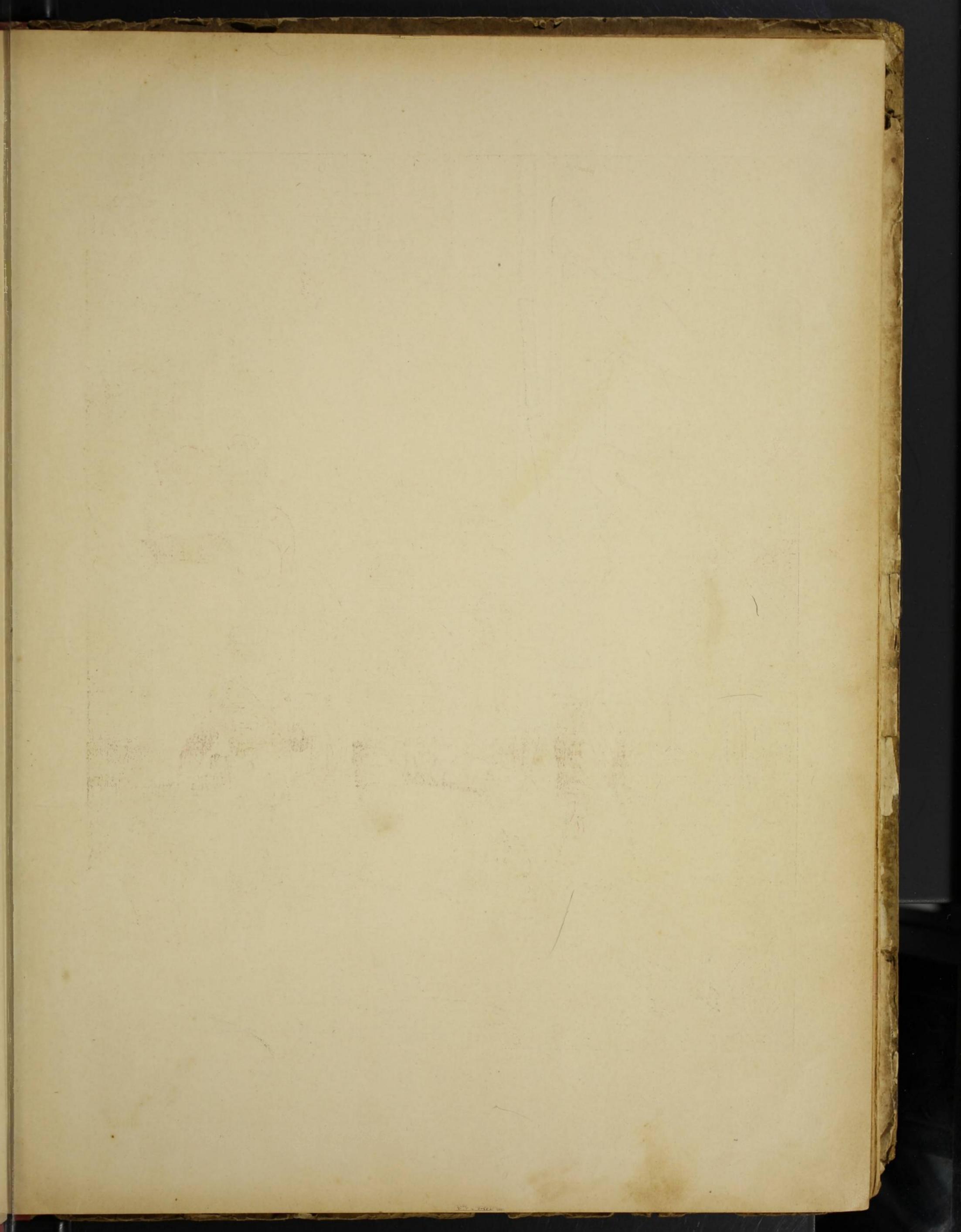
Tudo lhe acreditou D. Quichote, e pediu-lhe que finalizasse com a maior brevidade possível, porque se tornasse a ser accommettido depois de armado cavalleiro, não deixaria pessoa viva no castello. Apressou-se o castellão em ir buscar o livro em que assentava a cevada e a palha, que dava aos arrieiros, e com um côto de vela que um moço lhe trouxe accêso, e com as duas sobreditas donzellas, voltou para ao pé de D. Quichote. mandou-o pôr de joelhos, e, lendo no seu manual em tom de quem recitava alguma oração, levantou a mão e lhe descarregou um bom pescoção, e logo depois uma valente pranchada com a sua propria espada. Feito isto, uma das donzellas lhe cingiu a espada, fazendo esforço para não rebentar de riso; a outra calçou-lhe a espora. Perguntou-lhes D. Quichote como se chamavam, afim de repartir com ellas da honra que viesse a alcançar. Responderam as humildes donzellas, que uma se chamava *Tolosa*, e era filha d'um remendão de Toledo; que a outra era filha d'um moleiro, e se chamava *Moleira*; mas onde quer que as encontrasse, o serviriam como a seu Senhor. Replicou-lhes D. Quichote que, por amor d'elle, lhe fizessem a mercê d'ahi em diante de se tratar por *Dom*, e se chamassem *Dona Tolosa e Dona Moleira*.

Concluidas as ceremonias, já tardava ao nosso cavalleiro a hora de se ver encavalgado e correr em busca de aventuras. Apparelhou sem mais detença o seu Rossinante, montou-se n'elle, e, abraçando o locandeiro. lhe disse cousas tão extraordinarias em agradecimento a havel-o armado cavalleiro, que se torna impossivel repetil-as. O hospedeiro para o ver já fóra da venda, replicou na mesma linguagem, porém mais laconicamente; e, sem lhe pedir a paga de sua pousada, o deixou ir com granue alegria.

CAPITULO IV

DO QUE SUCCEDEU AO NOSSO CAVALLEIRO DEPOIS DE SAHIR DA HOSPEDARIA

LA rompendo a manhã, quando D. Quichote se poz a caminho, tão contente e com tal alvoroço por se ver emfim armado cavalleiro, que estremecia de jubilo em cima do cavallo. Recordando-se dos conselhos do hospedeiro, determinou voltar a casa para se prover de dinheiro e camisas, e tambem d'um escudeiro. Deitou logo o sentido á pessoa d'um





Dom Quichote

Imp. Marmy

Lendo no seu manual em tom de quem recitava alguma oração.

lavrador seu vizinho, que era pobre e com filhas, mas de molde para o officio de escudeiro errante. Com este pensamento se dirigiu para a sua aldeia; e o Rossinante, como se adivinhara a vontade do dono, largou a caminhar com tal ligeireza, que nem quasi assentava os pés no chão.

Poucas milhas tinham andado, quando D. Quichote avistou um grande tropel de gente, que eram, como depois se veio a saber, uns mercadores de Toledo, que se iam a Murcia á compra de sedas. Eram elles seis com seus guarda-soes, com mais quatro criados a cavallo e tres moços de mulas a pé. Teve logo D. Quichote para si ser cousa de nova aventura; e no mesmo instante lhe acudiu á mente o partido que d'isso podia tirar.

Firma-se bem nos estribos, conchega a acãrga, aperta a lança e, collocando-se com todo o denodo no meio do caminho á espera de que chegassem aquelles cavalleiros andantes, alçou a voz e disse com gesto arrogante: « Detei-vos, e confessae que não existe em todo o mundo donzella mais formosa que a imperatriz da Mancha, a sem rival Dulcinêa del Toboso. » Estacaram os mercadores ouvindo aquellas palavras, e mais vendo uma tão estranha figura; porém logo entenderam estarem mettidos com um doudo, e um d'elles que era seu tanto brincalhão quiz ver em que pararia aquella intimação: « Senhor cavalleiro, disse elle, nós outros não conhecemos quem seja essa dama; deixae-nol-a ver, que, a ser ella de tanta formosura como encarecestes, de melhor vontade confessaremos a verdade que exigis de nós. — Na verdade? replicou D. Quichote; se a visseis, que merito fôra confessardes tão notoria evidencia? O que importa é que, sem a ver o acrediteis, confesseis, affirmeis, jureis e defendais; quando não, entrarcis comigo em combate, gente orgulhosa e soberba, seja um por cada vez, segundo as leis da nobre cavallaria, ou todos de roldão, como é costume nos homens de vossa especie: eu só com o meu braço defenderei a minha causa. — Dignae-vos escutar-me, tornou-lhe o mercador; em nome de todos estes principes, que presentes somos, ousou supplicar a Vossa Honra para que tranquilise nossas consciencias, não nos obrigando a confessar uma cousa que nunca vimos nem ouvimos, e mais sendo tanto em menoscabo d'outras rainhas ou imperatrizes da Alcarria e Estremadura; que seja Vossa Senhoria servido de nos mostrar algum retrato d'essa dama, uma miniaturasinha que seja, e só com isso ficaremos satisfeitos e seguros. E até creio que já vamos estando tanto em favor d'ella, que, ainda quando nos mostre ser torta d'um olho, coxa e corcovada, apesar d'isso nós diremos em seu abono quanto se quizer, por comprazermos com Vossa Graça. — Ella não é vesga, nem tão pouco coxa e corcovada, canalha infame! exclama D. Quichote accêso em colera; seus olhos são mais bellos, mais brilhantes que as estrellas dos céos; seu talhe mais gracioso, mais direito que um fuso de Guadarrama. Vós ides pagar n'este instante mesmo tamanha blasphemia e insolencia! »

Proferindo estas palavras, arremetteu logo com a lança em riste contra o que lhe fallára; e, se a boa sorte não permittira que o Rossinante esbarrasse e cahisse, mal passaria o

atrevido mercador. Com o estender-se do cavallo, foi o nosso heroe rolando pelo campo fóra, sem lograr levantar-se, de tal modo embaraçado com a lança, adárga, esporas e o peso da armadura velha. Emquanto se debatia por erguer-se, dizia : « Não fujais, covardes : a culpa é do meu cavallo, senão eu vos castigaria ! » Um moço de mulas, que não devia ser dos melhor intencionados, não o poudo levar á paciencia ; e, chegando-se a elle, tomou a lança, fêl-a em pedaços, e com um dos troços d'ella começou a dar pancadaria basta ao nosso D. Quichote. Bradavam-lhe os amos que não lhe désse tanto e o deixasse, porém o moço, que já estava fóra de si, não quiz accommodar-se antes de acabar de desfazer todos os troços da lança sobre o pobre estirado, seguindo depois seu caminho com os outros mercadores. D. Quichote assim que se viu só, tornou a fazer diligencias para se erguer, mas nem mover-se podia de moido e derreado que estava de todo o corpo ; deixou-se ficar estendido, imaginando que emfim era desgraça propria de cavalleiros andantes e toda a attribuia á culpa do seu corcel.

CAPITULO V

CONTINUAÇÃO DA DESGRAÇA DO NOSSO HEROE

QUIZ o acaso que acertou de passar por ali um lavrador de sua mesma aldeia, que vinha de levar uma carga de trigo ao moinho, o qual vendo aquelle homem que tão tristemente se queixava, lhe perguntou quem era, e que mal sentia. D. Quichote, ainda atordado, apenas proferia palavras inintelligiveis. O lavrador tirou-lhe a vizeira já meia despedaçada, limpou-lhe o rosto da poeira, e, encarando-o melhor, para logo o reconheceu. « Senhor Quixada ! disse elle, quem o poz a Vossa Senhoria n'esta lastima ? » A todas estas perguntas, resposta nenhuma. O bom do lavrador lhe tirou a armadura velha, para examinar se elle tinha alguma ferida ; porém não viu signal algum de sangue. Procurou, então, levantá-lo do chão, e, com immenso trabalho lá conseguiu pôl-o para cima do seu jumento. Em seguida recolheu as armas, e até os troços da lança, amarrou tudo ás costas do Rossinante, tomou-o pela rédea, e ao jumento pelo cabresto, e se poz a caminho.

Era já noite quando os nossos viajantes chegaram ao logarejo. O lavrador conduziu D. Quichote á sua casa, que estava toda em reboição : seus bons amigos o Cura e o barbeiro do logar achavam-se lá n'aquelle momento. A ama dizia em altas vozes : « Que lhe parece, senhor licenciado Pedro Peres ? (assim se chamava o Cura). Ha já seis dias que meu amo não apparece, e não se encontra nem o rossim, nem a adárga, nem as armas. Ah ! desgraçada de

mim! Digo-lhe senhor Cura, que é tão certo como ter eu de morrer, que estes malditos livros de cavallaria lhe viraram o juizo! E agora me lembro de ter-lhe ouvido muitas vezes, fallando entre si, que se havia de fazer cavalleiro andante, e ir-se em busca de aventuras. Que Satanaz e Barrabaz levem comsigo toda essa livraria, que assim deitaram a perder o mais subtil entendimento em toda a Mancha! — Ah! mestre Nicoláo, adduzia a sobrinha dirigindo-se ao barbeiro, é mister que saiba que muitas vezes succedeu o meu tio estar lendo d'estes infernaes livros dous dias e duas noites a fio, até que por fim se levantava accêso em furia, mettia mão á espada, e andava ás cutiladas com as paredes. E, quando já muito estafado, dizia que tinha morto quatro gigantes como quatro torres, bebia em seguida um grande copo d'agua, que se lhe afigurava ser uma preciosissima bebida, que lhe havia dado o seu amigo Esquife, um grande encantador, para sarar suas feridas. Muito me arrependo agora, de vos não ter avisado, mestre Nicoláo; pois terieis podido salvar meu tio queimando todos esses excommungados livros, que bem merecem ser abrazados como se fossem de herejes. — Isso tambem eu digo, tornou-lhe o Cura, não nos preocupámos bastante com o perigo d'esses alfarrabios. »



Assim estavam fallando, quando o lavrador que conduzia D. Quichote bateu á porta. Accorreram logo todos; e como conheceram, uns o amigo, as outras o tio e o amo se lançaram aos abraços a D. Quichote, que ainda não tinha podido apear-se do jumento. « Párem todos, lhes disse o heroe, estou ferido, gravemente ferido por culpa do meu cavallo. Levem-me para a cama, e chame-se, podendo ser, a sabia Urganda, que me procure as feridas. — Olhae, exclama a ama, se me não adivinhava o coração! Vinde comnosco, senhor; nos cá o curaremos como soubermos, mesmo sem essa tal Urganda. Ah! malditos sejam outra vez esses damnados livros, que o pozeram em semelhante estado! »

Levaram logo D. Quichote á cama, e, procurando-lhe as feridas, nenhuma lhe acharam. Disse elle então, que todo o seu mal era moedeira, por ter dado uma grande quéda com o seu cavallo, combatendo-se com dez gigantes os mais terriveis de quantos consta que no mundo haja. — Bom, bom! replicou o Cura, temos gigantes no caso; pois ámanhã sem mais tardança, hão de os livros ser queimados. »

Fizeram a D. Quichote mil outras perguntas sem que elle respondesse a nenhuma, senão que lhe déssem de comer e o deixassem dormir. Assim se fez; e entrementes contou o lavrador como elle havia encontrado o pobre cavalleiro, e tudo mais que se passára, o que augmentou

no Cura o desejo de fazer o que de facto executou no dia immediato, que foi chamar seu amigo barbeiro, o mestre Nicoláo, com o qual voltou á casa de D. Quichote.

CAPITULO VI

SEGUNDA SAHIDA DO CAVALLEIRO D. QUICHOTE

Na manhã seguinte, despertou D. Quichote dando altos brados : « A mim, a mim ! é mister aqui provar quanto póde vossa coragem ; os cortezãos alcançam o premio do torneio ! » Accorreram todos áquelles gritos. D. Quichote já estava levantado, e proseguia bradando e dando cutiladas para todas as partes. Lá conseguiram á força deital-o no leito; e o nosso heroe depois de serenar um pouco voltou-se paro o Cura, dizendo : « Por certo, senhor arcebispo Turpin, que é grande dezar para os que nós chamamos doze pares, abandonarmos covardemente aos cavalleiros cortezãos a victoria d'este torncio, tendo nós outros ganhado o premio dos tres dias antes. — Mas que remedio, querido vizinho, replica o Cura, senão submettermo-nos : talvez Deus seja servido permittir que a sorte se mude, e o que hoje se perde, amanhã se ganhe. Por agora, o que importa é tratar da saúde, que, segundo me parece, deve meu amigo estar muitissimo cançado, quiçá até ferido. — Ferido ? não, tornou D. Quichote, porém moido bastante, porque aquelle bastardo de D. Roldão, furioso por ver que eu só lhe disputava a victoria, me moeu á bordoadada com o tronco d'uma azinheira. Mas Reynaldo de Montalvão me não torne eu a chamar se em me levantando d'este leito elle m'o não pagar, a despeito dos seus encantamentos. E por agora tragam-me de jantar. » Deram-lhe de comer ; e logo depois recahiu no somno.

Passados dous dias, ergueu-se D. Quichote, e durante quinze dias não deu mostras de querer encetar nova campanha. Sómente, nas suas frequentes conversações com o Cura e o barbeiro, insistia sempre sobre a utilidade da cavallaria andante e sobre seus projectos de a fazer resuscitar. O Cura contradizia-o algumas vezes e outras dizia com elle afim de evitar controversias. Ignorava elle que, n'este meio tempo, D. Quichote sollicitava em segredo a um lavrador seu vizinho, homem de bem, se tal titulo se póde dar a um pobre, mas de pouco sal na moleira, que se dispozesse a acompanhal-o servindo-lhe de escudeiro. Entre outras promessas que o nosso heroe fazia ao pobre rustico, dizia-lhe que bem podia dar o caso que do pé para a mão ganhasse alguma ilha, e o deixasse por governador d'ella. O credulo lavrador, que se chamava Sancho Pança, deixou-se seduzir por esta esperanza, e determinou deixar mulher e filhos para ser escudeiro do fidalgo. D. Quichote deu logo ordem a buscar dinheiros ; e vendendo umas

cousas e empenhando outras e malbaratando-as todas, juntou uma quantia razoavel. Pediu emprestado a um amigo uma rodella melhor que a sua, concertou novamente seu capacete, proveu-se de camisas conforme o conselho do locandeiro, e notificou ao seu escudeiro Sancho o dia e a hora em que tencionava pôrem-se a caminho. Recommendeu-lhe sobretudo que levasse alforges. Prometteu Sancho que os não esqueceria, e acrescentou que, não estando acostumado a andar muito a pé, pensava tambem em levar um jumento que tinha mui bom. N'aquillo do jumento é que D. Quichote não deixou de reflectir o seu tanto, pois não se recordava que algum escudeiro celebre teria seguido seu amo montado n'um burro. Todavia, decidiu que daria a Sancho o cavallo do primeiro cavalleiro descortez que encontrasse, e consentiu então que levasse o jumento.

Feito e cumprido tudo quanto desejava, D. Quichote e seu escudeiro, sem se despedirem de pessoa alguma, sahiram uma noite do logar e caminharam tão bem, que ao amanhecer já se iam seguros de que os não encontrariam. Ia Sancho sobre seu jumento como um bom patriarcha, com seus alforges e sua borracha, impaciente de se ver já governador da ilha, que lhe havia sido promettida. Disse então Sancho Pança a seu amo :

— « Senhor cavalleiro andante, supplico á Vossa Mercê, não se esqueça do que me prometeu a respeito da ilha. Quanto a governal-a bem, por grande que seja, fica por minha conta. — Amigo Sancho, respondeu D. Quichote, foi sempre costume dos antigos cavalleiros andantes fazerem governadores os seus escudeiros, das ilhas ou reinos que elles ganhavam: pódes estar certo que eu, por minha parte, não darei quebra a esta nobre usança, antes n'ella me desejo avantajár; porquanto todos esses cavalleiros estavam á espera de que os seus escudeiros chegassem a velhos, e já depois de fartos de servir, é que lhes davam algum titulo de Conde ou de Marquez d'alguma provincia de pouco mais ou menos; porém eu, se Deus nos der vida, bem poderá ser que antes de seis dias eu ganhe um tão grande imperio, que um dos reinos dependentes te caiba em partilha. Não julgues que seja cousa difficil ou extraordinaria, pois cousas e casos acontecem a nós outros cavalleiros por modos nunca vistos e pensados. — Sendo assim, replicou Sancho, quando eu chegar a ser rei, Joanna Guttierres, minha mulher, será tambem rainha, e os meus filhos infantes? — Quem o duvida? — Duvido eu, porque conheço minha mulher, e vos asseguro que ainda que chovesse corôas sobre a terra, nenhum assentaria bem na sua cabeça, porque para rainha não vale dous maravedis: condessa, não digo



que não; ainda assim não ha de ser cousa facil. — Não te apoquentes com isso, meu amigo; Deus lhe dará o que mais lhe acerte. Quanto a ti, não sejas tão humilde que te contentes com menos que ser um bom governador. — Oh! que Vossa Senhoria esteja descansado; animo hei de eu ter, e mais servindo a um amo tão bom e valoroso como é Vossa Graça, que ha de saber dar-me tudo que me esteja bem. »

CAPITULO VII

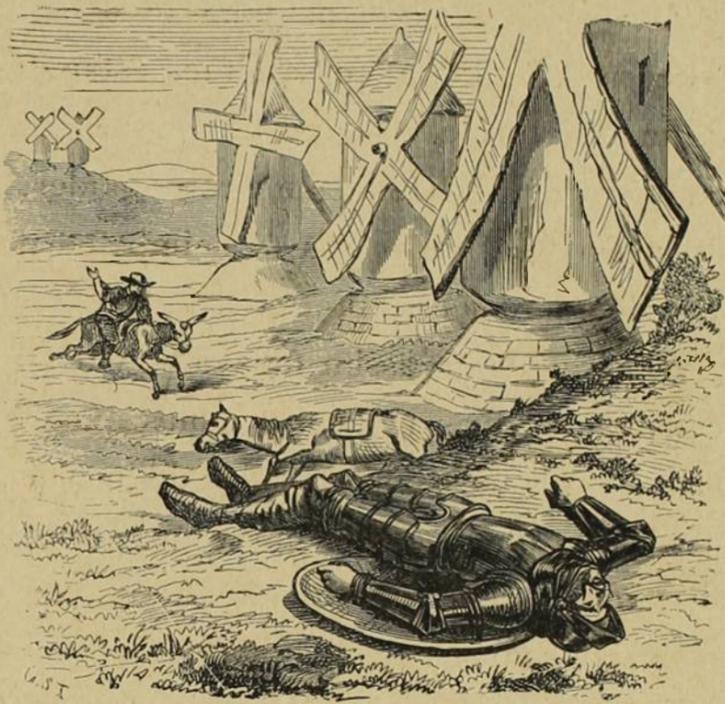
DO BOM SUCCESSO QUE TEVE D. QUICHOTE NA ESPANTOSA AVENTURA DOS MOINHOS DE VENTO

QUANDO assim iam conversando, descobriu D. Quichote trinta ou quarenta moinhos de vento; e voltando-se para seu escudeiro lhe disse: « Amigo, a aventura vae encaminhando nossos negocios muito melhor do que soubémos desejar. Vês tu ali ao longe aquelles terriveis gigantes? Seu numero é superior a trinta; mas que importa, eu vou atacar esses desaforados inimigos de Deus e dos homens. Os seus despojos começarão a enriquecer-nos. — Quaes gigantes? tornou Sancho. — Aquelles que ali vês de braços tão compridos, que parecem ter quasi duas leguas. — Olhe bem no que faz meu senhor, que aquillo são moinhos de vento, e os que parecem braços não são senão as vélas. — Ah! meu pobre amigo, bem se vê que não andas corrente das aventuras. Digo-te eu que são gigantes; e, se tens medo, tira-te d'ahi e põe-te em oração em quanto eu vou entrar com elles em desigual e fera batalha. »

Dizendo isto, metteu esporas ao cavallo, sem attender aos gritos do pobre Sancho, que lhe repetia serem sem duvida alguma moinhos de vento, e não gigantes; mas tão cego ia elle, que nem reconhecia o que era, com o estar já mui perto, e proseguia dizendo: « Não fujais, covardes bandidos; um só cavalleiro vos investe. » N'este comenos levantou-se um pouco de vento, e as vélas começaram a mover-se. « Oh! ainda que movais mais braços do que os do gigante Briareu, volveu D. Quichote, m'ò haveis de pagar. » Dito isto, ajusta a couraça, e encommendando-se á sua Dulcinêa, arremetteu a todo o galope, com a lança em riste, contra a véla do primeiro moinho, que levantou desastradamente cavallo e cavalleiro, que foi rolando pelo campo fóra. Acudiu Sancho a soccorrel-o a todo o correr do seu jumento. — Valha-me Deus! disse elle, ha uma hora que lhe grito, que não eram senão moinhos de vento, o que só o podia desconhecer quem dentro na cabeça tivesse outros. — Silencio! amigo, respondeu o heroe; as cousas da guerra são de todas as mais sujeitas a continuas mudanças; sobretudo quando se tem

por inimigo esse temivel encantador Frestão. Foi elle por certo que transformou estes gigantes em moinhos, para me falsear a gloria de os vencer. Paciencia! pouco lhe hão de valer as suas más artes contra a força da minha espada. — Permitta Deus que assim seja! » respondeu Sancho ajudando-o a levantar e o mesmo fez ao Rossinante que estava meio desconjuntado.

Tornou o nosso heroe a subir para cima do cavallo, e continuou seu caminho para Porto Lápice, certo de que encontraria por ahi muitas e diversas aventuras, por ser sitio de grande passagem. Lastimava o ver-se sem lança, que a véla do moinho fizera em pedaços. « Meu amigo, dizia elle a Sancho, recordo-me ter lido que um cavalleiro hespanhol, por nome Diogo-Peres de Vargas, tendo-se-lhe quebrado a espada n'uma batalha, arrancou um ramo ou um tronco de carvalho, com o qual matou tantos Mouros, que lhe ficou de appellido o *Matador*. Farei o mesmo que esse Peres de Vargas. A primeira azinheira que se me depare, hei de sacar-lhe outro páo tão bom como aquelle, e fazer com elle taes façanhas, que jámais pessoa alguma poderá acreditar-as. — Queira Deus que assim seja! replicou Sancho; mas veja se se endireita um pouquinho, que parece ir descahindo para a banda. — E' verdade que me resinto do trambolhão que apanhei; e se me não queixo com a dôr, é porque não é dado aos cavalleiros andantes lastimarem-se ainda que tenham o peito trespassado. — É o diacho, se o mesmo devem fazer os escudeiros, porque eu em me doendo seja o que fôr, hei de por força berrar. Mas, não vos parece, senhor, que já vão sendo horas de jantar? » Respondeu-lhe D. Quichote que por emquanto lhe não era necessario, e que comesse elle se lhe appetecia. Com esta licença, ageitou-se Sancho o melhor que pode sobre o seu jumento, tirou dos alforges o que lá havia mettido, e todo entregue ao prazer de ir em cata de aventuras, sem se lembrar das promessas do amo, se poz a caminhar atraz d'elle, amiudando os tragos e empinando a borracha com tanto gosto, que faria inveja ao maior bebedor de malaga.



Cahiu por fim a noite e os nossos aventureiros passaram-na entre umas arvores. Escolheu D. Quichote um forte tronco, e n'elle poz o ferro da sua lança. Não pregou olho em toda a noite, pensando na sua Dulcinêa afim de imitar esses cavalleiros, que passavam sem dormir nas florestas e desertos, enlevados na lembrança de suas damas. Sancho, porém, levou a noite toda d'um somno; e se o amo o não chamára, não bastariam para acordal-o os raios de sol que lhe

davam no rosto, nem as cantorias das aves que saudavam a vinda do novo dia. Ao abrir os olhos, deu mais um beijo na borracha, que achou mais chata que a noite passada. O nosso heroe, que só queria sustentar-se de saborosas memorias, recusou almoçar. Proseguiram ambos seu caminho, e, depois de tres horas de marcha, avistaram ao longe o Porto Lápice.

« D'esta feita, exclamou D. Quichote, é que podemos, amigo Sancho, metter os braços até aos cotovêlos no que chamam *aventuras*. Mas adverte que, embora me vejas nos maiores perigos do mundo, não has de metter mão á espada para me defender, salvo se vires que os que me atacam são gente baixa e canalha, que n'esse caso podes ajudar-me. Se forem, porém, cavalleiros, de modo nenhum te é licito nem concedido nas leis da cavallaria que tu me soccorras. — Póde Vossa Graça estar descansado, que será pontualmente obedecido. Eu sou de meu natural pacifico e inimigo de intrometter-me em pendencias. Todavia, se investirem comigo, hei de defender-me como puder, sem fazer caso d'essas leis. — Não digo menos d'isso e espero terás mão nos teus impetos naturaes. — Affirmo-lhe, senhor, que assim o farei. Hei-de guardar esse preceito tão religiosamente como os dias santos e domingos. »

Emquanto assim fallavam, viu D. Quichote vir pelo caminho dous frades beneditinos, cavalgando duas pequenas mulas que se lhe aliguraram dous dromedarios. Traziam ambos seus guarda-sóes e seus oculos de jornada. Atraz seguia um coche com quatro ou cinco homens a cavallo, que o acompanhavam, e dous moços de mulas a pé. Vinha no coche uma senhora biscainha, que ia a Sevilha, onde estava seu marido prestes a passar ás Indias. Os dous religiosos não viajavam com ella, ainda que seguiam o mesmo caminho. Apenas D. Quichote os avistou, disse para o seu escudeiro : « Ou eu me engano, ou esta vae ser a mais afamada aventura que jámais se viu. Aquelles vultos negros, que ali vês, devem ser sem duvida dous encantadores, que levam n'aquelle coche alguma princeza raptada. Bem vês, meu amigo, que é forçoso que eu desfaça esta violencia. — Repare bem, meu amo, disse Sancho, veja o que vae fazer, não seja o demonio que o engane. Peor será esta, que a dos moinhos de vento. Eu só vejo dous frades, e uma dama no coche. — Já te disse, replicou D. Quichote, que pouco sabes de aventuras; verás mui breve que o que eu suspeito é verdade. »

Dizendo isto, adiantou-se e poz-se no meio do caminho por onde vinham os beneditinos : « Satellites do diabo ! bradou elle, dae immediatamente liberdade a essas altas princezas que levas furtadas n'esse coche, quando não, prepara-vos para receber o justo castigo do vosso atrevimento. » Os frades, admirados, deliveram as rédeas e responderam : « Senhor cavalleiro, nós outros não somos o que pensaes, mas tão sómente dous religiosos da ordem de S. Bento, que vamos nossa jornada ; e de todo ignoramos se n'esse coche vêm, ou não, algumas princezas violentadas... — Fallas mansas não me enganam a mim, interrompeu D. Quichote : bem vos conheço, fementida canalha ! » E sem aguardar mais resposta, arremetteu de lança

baixa com o primeiro frade, que apenas teve tempo para se deixar cair da mula; seu companheiro, assustado, metteu pernas á sua, e desatou a correr pelo campo fóra. Sancho, que viu o frade por terra, apeou-se do burro com a maior pressa, arremetteu com o beneditino, e começou a tirar-lhe os habitos. Acudiram dous moços do coche, e perguntaram a Sancho porque despia o frade. Respondeu-lhes o escudeiro que a fatiota lhe pertencia a elle legitimamente, como despojos da batalha, que seu amo D. Quichote havia ganhado. Os moços, que não entendiam lá muito bem as leis da cavallaria, investiram com Sancho e déram com elle em terra, arrancaram-lhe as barbas, deixando-o estendido como morto. Ajudaram depois a levantar o frade, e a pôl-o sobre a mula; e este tremulo de medo se apressou de reunir-se ao companheiro que, parado no meio dos campos, estava observando o que se passava. Não quizeram esperar mais pelo desfecho d'aquella aventura, e seguiram seu caminho fazendo mais cruces, que se levasse o diabo atraz de si.

Entrementes, D. Quichote estava fallando com a senhora do coche, á qual dizia: « A vossa formosura, senhora minha, póde seguir onde melhor lhe agrada: este braço acaba de derribar e punir os vossos inimigos. Desejaes, talvez, saber o nome do vosso libertador: sabei pois que sou D. Quichote de la Mancha, cavalleiro andante, e captivo da bella Dulcinêa del Toboso. E só peço em paga do beneficio, que de mim haveis recebido, que volteis a Toboso, e vos apresenteis a essa illustre dama, e lhe digaes o que fiz para vos libertar. »

Escutava este bello discurso um cavalleiro biscainho, que acompanhava o coche, e vendo que o nosso heroe não queria deixal-o ir para diante, mas teimava que havia de voltar para Toboso, frez frente a D. Quichote, e, agarrando-lhe na lança, lhe disse em máo castelhano: « Anda, cavalleiro, que mal andas; pelo Deus que me creou, que, se não deixas o coche, morres tão certo como ser eu biscainho. — Miseravel! responde o heroe, se fôras cavalleiro, já eu teria catigado o teu atrevimento. — Não sou cavalleiro, eu! replica o outro; eu, biscainho, gentil-homem por terra, por mar, pelo diabo: tu mentiste! arranca tua espada. »

A estas palavras, D. Quichote atira a lança ao chão, desembainha a espada e arremette contra seu inimigo. O biscainho, que o via vir sobre elle, quiz apear-se por não se fiar muito na sua mula de aluguer; porém não teve tempo, e o mais que poudo fazer foi puxar da espada, tomar uma almofada do coche para lhe servir de escudo. Todas as pessoas que estavam em redor quizeram oppôr-se ao combate. O biscainho jurava na sua linguagem especial que mataria a quantos lh'o estorvassem; e a dama do coche, temerosa e pasmada do que via, disse ao cocheiro que se desviasse algum tanto d'ali, e se poz de longe a admirar os dous terriveis adversarios.

Os valorosos combatentes, erguendo simultaneamente as suas terriveis espadas, pareciam ameaçar o céo e a terra. O primeiro que vibrou o golpe foi o colerico biscainho, e com tal furia o descarregou, que, a não se voltar nos ares o ferro, bastara aquella cutilada para dar fim ao

combate e a todas as aventuras do nosso heroe; mas a boa sorte, que o guardava para maiores cousas, torceu a espada do biscainho, por modo que, embora lhe acertasse no hombro, não fez senão desarmal-o d'aquella banda, levando-lhe de caminho grande parte da celada com a metade da orelha. Santos Deus! Quem poderá exprimir a colera de D. Quichote! Aprumou-se de novo nos estribos, e, apertando mais a espada nas mãos, deixou-a cahir como uma montanha em cima da cabeça de seu inimigo. Não obstante a almofada que a defendia, o golpe foi tão violento e terrível, que o desgraçado biscainho começou logo a deitar sangue pelo nariz, pela bôca e pelos ouvidos; e sem falta cahiria da mula, se não abraçasse ao pescoço do animal. A mula espantada, largou a correr pelo campo pregando com seu dono em terra. D. Quichote assim que o viu cahido, lhe apontou a espada e lhe disse que se rendesse ou lhe cortaria a cabeça. Estava o



biscainho por tal modo aturdido, que não podia responder palavra; e mal passaria á vista da cegueira do nosso heroe, se as damas do coche, que até então tinham presenciado o combate com grande temor e susto, não corressem para onde elle estava, pedindo-lhe com as maiores instancias lhes fizesse a infinita mercê de não tirar a vida ao seu escudeiro; ao que D. Quichote respondeu com altiva gravidade:

« Illustres princezas, eu me julgo contente de fazer o que me pedis; porém ha de ser com uma condição; vem a ser que este cavalleiro me promettêrá de ir a Toboso e apresentar-se da minha parte a formosa Dona Dulcinêa, para que faça d'elle o que fôr mais de sua vontade. » As pobres damas, sem perguntarem quem vinha a ser essa Dona Dulcinêa, lhe prometteram tudo em nome do biscainho; e D. Quichote mui satisfeito deixou a vida ao vencido.

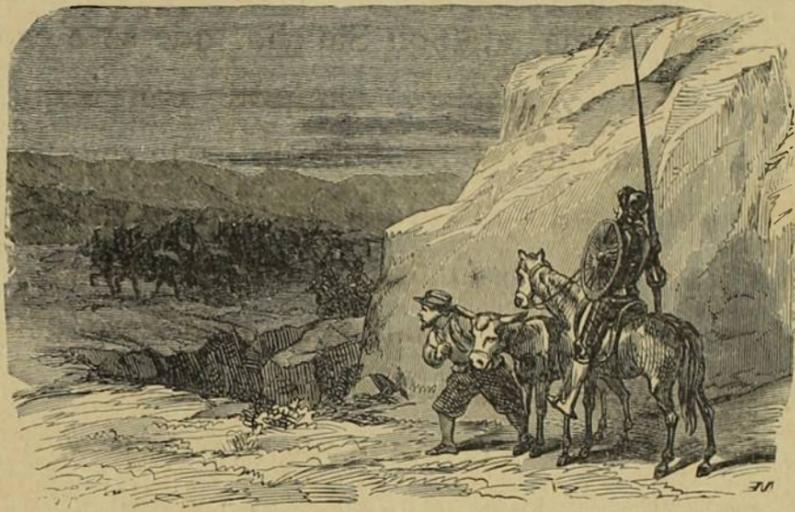
CAPITULO VIII

INTERESSANTE COLLOQUIO ENTRE D. QUICHOTE E SEU ESCUDEIRO

SANCHO Pança, algum tanto maltratado pelos moços do coche, já se havia levantado e assistira attento ao combate de seu amo, rogando a Deus pela victoria de D. Quichote. Vendo-o pois vencedor e prestes a encavalgar-se no Rossinante, correu a pôr-se de joelhos diante d'elle, pegou-lhe na mão, beijou-a, e disse-lhe: « Seja Vossa Senhoria servido, meu rico amo, de me dar o governo da ilha que n'esta pendencia ganhou, pois sinto-me com

forças de a saber governar a contento de Vossa Senhoria. — Meu pobre amigo, respondeu D. Quichote, isto não são aventuras de ilhas, mas apenas simples encontros, em que se não ganha outro cousa mais do que cabeça quebrada, ou uma orelha de menos. Tem paciencia; não te ha de faltar aventuras em que eu te possa fazer governador. » Agradeceu-lhe Sancho, beijou-lhe a mão, e, tendo-o ajudado a subir para o Rossinante, foi seguindo-o ao trote do seu burro.

Alguns passos mais adiante metteu-se o nosso heroe por um bosque. « Parece-me, senhor, lhe disse o escudeiro, que seria acertado refugiarmo-nos em alguma igreja. A' vista do estado em que puzestes vosso inimigo, não admirará que, chegando a cousa ao conhecimento da Santa-Irmandade, nos mandem logo prender; e uma vez na cadeia, Deus sabe quando de lá sahiremos. — Que dizes tu? replica D. Quichote. Onde viste ou lêste jámais que algum cavalleiro andante fôsse posto em juizo por ter mandado seus inimigos para o Tartaro? — Eu, senhor, não conheço o Tartaro, porém sei bem o que é a prisão, e tambem sei que a Santa-Irmandade para lá envia aquelles que se batem em duello. — Não tenhas cuidado, amigo; se a Irmandade me atacasse, era eu quem a faria captiva. Mas dize-me sem lisonja: viste nunca em todo o mundo descoberto um cavalleiro mais valoroso do que eu?



Lêste em historia alguma, quem tenha mais brio em accometer, mais alento no perseverar, mais destreza no ferir, mais vigoroso em derrubar o inimigo por terra? — Na verdade, senhor, direi a Vossa Senhoria que não tenho lido muitas historias, porque não sei ler nem escrever; mas o que eu me atrevo a apostar é que nunca servi amo mais atrevido que Vossa Senhoria. E queira Deus que estes atrevimentos se não venham a pagar onde já disse. No emtanto devia Vossa Senhoria curar d'essa orelha, que está escorrendo em sangue; eu aqui trago no alforge fios e um pouco de unguento branco. — Ah! meu amigo, se eu me tivesse lembrado de preparar um frasco de balsamo de Ferrabraz, não teriamos necessidade de remedio algum. — Que droga vem a ser essa? — E' um balsamo de que eu tenho a receita, com o qual ninguem teme a morte nem as feridas. Assim, quando eu o tiver feito e t'o entregar, em vendo que n'alguma batalha me partem por meio corpo, como succede muitas vezes, não tens mais que tomar com muito geito a parte do corpo que tiver cahido no chão, e, antes que o sangue se géle, a porás sobre a outra metade, que tiver ficado sobre a sella, por modo que acerte bem á justa; depois dar-me-has a beber apenas dous dedos do meu balsamo, e me verás ficar mais são que um

pêro. — Sendo isso verdadeiro, meu senhor, desde já dispenso o governo da illia, e nada mais quero em paga dos meus serviços, senão que Vossa Senhoria me dê a receita d'esse milagroso balsamo. Tenho a certeza que hei de vender cada onça d'ella por mais de quatro vintens, e não preciso de mais para passar o resto da vida honradamente. O que falta saber é se não será muito custoso arranjar-a. — Por menos de tres reales se pôde fazer canada e meia. — Valha-vos Deus! porque tarda Vossa Senhoria em ensinar-me a receita? — Socega, amigo, que maiores segredos tenciono eu ensinar-te; e por agora trata de curar-rae a orelha, que me está doendo devéras. »

Tirou Sancho dos alforges o unguento e os fios; mas quando D. Quichote reparou no estrago do capacete, pensou enlouquecer. « Ó Creador de todas as cousas, exclamou elle pondo a mão na espada e levantando os olhos ao céu, faço juramento de não comer pão em toalha e outras cousas mais de que me não lembram, mas que fez o marquez de Mantua em uma occasião semelhante, emquanto não tomar inteira vingança de quem tal affronta me fez. — Advirta Vossa Senhoria, atalhou Sancho, que se o cavalleiro se apresentou á senhora Dulcinêa, como lhe foi ordenado, já terá cumprido com o que devia. — Fallaste bem, replica D. Quichote, e portanto annulo o juramento na parte que toca a tomar d'elle nova vingança; porém confirmo e renóvo o voto de levar a vida que já disse, até que tire a algum cavalleiro outro morrião tão bom, tao precioso como o elmo de Mambrino, que tão caro custou a Sacripante. — Não faças semelhantes juramentos, senhor meu; podeis prejudicar assim vossa saúde e causar grave damno á vossa consciencia. Se por acaso não encontrarmos em muitos dias um homem armado com celada n'uma terra em que apenas se vêm arrieiros e carreiros, ha de Vossa Senhoria ficar sem comer pão para imitar esse marquez de Mantua? — Que estás tu para ahi a dizer? Estou certissimo que nem duas horas serão passadas, sem vermos passar por aqui mais cavalleiros armados, que os que fôram sobre Albraca. — Seja assim, e a Deus praza que nos succeda bem e possamos ganhar essa ilha, que tão cara me custa! — Não te dê isso cuidado algum, já te disse; quando falte ilha, ahi estão o reino de Dinamarca, e o de Sobradisa, que muito mais te ha de convir por serem em terra firme.

« Mas, acrescentou elle, deixemos isso para quando fôr tempo; e vê se trazes ahi nos alforges cousa que se coma, para irmos depois em busca d'algum castello em que alojemos esta noite, e onde faça o meu balsamo; pois confesso que a orelha me vae já doendo a valer. — O que eu trago é um pedaço de pão, uma cebola e um pouco de queijo; mas isso não são manjares proprios para tão valente cavalleiro como é Vossa Senhoria. — Como me julgas mal, amigo. Se tu tivesses lido tantas historias, como eu, da cavallaria, já saberias que os cavalleiros andantes nunca comiam nem migalha, salvo em banquetes reaes. Os mais dias os passavam vivendo do ar; e como eram realmente gente como nós somos, deve-se entender tambem que, andando pelas florestas e despovoados, e sem cozinheiro, a sua comida seriam alimentos rusticos, taes

como esses que ahi me trazes. Portanto, não te mortifiques com o que a mim me dá gosto, nem queiras fazer mundo novo. — Sendo assim, meu senhor, d'aqui em diante eu providerei os alforjes segundo as regras da cavallaria, isto é, de frutas seccas para Vossa Senhoria, e, para mim, que apenas sou escudeiro, de cousas de mais substancia. — Eu não te disse, Sancho, que seja forçoso aos cavalleiros andantes não comer outra cousa senão frutas seccas; affirmo só que o seu passadio mais ordinario devia ser d'ellas e d'algumas hervas que eu tambem conheço. — Ah! bom é senhor, conhecer essas hervas, que, segundo estou vendo, algum dia será necessario usar d'esse conhecimento. »

Assim conversando, comeram arámbos juntos em santa paz. Desejosos de buscar onde pernoitassem, acabaram á pressa a sua frugal refeição e montaram immediatamente a cavallo para chegar ao povoado antes de anoitecer; mas poucas horas depois, poz-se-lhes o sol e viram-se obrigados a passar a noite n'uma choça de cabreiros. A Sancho pezou-lhe ter de dormir fóra da povoação; mas para D. Quichote foi grande regalo o ter de levar aquellas horas ao ar livre, por lhe parecer que assim d'este modo facilitava a prova da sua cavallaria.

CAPITULO IX

DO TRISTE ENCONTRO QUE FEZ D. QUICHOTE COM UNS DESALMADOS ARRIEIROS

No dia immediato, D. Quichote e Sancho Pança se entranharam pelo bosque em cata de aventuras. Depois de terem andado já duas ou tres horas, chegaram a um prado de viçosa herva, por onde corria um pequeno regato tão fresco e delcitoso, que os incitou a passarem ali a hora da sesta. Apearam-se; e, deixando o Rossinante e o jumento pastar á vontade da viçosa herva, fôram-se aos alforjes, e sem cerimonia alguma, amo e servo comeram do que n'elles acharam. Ordenou, porém, a má sorte, que andasse então por ali pascendo uma manada de poldras gallisianas d'uns arrieiros yangueses, que haviam parado n'aquelle valle, segundo seu costume, para descançarem á sombra.

Sucedeu que ao Rossinante appeteceu ir pastar no sitio em que se achavam as ditas poldras. Estas, que, pelas mostras, eram pouco generosas, receberam-n'o com as ferraduras e á dentada, de modo que em breve lhe rebentaram as silhas e o deixaram sem sella e em pello. O peor, porém, foi que os arrieiros acudiram logo com seus arrochos, e tanta pancada deram ao pobre Rossinante, que o estenderam no chão. Já n'este comenos, o nosso heroe e seu escudeiro chegavam esbaforidos, e disse D. Quichote para Sancho Pança: « Amigo Sancho, esses patifes

não são cavalleiros : tu podes ajudar-me a tomar vingança do aggravo que ousaram fazer a Rossinante. — Mas que diabo de vingança havemos de tomar, respondeu Sancho, se elles são mais de vinte e nós só dous, que talvez só valem um e meio? — Eu valho por cem, » replicou D. Quichote, e mettendo logo mão á espada, arremetteu aos yangueses, e o mesmo fez Sancho, influido do exemplo do amo. No primeiro rompante deu D. Quichote uma cutilada n'um dos arrieiros, que lhe abriu um saio de couro que trazia vestido, e boa parte do hombro.

Os yangueses, envergonhados de se verem batidos por dous homens sós, tornaram-se aos bordões, e mettendo os nossos heroes no meio, começaram a malhar n'elles com grande vehemencia e affinco. Sancho foi o primeiro que foi abaixo; o mesmo succedeu a D. Quichote, sem lhe valer o seu bom animo, que veio a cahir aos pés do Rossinante. Vendo os arrieiros a boa obra que tinham feito, tornaram a carregar a recova, e seguiram rapidamente a jornada, deixando amo, escudeiro, cavallo, todos tres estendidos no chão.

O primeiro que deu signal de si foi Sancho Pança, que disse em voz fraca e lastimosa : « Senhor D. Quichote ! ah ! senhor D. Quichote !... — Que tens, Sancho irmão ? respondeu o cavalleiro com o mesmo tom dorido e fraco. — Eu queria, se pudesse ser, que Vossa Senhoria me desse dous golos d'essa bebida de Ferrabraz. Talvez seja tão boa para os ossos quebrados como para as feridas. — Na verdade, meu amigo, se eu aqui a tivesse, nada mais nos era preciso. Mas eu te juro, á fé de cavalleiro, que, antes de passarem dous dias, ou a hei de ter feita, ou ruins mãos serão as minhas. — E quando suppõe Vossa Senhoria que poderemos mover os pés ? — Ignoro-o, meu pobre amigo. Todavia a culpa de tudo isto tenho-a eu. Metti mão á espada contra homens que não eram armados cavalleiros ; é justo que fosse castigado por ter infringido as leis da cavallaria. D'ora ávante, meu querido filho, debes ter sempre bem presente o que te vou dizer : em tu vendo que semelhante canalha nos faz algum aggravo, não esperes até eu pôr mão á espada contra elles ; porém desembainha logo a tua e regala-te de os castigar. Se acudirem cavalleiros em sua defesa e ajuda, então eu te saberei defender com todo o meu poder, que já tens visto por mil occasiões até onde chega o valor d'este meu terrivel braço. — Senhor, eu sou homem pacifico e não gosto de contendas porque tenho mulher e filhos. Ninguem melhor do que eu sabe disfarçar qualquer injuria passada, presente e futura ; portanto fique Vossa Senhoria certo que de modo nenhum mettereí mão á espada, nem contra villão nem contra cavalleiro. — Que dizes, filho meu ? Se eu me sentisse com mais forças, e se me aplacasse a dôr que tenho n'estas costellas, eu te daria a entender o erro em que estás. Vem cá, misero peccador, e responde-me : Se o vento da fortuna, tão contrario até aqui, vira de rumo enchendo-nos as vélas do desejo, para que seguramente aportemos em algumas das ilhas que te prometti, como farás tu, não sendo cavalleiro nem querendo sel-o, sem teres valor nem coragem, para conservar teus Estados ? Pois debes saber que nos reinos e provincias recém-conquistadas, ha sempre

espíritos inquietos, indocéis, turbulentos, promptos a tentar novamente fortuna; e portanto é necessario que o novo possessor tenha entendimento sufficiente para a saber governar, e sobretudo coragem para bem defender-se.

« — Tudo isso é muito possível, replicou Sancho, porém confesso que n'este momento tenho mais precisão de emplastos que de conselhos. Olhe Vossa Senhoria se se póde levantar, e ajudaremos ao Rossinante a pôr-se em pé, ainda que bem pouco o merece. Nunca tal esperei, pois tinha-o por animal pacífico. Emfim, bem dizem que é mister muito tempo para se conhecer os individuos n'esta vida. E quem havia tambem de dizer que atraz d'aquellas valentes cutiladas, como as que Vossa Senhoria deu n'esse biscainho andante, vos havia de vir no alcance este chuva de páoladas que vos desabou no espinhaço? — Ah! meu amigo, se eu não soubesse que todos estes accidentes andam muito annexos á nossa profissão, aqui me deixára morrer de dôr e vergonha. — Senhor meu, Vossa Senhoria nunca me disse que estas desgraças erão fructo da cavallaria. Muito desejava agora saber se costuma haver muita colheita d'ellas; porque a mim me parece que depois de duas assim já nos podemos dar por dispensados para terceira. — Ai! Sancho, a vida dos cavalleiros andantes está sujeita a mil perigos! Maiores fôram os improperios soffridos por outros heroes, que estes nossos agora; porque emfim, bem examinadas as cousas, as armas que nos derrubaram, não eram outras senão bordões e nenhum continha estoque nem punhal. — A mim não me deram vagar para reparar n'isso, porque apenas metti mão á espada quando logo me vi por terra, no silio onde agora jazo. — Vamos, filho meu, faze das fraquezas forças, que assim farei eu tambem, e vejamos como está o Rossinante, que o coitado não apanhou menor quinhão que nós outros. — Não admira! por isso é tambem cavalleiro andante. O que me alegra é que o meu jumento escapasse com as costas inteiras. — A fortuna, como tu vês, deixa sempre um recurso nas desgraças. Na falta de Rossinante, o teu jumento poderá levar-me d'aquí para algum castello, onde seja curado das minhas feridas; e nem por isso haverei por deshonra tal cavalgadura, porque me recordo de ter lido que o aio do Baccho, o bom Sileno, quando entrou na cidade das cem portas, ia montado n'um formosissimo asno. — Duvido muito que Vossa Senhoria possa ir tão bem montado como esse senhor Sileno. — Havemos de ir como pudermos, Sancho; são sempre honrosas as feridas que se recebem nos combates. Levanta-te pois como puderes e põe-me do modo que melhor te parecer em cima do teu jumento. Vamo-nos já d'este despovoado antes que chegue a noite. »

O pobre escudeiro despedindo mais de cem suspiros, outros tantos ais e trinta mil maldições contra quem ali o trouxera, lá se foi levantando derreado e curvo como um arco da Turquia. N'aquella postura aparelhou o asno, que tinha andado seu tanto distrahido com tamanha liberdade. Depois levantou o Rossinante, ao qual só a lingua faltava para se queixar

tanto como seu amo. Finalmente o escudeiro lá conseguiu accommodar D. Quichote sobre o asno, e prendendo o Rossinante pela arreata, e levando o jumento pelo cabresto, se dirigiu para a estrada real. Ainda não tinham andado uma pequena legua, quando descobriram uma hospedaria que ao nosso heroe se afigurou ser um castello. Teimava o escudeiro que era uma estalagem, seu amo que não, porém um castello; e ainda durava a teima quando Sancho lá entrou com toda a sua recova.

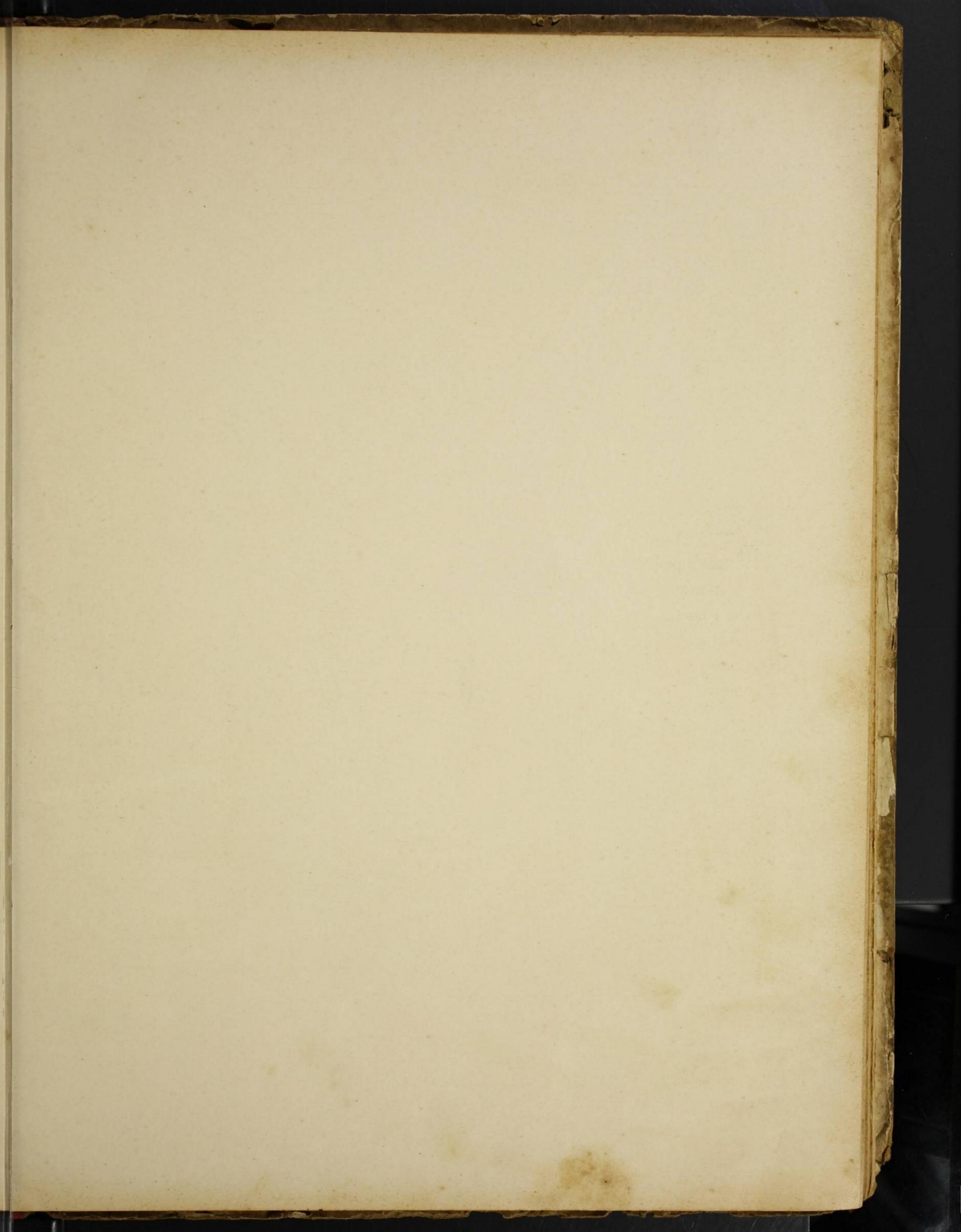
CAPITULO X

DO QUE SUCCEDEU NA HOSPEDARIA



albergueiro que viu D. Quichote atravessado no asno, perguntou a Sancho que mal trazia. Respondeu-lhe o escudeiro que nada era, que tinha dado uma queda d'um penedo abaixo, e que trazia algum tanto amolgadas as costellas. A mulher do locandeiro por acaso era caritativa e se condoía das calamidades do proximo. Acudiu logo com sua filha a curar D. Quichote. Servia tambem na hospedaria uma moça asturiana, de cara larga, cabeça chata por detraz, nariz rombo, vesga d'um olho e d'outro pouco sã. Verdade é que a galhardia do corpo lhe descontava as outras faltas; não tinha sete palmos dos pés á cabeça, e os hombros algum tanto arqueados a faziam olhar para o chão mais do que ella quizera. Esta gentil moça ajudou a filha da vendeira a preparar uma cama sufficientemente má para D. Quichote, n'um sotão que servia de palheiro, composta de quatro taboas mal acepilhadas, sobre dous bancos desiguaes, d'um colchão mais duro que as taboas, dous lençóes que mais pareciam lona para vélas de navios, e um cobertor cujos fios se podiam contar. Foi n'esta amaldiçoada cama que se deitou D. Quichote, e logo a vendeira e sua filha o emplastaram d'alto a baixo, allumiando-lhes Maritorne (que assim se chamava a Asturiana).

Vendo a locandeira o corpo do nosso heroe tão pisado em muitas partes, dissé a Sancho que mais pareciam aquillo pancadas, que uma queda. « Não fôram pancadas, replicou o discreto escudeiro; porém o penedo tinha muitos bicos e cada um d'elles lhe fez sua pisadura. E ficar-lhe-hei mui agradecido, ajuntou elle em voz baixa, se a senhora faz isso de modo que sobejem alguns emplastos, porque tambem a mim me doem um pouco os lombos. — Tambem vós cahistes? lhe tornou a locandeira. — Não, eu não cahi; mas do susto que tive de ver cahir meu amo de tal modo me dóe o corpo, que é como se me tivessem dado mil bordoadas. — Não me admira isso nada, acudiu a filha da vendeira; que a mim muitas vezes me tem





Imp. Gautherin

— Valha-me Deus! disse elle, ha uma hora que lhe grito, que não eram senão moinhos de vento...

acontecido sonhar que cahia d'uma torre abaixo, e quando acordava eu me achava tão moída e quebrada como se o sonho tivera sido verdadeiro. — Assim mesmo é que é, respondeu Sancho; a unica differença, porém, é que eu sem sonhar nada, e estando mais esperto do que estou agora, acho-me com pouco menos pisaduras que o senhor meu amo. — Como se chama o vosso amo? perguntou Maritorne. — D. Quichote de la Mancha, cavalleiro andante, dos melhores e mais fortes, que ha longo tempo se tem visto n'este mundo. — Que vem a ser cavalleiro andante? retrucou a Asturiana. — Pois que! minha pobre irmã, tão novata sois, que ainda o ignoraes? Um cavalleiro andante vem a ser um sujeito que, com a maior facilidade e promptidão, póde ser desancado ou feito imperador; hoje necessitando de tudo, amanhã dispondo de tres ou quatro reinos para dar ao seu escudeiro. — Então como é que vós, disse a locandeira, pertencendo a tão grande senhor, não tendes pelo menos algum condado? — Paciencia, minha senhora! ainda não ha um mez que andamos buscando aventuras, e não topamos por emquanto com alguma que fosse famosa; mas se meu amo o senhor D. Quichote sára d'estas feridas, ou para melhor dizer d'esta queda, digo-vos eu que não troco as minhas esperanças pelo melhor titulo de Hespanha. »

D. Quichote estava escutando esta conversação; assentou-se na cama conforme poude e pegando na mão da hospedeira, lhe disse: « Crêde, formosa dama, que vos podeis julgar feliz por terdes albergado no vosso castello a minha pessoa, que é tal, que se eu a não louvo é por modestia; porém o meu escudeiro vos dirá quem sou. Só vos digo que hei de conservar eternamente na memoria o servico que me haveis prestado. »

A locandeira, sua filha e a gentil Maritorne se entreolhavam confusas ouvindo esse discurso, que ellas entendiam como se fôra em grego. No emtanto a Asturiana curava a Sancho, que o não precisava menos que o amo.

Não obstante todos os emplastos não conseguem D. Quichote fechar olho toda a santa noite e logo pela madrugada chamou pelo seu escudeiro: « Levanta-te Sancho, se pódes; chama o alcaide d'esta fortaleza, e faze que me tragam um pouco de azeite, vinho, sal e rosmaninho, para eu preparar esse milagroso balsamo, que bem necessario me é agora. »

Levantou-se Sancho com grande dôr dos ossos, e lá foi em busca do vendeiro, que lhe deu tudo que pedia. Levou Sancho os ingredientes a seu amo que d'elles misturados fez uma composição, cozendo-os por um espaço bom; e, não havendo na venda vidro algum para deitar a mistura, lançou-a n'uma almotolia de folha, que servia para azeite, e de que o vendeiro lhe fez presente. Rosnou sobre a almotolia mais de cem Padre-nossos e outras tantas Ave-Marias e Credos, acompanhando cada palavra com uma cruz a modo de benção. Feito isto, quiz D. Quichote experimentar a virtude do seu balsamo, e poz-se a beber o que tinha sobejado da almotolia, isto é, perto de meia canada. O effeito foi prompto; mal acabou de beber, começou a

vomitar, de maneira tal que, com as ancias e afflicções veio-lhe um suor copiosissimo. Adormeceu para mais de tres horas, ao cabo das quaes despertou, e se sentiu alliviadissimo do corpo e do seu quebramento, pelo que ficou inteiramente convencido de que havia acertado com o famoso balsamo, e podia para o futuro metter-se em quaesquer pendencias e combates, sem medo nenhum.

Sancho que tambem teve por milagrosa a cura do amo, pediu-lhe que lhe dêsse a elle um pouco d'esse balsamo cujo effeito era tão salutar. Concedeu-lh'o D. Quichote; e o escudeiro pegando na almotolia com as mãos ambas emborcou tanto quasi como o nosso heroe. O caso é que o estomago do pobre Sancho não seria tão fraco como o do cavalleiro; e assim, primeiro que vomitasse, tantas ancias lhe deram, tantos suores e desmaios, que pensou devéras ter-lhe chegado sua derradeira hora. Vendo-se tão afflicto, dava ais e gritos, amaldiçoava o balsamo e o traidor que lh'o tinha dado. « Meu caro amigo, dizia D. Quichote, eu creio que todo esse mal te vem de não teres sido armado cavalleiro, porque tenho para mim que este remedio é só salutar para os que o são. — Se Vossa Senhoria sabia isso, para que consentiu que eu o provasse? exclama Sancho quasi agonizante.

Durou-lhe a tormenta perto de duas horas, no fim das quaes não ficou tão alliviado como seu amo, mas quebrantado e moido, que mal se podia ter. D. Quichote com toda a confiança que lhe dava agora o balsamo de Ferrabraz, quiz partir immediatamente a buscar aventuras, e elle mesmo apparelhou o Rossinante, albardou o jumento, ajudou a montar o seu escudeiro. Logo que estiveram a cavallo, chamou D. Quichote pelo dono da venda e lhe disse em tom cheio de gravidade: « Senhor alcaide, mui grandes são as mercês que hei recebido n'este vosso castello e vos confesso agradecido para todos os dias de minha vida. Se vos posso pagar vingando-vos d'algum soberbo que vos tenha feito aggravo, sabei que o meu officio outro não é senão valer aos que pouco podem, vingar os opprimidos e castigar aleivosias. Assim não tendes mais que declarar-me se haveis recebido qualquer offensa ou injuria, que eu vos prometto satisfazer-vos e pagar-vos a vosso contento. »

— Senhor cavalleiro, respondeu o locandeiro, eu não tenho necessidade de que Vossa Senhoria me vingue de nenhum aggravo; porém o que me é preciso é que Vossa Senhoria me pague o gasto que esta noite fez na minha hospedaria, bem como a palha e cevada que as duas bestas comeram. — Que diz! replicou D. Quichote, então isto aqui é venda? — E muito honrada, respondeu o vendeiro. — Pois senhor, eu sempre julguei que era um magnifico castello; mas visto ser só uma venda, o que por agora se poderá fazer é dispensardes a paga, pois eu por mim não posso descumprir a ordem dos cavalleiros andante, que jámais pagaram pousada, porque todo o bom acolhimento, que se lhes faz, de direito e fôro se lhes deve, a troco de incomportavel trabalho que padecem buscando as aventuras de dia e de noite, de inverno e

verão, sujeitos a todas as intemperies do tempo. — Eu não me intrometto n'essas cousas, senhor ; pague-se o que se me deve, e deixemo-nos de contos de cavallaria, que não satisfazem a minha conta. — Sois um perfeito sandeu, e não sabeis cumprir com os nobres deveres da hospitalidade. » E mettendo pernas ao Rossinante, sahiu da venda sem lh'o estorvar ninguem, e sem reparar se o escudeiro o seguia ou não.

O estalajadeiro que o viu ir-se embora sem lhe pagar, tornou-se pelo pagamento ao nosso Sancho Pança, que lhe respondeu que na sua qualidade de escudeiro de cavalleiro andante, a mesma regra lhe assistia a elle que a seu amo, que era não pagar cousa alguma em pousadas e vendas. Por mais que o locandeiro gritasse, ameaçasse, o obstinado Sancho respondia sempre que, ainda que o matassem, não pagaria nem um vintem, porque não queria que d'elle se queixassem os futuros escudeiros, increpando-lhe a quebra de tão justo privilegio. Quiz a má sorte que se achassem ali na venda cinco ou seis rapazes de Segovia e de Sevilha, gente alegre e brincalhona, os quaes, como senhareados do mesmo espirito, se chegaram a Sancho, e apeando-o do asno, um d'elles foi buscar a manta da cama e mettendo no meio o pobre escudeiro começaram a atiral-o ao alto e a divertir-se com elle como se fôra uma grande bola. Os gritos que dava o misero manteado chegaram aos ouvidos do amo, o qual voltando as redéas forçou o Rossinante a galopar até á porta da venda. Achando-a fechada, rodeou-a á procura d'alguma entrada. Viu então o seu triste escudeiro subir e descer pelos ares com tanta graça e presteza, que desataria a rir se a raiva lh'o consentira. Fez quanto poudes para subir do cavallo ao alto do muro ; mas tão moido e quebrado estava, que nem apcar-se poudes ; e obrigado a presenciá aquella scena, começou a vomitar injurias e improperios aos que lhe manteavam Sancho, sem que por isso elles deixassem de continuar o jogo, até que de cançados o deixaram. Trouxeram então o burro e subiram Sancho para cima d'elle. A compassiva Maritorne correu a soccorrel-o com uma caneca d'agua fresca. Levava-a Sancho á bôca, quando D. Quichote lhe grita de longe : « Não bebas, filho meu, não bebas d'essa perfida agua, olha que morres. Aqui está o divino balsamo, e uma só gôta pôe-te logo bom. » E mostrava-lhe a almotolia. Sancho volvendo a vista de revez lhe disse : « Já se esqueceu Vossa Senhoria de que não sou cavalleiro ? Guarde o seu maldito remedio, e deixe-me em paz. » Bebeu então o que lhe offerecia a compassiva Maritorne ; mas assim que conheceu que era agua, não quiz beber mais e pediu á Asturiana que lhe trouxesse um pouco de vinho, o que ella lhe fez de mui boa vontade, e pagou-o da sua algibeira ; porque no seu fundo era boa creatura. O vendeiro abriu a porta da venda de par em par e Sancho batendo calcanhares ao seu burro, sahiu d'ella muito contente de não ter pago nada. Verdade é que, pela perturbação que levava, não deu pela falta dos seus alforges.

CAPITULO XI

ONDE SE CONTAM OUTRAS AVENTURAS, QUE SUCCEDERAM AOS DOUS HEROES

CHEGOU Sancho tão abatido e fraco ao pé do amo, que nem podia fazer andar o burro. « Amigo, lhe diz D. Quichote, estou agora certo que esse castello, ou venda é por força encantado. Aquelles que tão atrozmente se divertiram comtigo não podiam ser senão fantasmas, porque quando eu quiz subir-me acima do muro afim de te socorrer, não me foi possível, por mais que fiz, apear-me sequer do meu cavallo. De contrario, te juro que eu te houvera vingado de maneira que ficassem lembrando para sempre. — Pobre de mim! disse o escudeiro, á minha custa sei que não eram fantasmas, nem homens encantados, como Vossa Senhoria diz : eram bem de carne e osso como nós. E tenho cá para mim que estas aventuras, que andamos buscando, nos hão de afinal de contas dar cabo da nossa pelle. O melhor seria tornarmo-nos para o nosso logar, agora que é tempo das ceifas e de cuidar da fazenda, e deixarmo-nos de andar de séca em meca. — Meu pobre Sancho, tu pouco sabes, torno a repetir-te, de aventuras da cavallaria. Que maior contentamento póde haver n'este mundo, ou que satisfação póde comparar-se á de vencer uma batalha e triumphar do inimigo? — Como quer Vossa Senhoria que eu o saiba? Depois que somos cavalleiros andantes, quero dizer que Vossa Senhoria o é, porque eu não tenho essa honra, nunca vencemos pessoa alguma, a não ser o Biscainho ; ainda assim ficou Vossa Senhoria com meia orelha de menos. D'então para cá tudo tem sido bordoadada e mais bordoadada, murros e mais murros ; e eu, ainda por cima de tudo, manteado por pessoas encantadas, de quem me não posso vingar para saber até onde chega o prazer de vencer inimigos, como Vossa Senhoria diz. — Tem paciencia, filho meu ; d'aqui em diante eu procurarei haver alguma espada semelhante á de Amadis com a qual se desfaz toda a sorte de encantamentos. — Eu tão venturoso sou, que, ainda que Vossa Senhoria viesse a encontrar semelhante espada, só viria a servir e aproveitar aos armados cavalleiros, assim como o balsamo. »

Estavam n'este colloquio, quando D. Quichote avistou ao longe uma grande poeirada. « Sancho, diz elle, eis emfim o dia que a fortuna me tinha reservado, esse bello dia em que a minha coragem vae adquirir uma gloria immortal! Vês lá ao longe aquelle turbilhão? Pois é um innumeravel exercito, composto de todas as nações do mundo. — Por essas contas, respondeu Sancho, dous devem elles ser, porque d'esta parte contraria sobe outro turbilhão semelhante. » Voltou-se D. Quichote e viu que Sancho dizia a verdade ; e assentou que eram sem duvida alguma dous exercitos marchando um contra o outro. Eram dous grandes rebanhos de carneiros,

que por aquelle mesmo caminho vinham de diferentes partes; os quaes, em razão da enorme poeirada que levantavam, se não deixaram perceber enquanto se não avizinham.

D. Quichote, transportado de alegria, affirmava com tamanho affinco que eram dous exercitos, que Sancho chegou a acreditar e a dizer: « Pois senhor que havemos então de fazer? — Que havemos de fazer, replicou o cavalleiro já fóra de si: favorecer e ajudar os mais necessitados. Eu te explico já em poucas palavras.

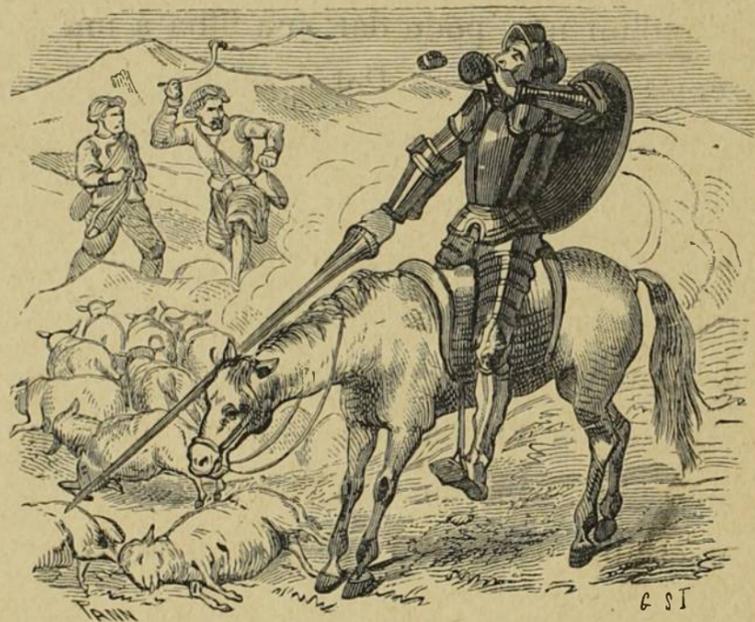
« Aquelles que vêm pela nossa frente seguem o estandarte do imperador Alifanfarrão, senhor da grande ilha de Taprobana. Os outros que marcham da parte contraria são es guerreiros do seu inimigo, o poderoso soberano dos Garamantes, Pentapolim de arremangados braços, assim chamado porque entra sempre nas batalhas com o braço nú. — Sim, diz Sancho; mas porque esses dous senhores se querem tão mal? — Pela simples razão, replicou D. Quichote, que esse Alifanfarrão, que é um maldito pagão, se enamorou da filha de Pentapolim, que é joven, bella e christã. Comprehendes bem que Pentapolim não póde dar sua filha a um rei mahometano, sem elle primeiro renegar a lei e fazer-se baptisar. — Pelas minhas barbas! Pentapolim tem razão, e hei de ajudal-o enquanto pudér. — Farás o teu dever, Sancho; porque para entrar em batalhas semelhantes não se requer ter sido armado cavalleiro. — Está bem, serei do partido de Pentapolim. Mas o que mais me inquieta é o meu jumento. Não me é possivel entrar na refrega com semelhante cavalgadura, e desejava bem collocal-o em sitio onde o possa encontrar depois. — Não te dê isso cuidado, meu amigo; quer se perca, quer não, pouco importa: tantos hão ser os cavallos com que havemos de ficar depois da victoria, que até o Rossinante corre seu risco de ser trocado por outro. Mas eu quero dar-te conta dos cavalleiros mais principaes, que vêm n'estes dous exercitos. Retiremo-nos pois para aquella collina. »

Subiram ambos para uma pequena eminencia d'onde se avistavam bem os dous rebanhos não obstante as nuvens de pó que levantavam. D. Quichote, porém, vendo na imaginação o que lhe não mostravam os olhos, começou a dizer em voz alta, indicando com a mão todos os objectos que apontava a Sancho:

« Aquelle cavalleiro que ali vêes com uma armadura dourada, e que traz no escudo um leão rendido aos pés d'uma pastora, é o valoroso Laurcalco, senhor e principe da Ponte-de-Prata. O outro, de escudo azul, com tres corôas de prata, é o temido Micocolemba, duque da grande Quirocia. Aquelle que vêes á sua direita, de membros agigantados, é o famoso Brandabarbarrão, senhor das tres Arabias. Está sempre armado com uma pelle de serpente, e tem por escudo uma das portas do templo dos Philisteus derribado por Samsão. Vira agora os olhos para aqui, e verás diante e na frente do outro exercito, o bravo Timonel de Carcassona, principe da Nova-Biscaia. Repara bem, e verás no escudo de Timonel um gato de côr aleonada, com uma

letra que diz *Miau*, primeira syllaba do nome da sua dama, a bella e encantadora Miaulina, filha do duque dos Algarves. Aquell'outro que passa n'este momento montado n'essa soberba egua e traz as armas brancas, é um Francez, novel cavalleiro chamado Pedro Pépin, senhor e barão d'Utique. Lá mais ao longe, esse que tu vês com talões ferrados, montado n'um cavallo selvagem, é o poderoso duque de Nerbia, Aspergifilardo do Bocage, que traz no escudo a seguinte divisa hespanhola : *Rastrea mi suerte.* » E assim foi D. Quichote nomeando muitos cavalleiros d'um e d'outro exercito, dando a todos as suas armas, côres, e emblemas differentes.

O pobre Sancho embasbacado com tanto palavreado, não dizia nem pio e voltava de quando em quando a cabeça para ver se avistava os cavalleiros que o amo nomeava, e desesperado por não ver nem meio, lhe disse : « Senhor meu, leve o demonio tudo isso, pois não vejo homem, nem gigante nem um só cavalleiro dos que Vossa Senhoria menciona. Talvez



tudo isto seja ainda encantamento. — Como ! replicou D. Quichote, tu não ouves o rinchar dos cavallos, o ruido dos tambores, o som dos clarins ? — Eu apenas ouço, meu senhor, alguns balidos de carneiros e nada mais. (Com effeito os dous rebanhos já vinham muito perto.) — O medo é que te perturba os sentidos. Retira-te se tão medroso és, que basto eu par dar a victoria ao partido que vou escolher. »

E dizendo estas palavras. cravou as esporas em Rossinante, e, posta a lança em riste, desceu a ladeira com toda a velocidade do seu

corsel. Sancho, que n'aquelle momento avistára os rebanhos, se poz a gritar com toda a sua força : « Volte para traz, senhor D. Quichote; volte para traz por amor de Deus ! são carneiros que vae atacar. Não ha ali nenhum gigante, nem cavalleiro, nem gatos, nem diabo ; volte para traz... Que faz elle? Oh ! desgraçado de mim ! »

O nosso heroe, sem o escutar, ia galopando e clamando : « Coragem, valentes cavalleiros que combateis debaixo das bandeiras do valoroso Pentapolim. Segui-me todos, vou dar-lhe vingança do seu inimigo Alifanfarrão de Taprobana. » Proferindo estas palavras se entranhou pelo tropel de carneiros, e começou a alancear n'elles com um furor louco. Bradavam-lhe os pastores que tivesse mão ; mas vendo que era tempo perdido, levaram de suas fundas e começaram a zunir-lhe as orelhas com pedradas como punhos. Nosso heroe sem fazer caso das pedras campeava para todas as partes dizendo : « Onde estás, soberbo Alifanfarrão, vem para mim se ousas ; um só cavalleiro te desafia. » N'isto acertou-lhe um seixo, que lhe metteu duas

costellas dentro. Sentindo-se ferido, D. Quichote puxou da almotolia do balsamo; mas quando a levava á bôca, veio outra pedra tão certa contra a mão e a almotolia, que a amolgou toda, levando juntamente ao nosso heroe tres dentes queixaes. A dôr foi tão forte que fêl-o cahir do cavallo. Os pastores suppondo terem-no morto, recolheram o gado a toda a pressa, levaram as rezes mortas, que passavam de sete ou oito e se lançaram a fugir.

Todo aquelle tempo esteve Sancho observando de alto as obras de seu amo, e arrancava as barbas amaldiçoando a hora em que seguira semelhante louco. Quando o viu por terra, e os pastores já bem longe, desceu a ladeira e veio ajudal-o a levantar-se. « Não lhe adverti eu, dizia elle, que esses dous exercitos eram carneiros? — É culpa minha, responde D. Quichote, se o maldito encantador que me persegue, invejoso da gloria que me adviria d'esta batalha, transformou todos esses cavalleiros em carneiros? Faze uma cousa, amigo Sancho; monta no teu burro, e segue-os de longe; tu verás como, em se afastando um pouco d'aqui, tornam á sua primeira fórma. — O que primeiro devemos fazer é tratar de vos curar, pois tendes a bôca cheia de sangue. » Dizendo isto, procurava os alforges, e, quando viu que os havia perdido n'aquella damnada hospedaria, o misero escudeiro esteve a ponto de perder o juizo. Disse outra vez mal á sua vida e de si para si resolveu tornar-se para a terra, ainda que perdesse as esperanças da promettida ilha, que tão cara lhe ia custando. D. Quichote procurou consolal-o: « Amigo, disse elle, não percas animo! Todos estes infortunios são signaes de que breve virá a bonança, porque não é possivel que nem o bem, nem o mal, sejam perduraveis. Eis-nos sem alforges, sem pão, sem recursos; porém Deus que por tudo olha, não nos ha de faltar. Elle não abandona o mosquito que vôa no ar, nem falta aos bichinhos da terra, nem aos filhos das rãs nos charcos; porque nos ha de elle faltar a nós cuja alma é pura? Elle que faz nascer o sol sobre os bons e os máos, e chove sobre os justos e os injustos? »

« — Por fé minha, disse Sancho todo commovido, mais talhado estava Vossa Senhoria para prégador, que para cavalleiro andante! — Meu amigo, de tudo devemos saber na nossa profissão. Tem-se visto mais d'um cavalleiro pronunciar, no meio d'um campo, discursos tão bellos, tão eloquentes, tão floridos como esses que se ouvem nas universidades. Mas, acredita o que te digo, monta no teu jumento e procuremos algum asylo onde se possa ficar esta noite. — Sim, e Deus permitta que não seja n'um castello onde haja fantasmas, Mouros encantados, manta e manteadores. — Vamos para onde tu quizeres, filho meu; d'esta vez deixo á tua escolha o albergarnos. »

Assim o fez Sancho, pondo-se ambos a caminho: e como o amo ia triste e acabrunhado quiz o bom escudeiro distrahil-o, dizendo entre outras cousas as que vão ser referidas no capitulo seguinte.

CAPITULO XII

DO SINGULAR ENCONTRO QUE FEZ D. QUICHOTE

Eu creio, senhor meu, disse Sancho, que esta série de desventuras, que nos tem succedido, é sem duvida o castigo d'um peccado commettido por Vossa Senhoria contra a ordem da cavallaria, por não ter cumprido o juramento que fez de não comer pão em toalha, emquanto não tivesse conquistado o morrião de Malandrino ou de Mambrino, que o nome não me lembra muito bem. — Tens muita razão, respondeu D. Quichote; tinha-me esquecido de todo; e pôdes ter por certo que pela culpa de m'ó não teres lembrado a tempo, é que foste manteado na hospedaria; mas eu farei a emenda, meu amigo. — Ficarei muito agradecido a Vossa Senhoria, porque embora eu não jurasse, os fantasmas m'ó tomaram á sua conta. »

N'estas e outras praticas, veio a noite sorprendel-os no meio do caminho, sem descobrirem onde pernoitar, mortos de fome, e sem alforges, e as trevas tornando-se cada vez mais espessas. Iam caminhando sempre, na esperança de encontrar alguma venda, visto ser aquella a estrada real, quando viram que para elles se dirigia grande multidão de luzes, que não pareciam senão estrellas errantes. Pensou Sancho morrer de susto e D. Quichote não deixou tambem de se inquietar. Soffreou um pelo cabresto ao asno e o outro pelas redéas ao cavallo, e ficaram parados á espera do que surdiria. Porém as luzes quanto mais se approximavam maiores pareciam. Sancho poz-se a tremer, e ao proprio D. Quichote se arripiaram os cabellos. Todavia, animando-se um tanto, disse : « Amigo, esta é sem duvida uma terrivel aventura e será necessario mostrar eu n'ella todo o meu valor e esforço.

« — Desgraçado de mim, respondeu Sancho, se acaso esta aventura fôr de fantasmas, como me vae parecendo, onde haverá costellas que lhes bastem? — Socega, filho meu, nada temas; pois não consentirei que te ponham mão n'um só cabello teu. Aqui não te achas preso n'um pateo, cujos muros não pude saltar; estamos agora em terreno raso, e a minha espada poderá esgrimir á vontade. — E se o encantam, como da vez passada, que valerá estar em terreno raso? — Coragem, amigo! coragem é o que te peço, e tu verás que não ha de faltar ao teu amo. — Ah! senhor meu, esse é o meu maior desejo. »

E afastando-se ambos para a beira da estrada, tornaram a olhar attentamente asim de descobrir a origem d'aquellas luzes. Dentro em pouco avistaram enormes vultos brancos, cujo aspecto pavoroso fez bater os dentes a Sancho como em tremor de febre. Aquelles vultos

brancos, em numero de vinte, vinham todos a cavallo, com tochas accêsas nas mãos e psalmodando em voz baixa e sepulcral. Após elles vinha uma liteira coberta do luto, seguida de seis cavalleiros enlutados até os pés das mulas. Tão estranha vista, e tão a deshoras n'um sitio despovoado, era bastante para assustar um qualquer homem mais corajoso que o nosso Sancho. Mas ao amo logo se representou ao vivo na imaginação ser aquella uma das aventuras dos seus l'vros. Afigurou-se-lhe que a liteira conduzia algum cavalleiro ferido ou morto por traição, cuja vingança lhe estava reservada; e sem maior reflexão, enristou a lança, e, atravessando-se no meio do caminho por onde haviam de passar os espectros brancos, lhes diz em tom ameaçador:

« Parae, quem quer que sejaes, e dizei-me quem sois, d'onde vindes, para onde ides e que levaes n'essa liteira. Supponho que sois culpaços ou victimas d'algum crime; é mister que eu o saiba, afim de vos vingar ou castigar-vos. » Um dos homens brancos respondeu: « Nós vamos com pressa, e a estalagem ainda fica longe; não temos tempo para satisfazer a vossa curiosidade. — Sêde mais bem creado, replicou D. Quichote accêso em colera, quando não preparae-vos para combater comigo. »

Dizendo isto, travou-lhe do freio; mas a mula era espantadiça e de tal maneira se sobressaltou, que, levantando-se nos dous pés, atirou o amo para o chão. Sem mais esperas, D. Quichote arremette com a lança a um dos enlutados e dá com elle em terra, e voltando-se para os demais era para ver como elle os accommettia e desbaratava, que não parecia senão que haviam nascido azas ao Rossinante, segundo campeava orgulhoso e ligeiro. Toda essa pobre gente, sem armas, pouco acostumada a pelejar, n'um instante abandonaram a refrega e começaram a correr pelo campo fóra com as tochas accêsas que não pareciam senão mascarados a revolver em noite de carnaval. Os enlutados embaraçados nos seus compridos mantos, mal se podiam mover e tão pouco se defendiam contra D. Quichote, por se lhes representar ser elle o proprio diabo do inferno. Estava Sancho a ver tudo aquillo, maravilhado do desembaraço e atrevimento do nosso heroe, e dizia entre si: « Sem duvida que este meu amo é tão esforçado e destemido como elle diz. »

Estava por terra uma tocha a arder junto ao primeiro homem que a mula derrubára. D. Quichote que o poude ver áquella claridade chegou-se a elle, e, apontando-lhe a lança ao rosto, lhe intimou que se rendesse. « Ai de mim! respondeu o desgraçado, rendido já eu estou, pois não me posso mover; tenho uma perna quebrada. Não me mate, se é cavalleiro christão: seria grande sacrilegio, visto eu ser Licenciado. — Licenciado! replicou o fidalgo; pois quem diabo o trouxe aqui, sendo homem da Igreja? — A minha pouca sorte, graças ao senhor cavalleiro! Chamo-me Alfonso Lopes; venho de Baeça com onze sacerdotes, que Vossa Senhoria poz em debandada; vamos a Segovia acompanhando um morto, velho gentil-homem, que deseja ser depositado no sepulcro da sua patria. — Muito bem. Mas quem matou esse gentil-homem?

— Matou-o Deus por meio d'umas febres malignas. — D'essa maneira, não sou pois obrigado a vingar-lhe a morte. — Assim o creio, senhor. — É bom que saiba que me chamo D. Quichote de la Mancha, que sou cavalleiro andante, e que o meu officio e exercicio é andar pelo mundo desfazendo aggravos e endireitando tortos. — Bem desejava, senhor cavalleiro, que vós me podesseis endireitar esta perna. — Foi uma verdadeira desgraça, senhor Bacharel Affonso Lopes, o virdes como viestes de noite, vestido com essas sobrepelizes, com as tochas accêsas, orando em tom lugubre, que parecieis tal qual cousas más e d'outro mundo, e vos julguei serdes os proprios Satanazes do inferno! — Ah! assim o quiz a minha desgraça. Porém supplico a Vossa Senhoria me ajude a sahir de baixo d'esta mula, que me tem presa a perna entre o estribo e a sella. »

D. Quichote entrou logo a bradar por Sancho que viesse; mas este é que não fez caso de acudir, porque andava occupado em alliviar uma azémola carregada de vitualhas, que os bons dos padres traziam. Engenhou Sancho do seu gabão uma especie de sacco, e recolhendo n'elle tudo que poude, o carregou para cima do seu burro, e para logo acudiu aos brados do amo afim de ajudar a levantar o malaventurado Licenciado, e pôl-o para cima da mula. Disse-lhe D. Quichote que seguisse na direcção dos companheiros e lhes asseverasse que não tinha estado em sua mão deixar de lhes fazer o que fez. A isto ajuntou Sancho : « Se por acaso esses senhores quizerem saber quem ha sido o valoroso que taes os poz, podeis dizer-lhes que foi o famoso D. Quichote, que por outro nome se chama *o cavalleiro da Triste Figura*. » Afastou-se o pobre Bacharel, e o nosso heroe perguntou a Sancho porque motivo lhe déra aquelle sobrenome. « Eu lhe digo, respondeu o escudeiro, é porque o estive considerando um pouco á luz d'essa tocha, e reconheci em Vossa Senhoria a mais triste figura que jamais vi n'este mundo; do que deve ter sido causa talvez o cansaço d'este combate ou a falta dos dentes queixaes. — Não é isso, amigo; é que ao sabio, a cujo cargo deve estar o escrever a historia das minhas façanhas, haverá parecido bem que eu tome algum appellido, como o tomavam os cavalleiros passados, que um se chamava do Unicornio, outro o da Phenix, aquelle o cavalleiro do Grypho e est'outro o da Morte. Eram por estes nomes e insignias conhecidos por todo o mundo inteiro. Considero como uma inspiração a lembrança que tiveste : d'ora avante ficar-me hei nomeando o Cavalleiro da Triste Figura, e mandarei pintar no meu escudo uma figura estranha muito triste. — Não é necessario, meu Senhor, gastar dinheiro para se fazer essa figura. Asseguro-vos que bastará Vossa Senhoria mostrar a sua propria cara, isto dito sem offensa, para que todos digão : Eis o Cavalleiro da Triste Figura. » Não se formalizou D. Quichote com a liberdade do seu escudeiro; comtudo assentou em chamar-se com aquelle nome.

Tendo partido o Bacharel, deu na vontade ao nosso heroe ir ver se o gentil-homem que vinha na liteira estava realmente morto, mas Sancho não lh'o consentiu, dizendo-lhe : « Senhor,

sahiu-se Vossa Senhoria d'esta aventura o mais a seu salvo de quantas eu tenho visto. Esta gente póde afinal reparar que uma só pessoa a tinha derrotado, e envergonhados d'isto voltar a refazer-se e buscar-nos, e nos déssem assim que fazer. A montanha está a mão, e a fome aperta; não ha mais que fazer senão retirarmo-nos prestamente e como dizem: o morto á cova e o vivo á fogaça. » E tocando o jumento, pediu ao amo que o acompanhasse; este achando-lhe razão, sem mais resposta o foi seguindo.

A poucos passos, por entre dous outeiros, deram n'um espaçoso valle em que se apearam. Sancho alliviou o jumento e estendidos ambos, amo e escudeiro, no hervaçal viçoso, com o tempero da fome que traziam, almoçaram, jantaram, cearam, tudo junto, regalando-se com varias carnes frias, que os senhores clerigos traziam de prevenção. Mas aqui lhes succedeu outra desgraça, que a Sancho pareceu a peor de todas, e foi não terem vinho que beber, nem agua para matar a sede; o que foi causa do que se verá no capitulo seguinte.

CAPITULO XIII

DA MAIS EXTRAORDINARIA AVENTURA QUE D. QUICHOTE CONCLUIU QUASI SEM PERIGO

SANCHO que não podia comer sem beber, disse a seu amo: « Não é possível, senhor meu, que estaservas não mostrem haver por aqui perto fonte ou qualquer pequeno regato. » Tendo por bom o conselho, D. Quichote tomou pela redéa a Rossinante, e Sancho ao seu jumento pelo cabresto, e começaram a caminhar pelo prado acima ás apalpadellas, por estar a noite escurissima. Ainda não tinham andado duzentos passos, quando lhes chegou aos ouvidos um grande ruido d'agua como a despenhar-se d'alguma penedia. Já se regozijavam entre si, quando um outro estrépito mui differente veio aguarentar o seu contentamento, especialmente a Sancho, que de seu natural era pouco corajoso. Ouviram uns golpes a compasso com um certo retinir como de ferro e cadeias, que juntos ao furioso estrondo da cataracta lhes fazia acompanhamento. Era a noite escurissima e achavam-se os nossos heroes entre umas arvores altas, cujas folhas, movidas d'um vento brando, faziam um temeroso ainda que frouxo ruido; por modo que a solidão, o escuro, o ruído dos ferros e da agua, que se confundia com o susurro das folhas, tudo infundia terror. Porém o nosso heroe, insensivel ao medo, saltou sobre Rossinante, e embaraçando a rodela, disse ao seu escudeiro: « Amigo, has de saber que o céo me fez nascer n'este seculo de ferro para n'elle ressuscitar a idade de ouro. Sou eu aquelle para quem estão reservados os grandes perigos, as altas façanhas e os valorosos feitos, que hão de pôr em esquecimento os da Tavola Redonda, os dozes Pares de França, os Platires e toda

a caterva dos famosos cavalleiros dos passados tempos. Observa, escudeiro fiel, as trevas d'esta noite, o seu estranho silencio, o soturno murmúrio d'estes gigantescos cedros, o temeroso fracasso d'aquella agua que parece que se despenha dos altos montes da lua, e esse medonho martellar que nos fere os ouvidos; o proprio Marte deixar-se-hia tomar de medo e espanto, porém eu sinto augmentar a minha coragem; o meu coração me impelle a correr esta aventura. Aperta as silhas ao Rossinante; e espera-me aqui até tres dias. Se n'elles eu não voltar, irás a Toboso, onde dirás áminha incomparavel Dulcinêa, que o seu cavalleiro morreu por tentar merecer a gloria de chamar-se d'ella. »

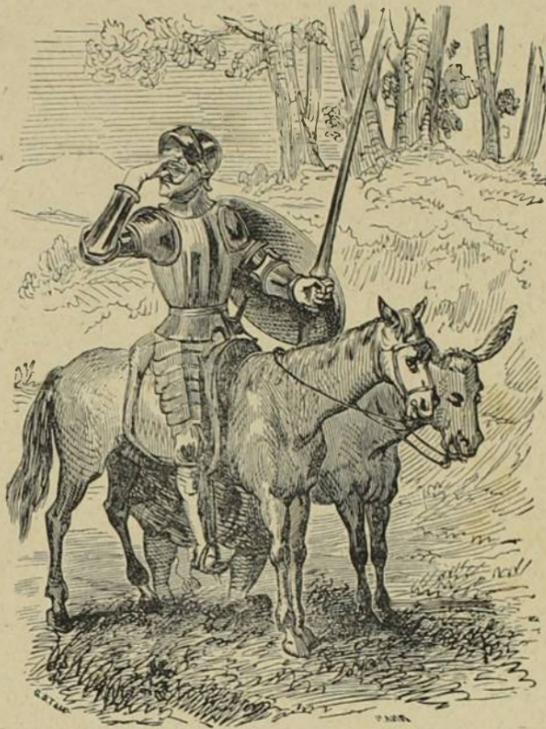
Ouvindo Sancho estas palavras, desatou a chorar e a dizer-lhe: « Senhor, porque vae Vossa Senhoria metter-se n'essa aventura tão medonha? É noite, ninguem nos vê e podemos desviar-nos do perigo, embora não bebamos em quatro dias. Como não ha quem nos veja, tambem não ha de haver quem nos chame covardes; o cura de nosso povo, que Vossa Senhoria muito bem conhece, varias vezes me disse que quem busca o perigo no perigo morre. Deveis considerar-vos satisfeito por não ter sido manteado como eu fui, e sahido vencedor d'entre tantos inimigos como os que ao defunto acompanhavam. Se todas estas razões vos não podem abrandar, pensae, senhor meu, que por vossa causa sahi da minha terra e deixei mulher e filhos, na verdade com a fé de ganhar n'isso alguma cousa mais; porém como a cobiça rompe o sacco, a mim já me tem estragado todas as minhas esperanças, pois quando mais vivas as tinha de alcançar aquella malfadada ilha, que Vossa Senhoria tantas vezes me tem promettido, vejo que me quer abandonar agora. Por amor de Deus, senhor meu, não me deixeis em tão triste situação, ao menos esperae até amanhã. D'aqui a tres horas vereis romper a aurora; porque, pela sciencia que aprendi quando era pastor, já vejo a bôca da Ursa menor por cima da cabeça, e deve ser meia noite na linha do braço esquerdo. — E como pôdes tu, disse D. Quichote, ver onde está essa linha e essa bôca, se tamanha é a escuridão, que nem estrellas se descobre em todo o céu? — Oh! meu senhor, é que ao medo sobejam olhos; e podeis estar certo que tenho excellentes razões para vos assegurar que d'aqui ao dia já falta pouco. — Falte o que faltar, não se dirá nunca que me demorei no cumprimento dos meus deveres. Peço-te Sancho, que te cales, que Deus todo poderoso que me poz no coração accommetter esta aventura, ha de ter cuidado de olhar por meu salvamento e de consolar a tua tristeza. Aperta as silhas ao Rossinante, e espera-me; que eu depressa voltarei vivo ou morto. »

Vendo Sancho que suas lagrimas, seus rogos e conselhos não conseguiam demover seu amo, determinou valer-se da sua industria e fazel-o esperar até o dia, se pudesse. E assim, enquanto apertava as silhas ao Rossinante, prendeu-lhes sorrateiramente as pernas com o cabresto do seu asno. Quando D. Quichote quiz partir, seu cavallo não se podia mover senão aos saltos. « — Vêde, senhor, exclamou o escudeiro, como o céu commovido das minhas lagrimas

determinou não poder mover-se o Rossinante? Se ateiões em resistir á sua vontade, será offender a fortuna, e vós sereis castigado. » Desesperava-se D. Quichote, e por mais que espo-reava o rossim, menos o fazia andar. Sem perceber d'onde provinha o empacho, disse : « Visto que o Rossinante não quer avançar, esperarei que raia a aurora, ainda que chore eu todo o tempo que ella tardar. »

Decorreu emfim a noite ; e Sancho, vendo surgir a manhã, soltou com a maior subtileza as pernas do Rossinante. O animal assim que se viu livre, começou a escarvar e a fazer curvetas. D. Quichote tomou isso por bom signal, e quiz logo pôr-se a caminho. Já a alva deixava ver distinctamente as cousas. Reconheceu o nosso heroe achar-se entre uns castanheiros enormes, que fazem sombra muito escura ; mas não poudo perceber a causa d'esse martellar que continuava a fazer-se ouvir ; e tornando a despedir-se de Sancho, lhe mandou o esperasse ali tres dias quando muito, e se ao cabo d'elles não tivesse voltado, dêsse por certo que estaria morto. « Quanto á paga dos teus serviços, não te apoquentes com isso, pois deixei feito o meu testamento antes de sahir da aldeia, no qual te acharás gratificado de tudo, que toca ao teu salario, na proporção do tempo que tiveres servido. Mas esperemos antes que eu me tire são e salvo d'esta perigosa aventura e d'esta feita pôdes ter por mais que certa a promettida ilha. » O nosso escudeiro, ouvindo outra vez aquelles ditos do seu bom amo, desatou de novo a chorar e resolveu não o deixar até á conclusão da empreza. D. Quichote sentiu-se enternecer ; porém disfarçando o melhor que poude, começou a caminhar para o ponto d'onde lhe parecia vir o som das pancadas.

Seguia-o Sancho a pé, levando pelo cabresto o seu jumento, companheiro inseparavel de sua prospera e adversa fortuna. Depois de terem andado um bom pedaço por entre aquelles castanheiros, chegaram a um pradozinho ao sopé d'umas elevadas penedias, d'onde se despenhava uma enorme cataracta. Achegadas aos penedos estavam umas miseraveis casas que mais pareciam ruinas ; era d'ali de dentro que procedia o sinistro ruido. Rossinante espantou-se com o estrepito da agua, e o nosso heroe aquietando-o, se foi a pouco e pouco chegando ás casas encommendo-se á sua dama. Seu escudeiro, não se lhe tirava do lado, estendendo quanto podia o pescoço por entre as pernas do Rossinante, a ver se perceberia emfim o que tão amedrontado o trazia. Teriam andado cem passos mais, quando ao transporem uma pequena collina, descobriram finalmente a causa d'aquelle horrivel ruido que tanto os



espantára. Eram (forçoso é confessar) seis maços de pisão que sem cessar alternavam os golpes desde o dia precedente.

Vendo D. Quichote o que era, emmudeceu e ficou-se de todo pasmado, com a cabeça derrubada para os peitos. Olhou para Sancho e viu que estava de bochechas entufadas, prestes a rebentar de riso. Não pôde o nosso fidalgo conter-se também que não risse, não obstante a sua profunda melancolia, e Sancho, vendo que o proprio amo lhe dava o exemplo, rompeu a presa de maneira que teve de apertar as ilhargas com as mãos ambas. Quatro vezes serenou e outras tantas voltou á mesma explosão de hilaridade, que já ia impacientando D. Quichote, mormente quando lhe ouviu dizer em tom de gravidade comica : « *Amigo, has de saber que o céo me fez nascer n'este triste seculo de ferro para n'elle ressuscitar a idade de ouro. Sou eu aquella para quem estão reservados os grandes perigos, as altas façanhas e os valorosos feitos* », e lhe repetiu palavra por palavra tudo quanto o heroe havia dito quando começaram aquellas medonhas pancadas. Vendo D. Quichote que seu escudeiro fazia mofa d'elle, por tal modo se agastou, que alçou a lança e lhe assentou duas bordoadas taes, que, se o apanham pela cabeça, assim como as recebeu nas costas, jámais o pobre Sancho teria aproveitado do testamento. « Tenha mão, senhor meu, não vê Vossa Senhoria que tudo isto em mim é graça? — Porém eu é que não lhe acho graça, replicou D. Quichote. Vinde cá, senhor gracioso : parece-vos a vós que se nos surdisse realmente uma aventura perigosa, não tinha eu já mostrado o animo preciso para a levar a cabo? Cavalleiro como sou, porventura estou obrigado a conhecer os sons dos maços de pisão, que eu nunca em dias de vida havia ouvido, como vós outro, que sois um rustico e um villão creado entre elles? Ora supponde que estes seis maços se transformavam em outros tantos gigantes; collocae-os na minha frente a um e um ou todos de rondão, e quando eu vol-os não apresentar a todos de pernas ao ar, dou-vos licença que façaes de mim quanta chacota quizerdes. — Socegae, senhor meu, tornou Sancho em tom submisso : confesso que ri de mais; mas Vossa Senhoria ha de convir, quando já não estiver zangado, que era o caso para rir se contassemos o grande medo que tivémos... Eu só fallo do que eu tive, porque para Vossa Senhoria o medo é cousa desconhecida. — Não nego que o caso não fosse merecedor de riso; porém digno de contar-se é que não, porque nem todas as pessoas são tão discretas que saibam pôr as cousas em seu lugar. — Vossa Senhoria pelo menos soube pôr no seu lugar, apontando-me a lança á cabeça e dando-me nas costas, graças a Deus e ao cuidado que eu tive em evitar o golpe. Mas quem bem ama bem castiga; e mais que os senhores fidalgos, em dizendo palavra má a um criado, logo em desconto lhe dão uma boa propina; o que eu não sei bem é o que lhe costumam offerecer os cavalleiros andantes depois de lhe terem dado bordoadas, se não é que depois das bordoadas dão ilhas ou reinos em terra firme. — É bem possivel que isso que dizes chegasse a ser verdade; perdôa esse primeiro movimento de que não tive mão, e d'aqui para

diante será bom que te abstenhas de fallar demasiado comigo. Em todos os livros de cavallaria que tenho lido, nunca achei escudeiro tão familiar como tu. As recompensas que te hei prometido, a seu tempo chegarão. Se não chegarem, o teu salario pelo menos nunca o has de perder, como já te disse. — Bem está, meu senhor, e póde Vossa Senhoria ficar descansado que d'ora avante não torno a abrir bôca, salvo sendo para o honrar como a meu amo. — N'isso andarás com juizo, e assim viverás longo tempo em paz sobre a terra, porque abaixo dos pais, é ao amo a quem se deve maior respeito. »

CAPITULO XIV

QUE TRATA DA CONQUISTA DO ELMO DE MAMBRINO

N'ESTE entremente começou a chover um pouco, e quizera Sancho que se recolhessem no moinho; porém tamanha aversão lhe havia tomado D. Quichote, que por modo nenhum lá quiz entrar, e torcendo o caminho para a mão direita, descobriu d'ali a pouco um homem a cavallo, que trazia na cabeça cousa que brilhava como se fôra d'ouro. « Sancho, exclamou elle cheio de alegria, todos os rifões são verdadeiros, principalmente aquelle que diz : *quando uma porta se fecha, outra se abre*. Se a noite passada se nos fechou a porta da ventura que buscávamos, agora nos abre outra de par em par para melhor e mais certa ventura : pois se eu me não engano, ahi vem caminhando para nós um homem que traz na cabeça o elmo de Mambrino, o qual hei jurado conquistar. — Senhor, respondeu Sancho, se me dêsse licença de fallar, pediria a Deus que nos livrasse de que fossem estes agora outros pisões. — Valha-te o diabo com os teus pisões. Em que se parece um elmo com um maço de pisoeiro? — Não sei dizer a Vossa Senhoria, porque estou prohibido de dar explicações como era o meu costume; mas parece-me que Vossa Senhoria se engana. — Como enganar-me no que digo, misero incredulo? Não vês tu aquelle cavalleiro, que vem para nós sobre um cavallo ruço e traz na cabeça um elmo d'ouro? — O que eu vejo é um homem escarranchado n'um jumento pardo como o meu, e que traz na cabeça uma cousa que reluz. — Pois essa cousa que reluz é que é o elmo de Mambrino. Vamos, arreda-te, e deixa-me só com elle. Tu vaes ver como eu, sem proferir palavra, por não perder tempo, concluo esta aventura, e me aposso do elmo. — Meu Deus! Fica para minha conta, senhor, o apartar-me, mas oxalá não haja por ahi mais pisões. — Já vos hei recommendado, irmão, que não me quebreis a cabeça com isso dos pisões, que voto por todos os diabos apisoar-vos a alma. » Calou-se Sancho com medo da colera do amo.

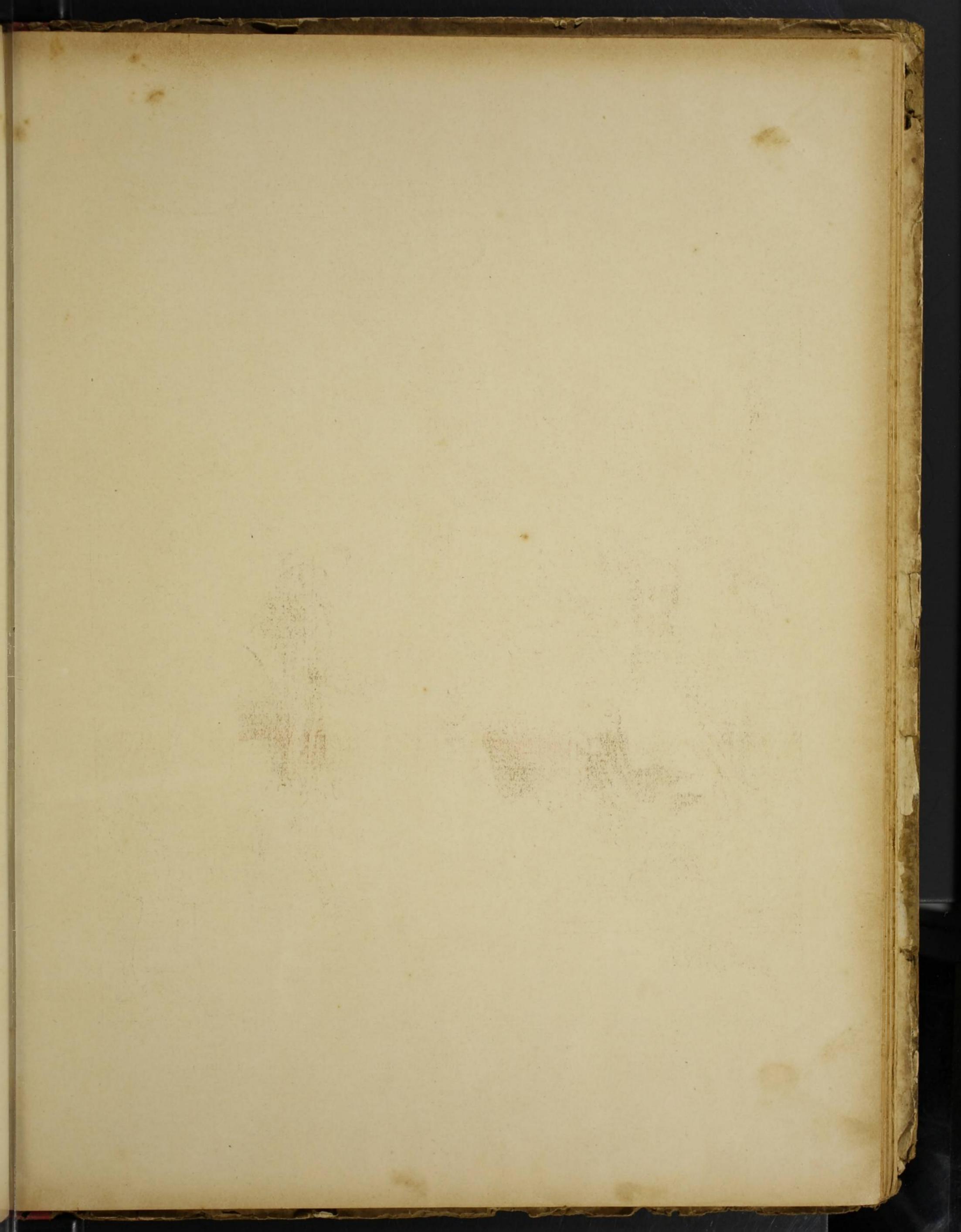
Era o caso que o cavalleiro, cavallo e elmo que via D. Quichote se cifravam n'isto : de

dous logares que havia n'aquelles arredores, um era tão pequeno, que não tinha nem barbeiro nem botica; o outro, que lhe ficava proximo, esse sim; e por isso o barbeiro do maior era tambem afreguezado no outro. Deu-se o caso que um enfermo d'esse pequeno logar necessitou de ser sangrado e outro da barba feita. Para esses dous serviços é que o barbeiro vinha e trazia a sua bacia de latão. Surpreendido no caminho pela chuva e receioso de que se lhe estragasse o chapéo, poz-lhe por cima a bacia, que resplandecia a meia légua de distancia. Vinha montado n'um jumento pardo, como Sancho disséra; mas que a D. Quichote se afigurou cavallo ruço e cavalleiro com elmo d'ouro na cabeça. Quando o pobre barbeiro já vinha perto, o nosso heroe sem mais tir-te nem guar-te, partiu sobre elle com a lança enristada. O barbeiro que viu crescer contra si aquelle fantasma, deixou-se cahir promptamente do burro abaixo, e, mais leve que um gamo, começou a correr pelo campo fóra, deixando no chão a bacia de latão. « Não é tolo



o pagão, exclama D. Quichote; imita o castor que, em se vendo acossado dos caçadores, corta com os dentes aquillo que o instincto natural lhe diz ser a causa de o perseguirem. » Mandou a Sancho que levantasse do chão o precioso elmo. D. Quichote tomando-o nas mãos disse: « Sem duvida que o pagão para quem se fez esta famosa celada tinha uma grandissima cabeça, mas o peor é que lhe falta metade. » Não poudo Sancho suster o riso, mas reprimiu-o logo lembrando-se das iras do amo. « De que te ris? lhe

disse D. Quichote. — Rio-me, meu senhor, respondeu elle, de considerar na grande cabeça que tinha o dono d'esse elmo, que não parece senão uma bacia de barbeiro. — E' muito possivel, Sancho, que este elmo encantado, por algum estranho accidente, cahisse em poder de quem não soube estimar a sua valia, e reparando em que era d'ouro, fundiu a outra metade para seu proveito, e d'esta fez isto que se parece com uma bacia de barbeiro. Seja, porém, o que fôr, que para mim que a conheço, nada faz ao caso esta transfiguração; eu a repararei de modo que não leve vantagem, nem sequer lhe chegue a que foi forjada por Vulcano para o deus das batalhas; e d'aqui até lá tral-a-hei como puder. — Mas o que havemos de fazer d'este cavallo ruço, que se parece com um burro pardo? Segundo a carreira que tomou o pobre dono, não leva geito de nos tornar mais a apparecer; e, por estas barbas! o ruço é bem bom. — Não é costume meu, despojar aos que venço, nem é usança na cavallaria tirar cavallos e deixar os cavalleiros a pé, salvo se tiver o vencedor perdido o seu proprio na pendencia. Assim, deixa o cavallo ou jumento, ou o que quizeres que seja, que o dono voltará a procural-o. — Desejava eu bem trocal-o com o meu, que me parece menos bom. As leis da cavallaria são na realidade bem apertadas, se não dão licença para se trocar um burro





Dom Quichote

Imp. Marmy.

... Em seguida lhe entregaram as chaves da villa e o admittiram como governador perpetuo da ilha Barataria...

por outro. Terei ao menos a liberdade de trocar os apparelhos? — N'isso não estou muito certo; mas enquanto não tenho melhores informações, julgo que poderás fazel-o. »

Autorizado com tal licença, retirou Sancho os apparelhos completamente novos do asno pardo, collocando-os para logo na sua cavalgadura que lhe pareceu assim valer cinco vezes mais. Feito isto, almoçaram os nossos viajantes dos restos da comida, beberam da agua do arroio dos pisões, sem voltarem a cara para elles, e, de novo bons amigos, proseguiram seu caminho, deixando ir ao Rossinante por onde se antolhou, seguido do asno sempre em boa e amigavel união. Em breve tornaram á estrada real. Então Sancho disse a seu amo :

« Quer Vossa Senhoria conceder-me licença para eu dizer duas palavras a Vossa Senhoria? Depois que me impoz este terrivel silencio, já tenho perdido uma infinidade de idéas excellentes, e uma que eu tenho justo n'este momento, não queria perdela tambem. — Dize-a embora, replicou D. Quichote, porém sê breve; os melhores discursos enfadam quando se prolongam em demasia. — Ha já dias, senhor, que ando considerando quão pouco se ganha em andar em busca de aventuras; porque emfim, ainda que ellas se vençam e concluem em bem as mais perigosas, não ha quem as presencie ou alcance d'ellas noticias; e portanto hão de forçosamente ficar em perpetuo silencio, com prejuizo do desejo de Vossa Senhoria e do que ellas merecem. Parecia-me pois mais acertado irmo-nos a servir a algum imperador ou a outro principe, que tenha alguma guerra com seu vizinho, para que Vossa Senhoria podesse mostrar o seu valor, as suas grandes forças e claro entendimento; então não faltariam boas recompensas, e quem ponha em escripto as façanhas de Vossa Senhoria para perpetua memoria. Das minhas nada digo, pois não hão de sahir dos limites da minha qualidade de escudeiro, embora não me parece que, se se usa na cavallaria escrever façanhas de escudeiro, as minhas hajam de ficar esquecidas. — Não deixas de ter razão no que dizes, Sancho; mas antes de se chegar a esse extremo, é mister andar pelo mundo buscando as aventuras que nos possam cobrir de gloria. »

CAPITULO XV

DA LIBERDADE QUE DEU D. QUICHOTE A MUITOS DESAFORTUNADOS QUE IAM LEVADOS ONDE ELLES
POR SI NÃO QUERERIAM IR

DEPOIS d'aquellas razões, que houve entre o escudeiro e seu amo D. Quichote, levantou este os olhos e viu que pela estrada real vinham uns doze homens a pé, engranzados como contas n'uma grande cadeia de ferro pelos pescoços, e todos algemados; vinham igualmente com elles dous homens a cavallo com escopetas, e outros dous a pé com dardos e espadas. « Ali ven , disse Sancho, a cadeia dos forçados que vão servir nas galés d'El-Rei. —

Como forçados! exclamou D. Quichote; é possível que El-Rei force a nenhuma gente? — Eu digo, tornou o escudeiro, que é gente que por delictos que fez, vae condemnada a servir o Rei nas galés por força. — Então elles não vão por sua vontade? Por certo que não. — Pois sendo assim, eu não esquecerei o que o meu officio me ordena ».

D. Quichote adiantando-se, pediu com muita cortezia aos que iam guardando a cadeia fossem servidos de informal-o, e dizer-lhe a causa por que levavam aquella gente d'aquelle modo. Um dos guardas a cavallo respondeu-lhe : « Levamos aqui o registo das sentenças de cada um d'estes desgraçados, porém não temos tempo que perder a apresentar papeis e fazer leituras. Se Vossa Senhoria deseja informar-se, póde interrogal-os, que elles lh'o dirão da melhor vontade. » Com esta licença, que o nosso heroe por si tomaria ainda que lh'a não déssem, chegou-se aos galeotes e perguntou ao primeiro porque máo peccado ia para as galés.

« Ai de mim! respondeu elle, por me ter enamorado. — Só por isso? tornou-lhe D. Quichote. — Sim, meu senhor, disse o forçado; o meu namoro foi com uma bolsa d'ouro, que a abracei comigo tão fortemente, que se a justiça m'a não tira por força, ainda agora por vontade minha não a tinha largado. A justiça concluiu o negocio assentando-me um cento de paoladas nas costas e por crescenças tres annos de serviço na marinha real. — E o meu amigo, disse D. Quichote ao segundo, que ia cheio de paixão e melancolia. — Eu, senhor, respondeu este, vou para as galés por ter sido excessivamente franco. — Como é isso? A franqueza é uma virtude que todo o homem honrado deve respeitar. — Pois os juizes d'agora não têm vergonha de a castigar : fizeram-me mil perguntas acêrca d'umas bestas roubadas, e tanto me atormentaram que eu por fim confessei ser o autor do roubo, e por isso fui condemnado a seis annos de galés, além de duzentos açoutes que aqui levo nos lombos. »

Interrogou D. Quichote o terceiro, que lhe respondeu muito alegremente : « Eu vou por cinco annos por me haverem faltado dez ducados. — Vinte darei eu por vos livrar d'esse trabalho. — Ah! se durante o processo eu tivesse tido esses vinte ducados, que Vossa Senhoria agora me offerece, tivera untado com elles a penna do escrivão e activado o procurador de maneira que hoje me veria livre e contente gozando vida alegre. Mas Deus é grande! e com paciencia tudo se consegue. »

Seu companheiro era um velho com uma barba de neve, que lhe chegava abaixo dos peitos, o qual, perguntado porque ia ali, começou a chorar e não respondeu palavra; mas o quinto condemnado fallou por elle e disse : « Este honrado sujeito vae ás galés por se ter entregado á magia. — Ah! senhor meu, exclamou o bom do velho, se eu fosse feiticeiro, teria de certo adivinhado a viagem que faço hoje. » Aqui tornou ao seu pranto; e Sancho devéras enternecido, deu-lhe uma pequena esmola.

Proseguiu D. Quichote no seu interrogatorio. O seguinte condemnado era um homem de uns trinta annos, de muito bom parecer, embora mettesse um olho pelo outro, que vinha preso de modo differente dos outros. Trazia uma cadeia ao pé, tão comprida que lhe subia pelo corpo todo, e ao pescoço duas argolas : uma em que se prendia a cadeia, e a outra da qual desciam dous ferros que chegavam até á cintura, a que se prendiam duas algemas fechadas com um grosso cadeado, de modo que nem com as mãos podia chegar á bôca, nem podia abaixar a cabeça até chegar a ellas. Perguntou D. Quichote a razão de todas aquellas cadeias. « É que este miseravel, respondeu um dos guardas, tem mais delictos elle só que todos os da leva juntos ; e é tão atrevido e velhaco, que, mesmo da maneira como vae, ainda tememos que nos fuja. — N'esse caso, então, tornou-lhe D. Quichote, como é que o condemnaram só ás galés? — Vae por dez annos, replicou o guarda, que é como morte civil. Vossa Senhoria talvez o tenha ouvido nomear ; é o famoso Ginez de Passamonte, cognominado o Ginezinho de Parapilha. — Senhor commissario, disse então o forçado, por favor não zombe e deixe em paz os meus sobrenomes. E vós, senhor cavalleiro, se tem alguma cousa que nos dar, avie-se e vá-se com Deus, que já aborrece com tanto querer saber vidas alheias. Se deseja conhecer a minha, ella está escripta por mim proprio, e é obra a que nada falta. — E está acabada? perguntou D. Quichote. — Não, pois ainda aqui estou ; o que está escripto é desde o meu nascimento até á minha ultima ida para as galés. — Visto isto, já lá estiveste mais d'uma vez. — Já fiz quatro campanhas para servir á sua Magestade Catholica, e pouco se me dá tornar a ellas ; terei assim vagar para concluir o meu livro, e nas galés ha socego de sobra. — Esperto me pareces tu. — Se eu fôra tolo, mais ditoso seria. — De tudo que me haveis dito, proseguiu D. Quichote elevando a voz, é claro, meus irmãos, que as penas que ides padecer por vossas culpas, nem por isso vos dão muito gosto, e que ides para ellas muito a vosso pezar e contra vontade, e que bem poderia ser que o pouco animo d'aquelle nos tratos, a falta de dinheiro n'este, os poucos padrinhos d'aquell'outro, e finalmente que o juizo torto do magistrado fossem causa da vossa perdição e de se vos não ter feito a justiça devida. Tudo isto se me apresenta agora no animo, de maneira que me está forçando que mostre em favor de vós outros, o primeiro dever da cavallaria, que é o de socorrer os opprimidos. Mas como sei que uma das condições da prudencia é o que se póde conseguir a bem se não leve a mal, quero rogar aos senhores commissarios e guardas façam favor de vos descorrentar e deixar-vos ir em paz. Deus e a natureza os fizeram livres, e nenhuma creatura humana tem o direito de attentar á essa liberdade ; quanto mais, senhores guardas, acrescentou D. Quichote, que estes desgraçados nada fizeram contra vós outros, e não é bem que os homens honrados se façam verdugos dos seus semelhantes. Lá em cima está Deus, que se não descuida de castigar os máos e premiar os bons. Renovo pois a minha supplica com mansidão e socego para vos poder agradecer, caso me cumpraes o pedido:

se por ventura me recusaes, esta lança e esta espada com o valor do meu braço farão que por força o executeis. »

« — Graciosa pilheria é essa, respondeu o commissario sorrindo. Na verdade, quer Vossa Senhoria que soltemos os forçados d'El-Rei? Ora, vá-se, senhor, siga seu caminho e endireite essa bacia que leva á cabeça, e não queira contar os pellos do gato. — Gato, rato e velhaco, sois vós, patife, » respondeu D. Quichote. E dito e feito, deu com elle e a escopeta em terra, ferido d'uma lançada. Os demais guardas ficaram attonitos, porém recobrando logo animo, metteram mão ás espadas e arremetteram contra o nosso heroe. Entrementes, os forçados aproveitandando-se da occasião forcejavam por quebrar a cadeia. Os guardas já para terem mão nos prisioneiros, já para se haverem com D. Quichote, não puderam fazer cousa que proveitosa lhes fosse. Sancho ajudou a Ginez de Passamonte a soltar-se; e este foi o primeiro que saltou o campo livre e desembaraçado, e indo-se sobre o commissario estendido no chão, lhe tirou a espada e a escopeta, e apontando ora a um ora a outro guarda, sem nunca disparar, conseguiu pol-os em debandada, debaixo d'um chuveiro de pedras que lhes atiravam os outros galeotes.

Foi completa a victoria; Sancho, porém, não se mostrava muito ufano, por se lhe representar que os fugidos haviam passar noticia do caso á Santa Irmandade; e assim o representou a seu amo, rogando-lhe que partisse quanto antes d'ali e se refugiasse na serra proxima. Mas D. Quichote havia formado outro projecto: chama todos os galeotes, occupados em despojar o commissario, que só deixaram com a camisa, e os reúne todos á roda de si: « Senhores, lhes disse em tom de gravidade, o reconhecimento é de todas as virtudes a mais cara ás almas bem nascidas. Já haveis visto o que de mim recebestes, e não ponho duvida que fareis alguma cousa em meu favor. É minha vontade que vos carregueis com essas cadeias, que dos vossos pescoços tirei, vos ponhaes para logo a caminho e vades á cidade de Toboso e vos apresenteis á senhora Dulcinêa. Direis a essa dama que o escravo da sua formosura, o cavalleiro da Triste Figura lhe manda muito saudar, e lhe conteis ponto por ponto como vos restitui á liberdade; feito isto podeis ir para onde melhor vos aprouver. »

« — Senhor cavalleiro e libertador de todos nós, respondeu Ginez de Passamonte em nome dos seus companheiros, o que Vossa Graça nos manda, torna-se-nos impossivel cumpril-o, porque não podemos ir juntos por essas estradas, senão sós e separados, procurando cada um de per si metter-se nas entranhas da terra, para não dar com elle a Santa Irmandade, que sem duvida alguma ha de sahir á nossa busca. O que Vossa Graça melhor póde fazer, é commutar este serviço e tributo á senhora Dulcinêa del Toboso em um certo numero de *Ave-Marias*, que nós outros rezaremos por tenção d'essa formosa dama: cousa que se poderá cumprir de dia e de noite, aqui ou acolá; porém pensar em nos tornarmos agora para as cebolas do Egipto,

quero dizer a tomarmos as nossas cadeias, isso é tão impossivel como colher peras de olmeiros. — Por Deus! exclamou D. Quichote accêso em colera, Dom Ginezinho de Parapilha, que haveis de ir agora vós só com toda a cadeia ás costas. »

Passamonte que nada tinha de soffrido, fez um signal aos companheiros, e retirando-se á parte começaram a chover tantas pedradas sobre D. Quichote, que este mal se podia defender com sua rodéla; e o pobre Rossinante fazia tanto caso da espora como se fôra de chumbo. Sancho lá se ia defendendo das pedras por traz do seu jumento. D. Quichote ferido por um seixo deu com o corpo em terra, e apenas cahiu, os galeotes viéram sobre elle, tiraram-lhe da cabeça a bacia da barba dando-lhe com ella cinco ou seis pancadas nas costas, com o que a fez quasi em pedaços. Tiraram-lhe um roupão que trazia por cima das armas, e até as meias calças lhe queriam tirar, se as grevas lh'o não estorvaram. Ao Sancho tiraram o gabão, e repartindo entre elles todos os despojos da batalha, tomou cada um por differentes lados com mais cuidado de escapar á Santa Irmandade, que de se irem apresentar á senhora Dulcinea. D. Quichote e Rossinante ficaram estendidos um ao lado do outro, enquanto que Sancho, feito n'uma bóla, tremia como varas verdes entre as pernas do seu asno, que, pensativo e cabisbaixo, sacudia de quando em quando as orelhas por cuidar que ainda ouvia zunir os seixos.



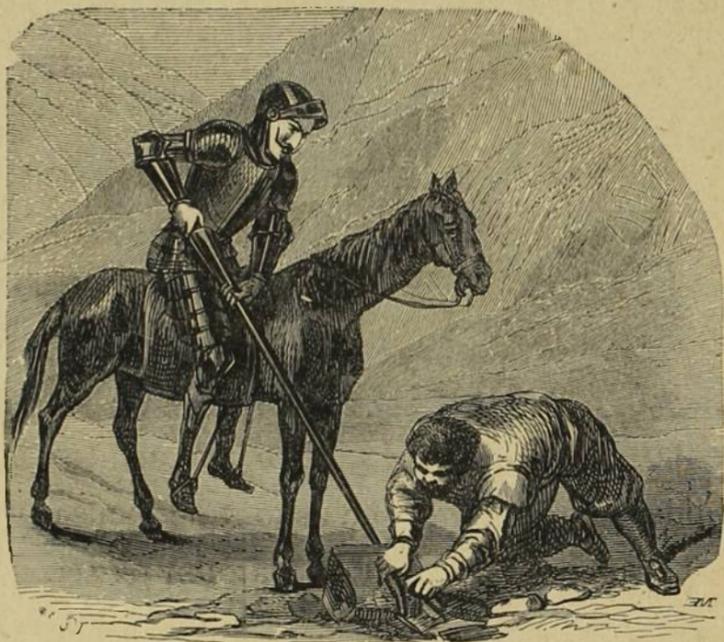
CAPITULO XVI

DO QUE SUCCEDEU AO NOSSO FIDALGO NA SERRA MORENA

VENDO-SE D. Quichote tão mal recompensado disse para o seu escudeiro: « Sancho, amigo, sempre ouvi dizer que bem pouco se ganha em fazer bem a villões. Eu devêra ter seguido teu conselho, mas ha de ficar-me de emenda para o futuro. — Vossa Senhoria tanto se ha de emendar com esta como eu hei de ser Turco; mas visto que lamenta não ter escutado os meus conselhos, creia-me agora e evitará outro contratempo maior, porque lhe digo que para a Santa Irmandade escusadas são cavallarias. Ella não dará dous maravedis por quantos cavalleiros andantes ha no mundo; e já até me parece que sinto zunir-me ás orelhas as suas settas. — Meu pobre Sancho, tu és covarde de tua natureza; mas, para que não digas que sou teimoso,

quero d'esta vez comprazer-te, comtanto que jámais emquanto eu vivo fôr, nem depois de minha morte (toma bem nota n'esta condição) confessarás a quem quer que seja que me retirei por medo. Se o disseres, Sancho, tu mentes e mentirás sempre, pois só cuidar que poderias acreditar que me esquivo a algum perigo, estou já quasi para não arredar pé e ficar á espera não só da Santa Irmandade que tanto receias, mas de toda a Irmandade das doze tribus d'Israel. — Senhor meu, retirar-se não é fugir; portanto não lhe peze de haver tomado o meu conselho; monte no Rossinante e siga-me, que me diz uma voz cá dentro que é a melhor resolução que podemos tomar. »

Obedeceu D. Quichote sem mais replica, e indo adiante Sancho no seu jumento se metteram á Serra Morena afim de esconderem-se ali alguns dias. Animou-se Sancho n'este



proposito por ter visto que o sacco das vidualhas havia escapado, como por milagre, ás procuras que os forçados tinham feito. Caminharam n'essa noite até o meio da Serra Morena, aonde ao nosso escudeiro pareceu conveniente que pernoitassem; pelo que se accomodaram para dormir entre duas penhas no meio d'uma grande espessura de sobreiros. Porém a sorte mofina, que os perseguia, ordenou que Ginez de Passamonte, esse famoso ladrão, que se havia escapado da cadeia com o socorro de D. Quichote, e que tinha tambem suas razões para temer a Santa

Irmandade, se lembrasse de procurar refugio n'aquellas serranias. Encontrou Passamonte os nossos heroes mergulhados n'um profundo somno; e como de seu natural nada tinha de agradecido, resolveu furtar o burro a Sancho por lhe parecer muito melhor que o Rossinante. Ainda mal rompia o dia, quando Sancho, despertando, deu pela falta do asno, e começou a fazer o mais triste e dorido pranto do mundo. « Ó filho das minhas entranhas! Ó meu amigo fiel! dizia elle; tu que nasceste na minha casa, tu que jámais me abandonaste, allivio dos meus trabalhos, regalo de minha mulher, entretenimento de meus filhos, inveja dos meus vizinhos! Ó meu querido burro! tudo perdi perdendo-te! pois com vinte e seis maravedis, que me ganhavas cada dia, segurava eu metade das minhas despezas. »

Consolou D. Quichote a Sancho com as melhores razões que poudo, e lhe pediu que tivesse paciencia, promettendo-lhe dar-lhe tres burricos, de cinco que lá tinha em casa.

Limpou Sancho as lagrimas, moderou os soluços e agradeceu a seu amo a mercê que lhe fazia; depois, collocando o sacco das vidualhas ás costas, proseguiu a pé e tristemente o seu

caminho. Caminhava D. Quichote a passo, alegre e satisfeito por lhe parecer aquelles logares accommodados para as aventuras que buscava. Vinham-lhe á memoria os maravilhosos acontecimentos que haviam occorrido a cavalleiros andantes em soledades e asperezas semelhantes. De subito viu Sancho que o seu fidalgo estava parado, procurando com a ponta da lança levantar uma maleta meia podre, que por terra jazia; pelo que se deu pressa em chegar a elle para o ajudar se preciso fosse. Mandou-lhe o amo que visse o que encerrava a maleta; assim o fez Sancho, e ainda que vinha fechada com uma cadeia e seu cadeado, conseguiu tirar pelos buracos da fazenda podre o que dentro havia, que eram quatro camisas de linho de Hollanda, e outras roupas muito finas; e n'um lencinho dobrado achou uma boa maquia de escudos d'ouro. « Ah! bemdito seja Deus! exclamou elle; eis emfim uma aventura de proveito! » Dizendo isto, sem perder tempo em contar os escudos, continuou a procurar na maleta; porém só achou um livro de lembranças ricamente arranjado. Pediu-lhe D. Quichote o livrinho e mandou-lhe que guardasse o dinheiro para si. Beijou-lhe Sancho as mãos pela generosidade, e arrecadou tudo mais nos seus alforges.

« Amigo, tornou-lhe o nosso heroe, isto sem duvida pertencia a algum desgraçado caminhante, que os bandidos assassinaram. — Não, me parece, senhor meu, respondeu Sancho; ladrões não teriam deixado estes bellos escudos d'ouro, que estão na minha algibeira. Ah! se eu tivesse ainda o meu burro, quão feliz seria agora! »

CAPITULO XVII

DA MANEIRA COMO O CAVALLEIRO DA MANCHA IMITOU A PENITENCIA DE BELTENEBROSO

LA o nosso heroe pouco a pouco entrando mais pelo aspero da montanha. De subito volta-se para Sancho e lhe diz: « Filho meu, estou determinado a executar uma alta façanha com que hei de ganhar perpetua fama e uma gloria tal, que excederá a tudo quanto póde tornar perfeito e famoso um andante cavalleiro. — E essa façanha será de grande perigo? — Não; tudo depende da tua diligencia. Escuta, e tu verás.

« Como deves saber, o famoso Amadis de Gaula foi um dos mais perfeitos cavalleiros andantes. Não digo bem: foi o unico, o primeiro, o senhor de todos quantos no mundo houve. Foi Amadis o norte, o luzeiro e o sol dos valentes e namorados cavalleiros, a quem devemos imitar todos os que militamos debaixo da bandeira da cavallaria. Uma das cousas em que este cavalleiro melhor provou a sua prudencia, valor, soffrimento, firmeza e amor, foi quando se

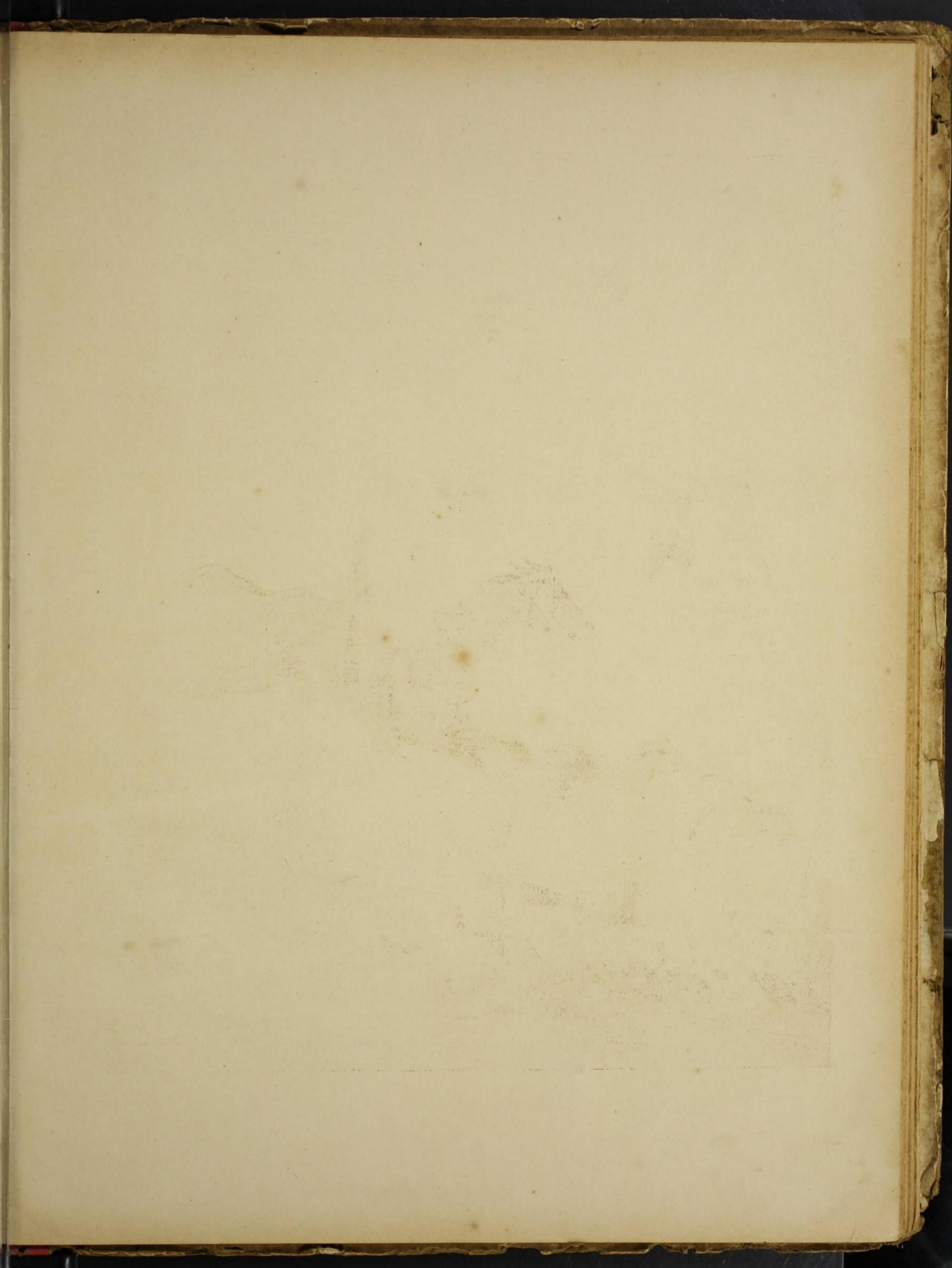
retirou, desprezado pela bella Oriana, a fazer penitencia na Penha Pobre, trocando o seu nome pelo de Beltenebroso. Ora mais facil me é a mim imital-o n'isso que no fender gigantes, matar dragões, desbaratar exercitos; portanto não quero perder a boa occasião que ao presente se me offerece com tanta commodidade na solidão d'estas montanhas.

« — Mas emfim, replicou Sancho, o que é que Vossa Senhoria pretende fazer? — Imitar Amadis, ou Rolando, o qual, julgando-se desprezado pela sua dama, arrancou as arvores, enturvou as aguas das fontes, matou pastores, abrasou choças, e se tornou completamente louco; o que o tornou digno de eterno renome. — Mas, se me não engano, Vossa Senhoria disse-me que esses dous cavalleiros tinham razões para commetterem essas bellas loucuras; porém Vossa Senhoria que razão tem para enlouquecer? por ventura suspeita Vossa Senhoria que a senhora Dulcinêa vos tenha desprezado? — Não; e por isso mesmo será maior o meu merito. Enlouquecer um cavalleiro andante com causa não é para admirar nem agradecer. O merecimento está em destemperar sem motivo e dar assim a entender á sua dama o que não fariam'uma occasião verdadeira; tanto mais que razão não me falta com a longa ausencia da minha Dulcinêa. Portanto, Sancho, louco eu sou e louco serei até que me tornes com a resposta d'uma carta que da minha parte levarás á senhora Dulcinêa. Se a resposta vier tal como a minha lealdade merece, acabar-se-ha a minha loucura; no caso contrario, conservar-me-hei louco para não sentir o meu desgosto. Assim, meu amigo, de qualquer maneira que ella responda, sahirei do trabalhoso passo muito a meu contento. »

Com esta conversação chegaram ao pé d'uma alta montanha, que, separada das outras, se erguia solitaria n'um prado banhado por um manso arroio. Havia por ali muitas arvores montesinhas e algumas flôres e plantas que tornavam o logar sobre modo aprazivel. Foi este o sitio que o nosso cavalleiro elegeu para a sua penitencia. « Eis o logar, rompeu elle em exclamações, eis o asylo solitario que eu escolho para chorar minha desventura! eis o limpido arroio em que as lagrimas dos meus olhos hão de augmentar suas aguas! Ó Dulcinêa del Toboso, considera o logar e o estado a que a tua ausencia me conduziu! E tu, fiel escudeiro meu, companheiro em meus successos prosperos e adversos, toma bem na memoria o que vou fazer á tua vista, para que o repitas a causadora unica de todos os meus males. »

Dizendo isto, apeou-se D. Quichote do Rossinante, tirou-lhe o freio e as silhas, e dando-lhe uma palmada nas ancas, lhe disse: « Liberdade te dá quem sem ella fica; vae-te por onde quizeres, que na fronte levas escripto que não te igualou em ligeireza o famigerado Frontino, nem o hippogripho de Astolfo. »

« — Se o meu pobre burro aqui estivera, interrompeu Sancho, não faltariam, quando o desalbardasse, bonitas cousas que dizer em seu louvor, embora com elle não tinham que ver todas essas historias de enamorados. Não obstante isso, senhor cavalleiro da Triste Figura, se





Dom Quichote

Imp. Marny

Proferindo estas palavras se entranhou pelo tropel de carneiros, e começou a alancear n'elles com um furor louco.

a minha partida e a loucura de Vossa Senhoria são cousas devéras assentadas, será bom tornar-se a apparellhar o Rossinante para me supprir a falta do meu jumento, porque assim se encurtará a demora da minha ida e volta, que a pé não sei quando tornarei, pois sou fraco andarilho. — Como quizeres, respondeu D. Quichote; partirás então d'aqui a tres dias, pois quero que n'este meio tempo vejas o que digo e faço por amor da minha Dulcinêa para lh'o repetires como testemunha. — Oh! meu senhor, que mais tenho eu que ver do que já vi? — Ainda não viste tudo, meu pobre amigo. Vou agora rasgar o fato, espalhar por ahi as armas e dar cabeçadas por estas penhas... — Olhe Vossa Senhoria como dá essas cabeçadas, que em tal penha poderia acertar que logo á primeira se acabasse toda esta penitencia. Sou de parecer que, visto Vossa Senhoria entender serem as cabeçadas necessarias para o caso, se contentasse com as dar na agua ou na areia, que é tão fôfa como o algodão; o mais deixe-o por minha conta, que eu direi á senhora Dulcinêa que Vossa Senhoria as dava na quina d'um penhasco mais duro que um diamante. — Não, Sancho, as leis da cavallaria prohibem toda a casta de mentira. — Pouco cuidado me dá isso a mim, e mais lhe rogo que faça de conta que já são passados esses tres dias. Escreva a carta e despache-me logo; vou a toda a brida até Toboso; fallo á senhora Dulcinêa; conto-lhe maravilhas da sua penitencia; e volto, ligeiro como um passarinho, tirar Vossa Senhoria do seu purgatorio. — Não tenho aqui papel; mas vou escrever a carta no livrinho de memorias que nós achámos, e tu a farás copiar para papel, na primeira aldeia onde haja mestre d'escola, ou quando não, qualquer sacristão t'a copiará. Pouco importa o ir a carta escripta por mão de outrem, porque se bem me lembra, Dulcinêa não sabe ler, nem nunca viu lettra minha. Os nossos amores têm sido sempre platonicos, e posso jurar-te com verdade que em doze annos, que eu lhe quero mais que á luz dos meus olhos, não a tenho visto quatro vezes, e até poderá ser que ella nem em tal reparasse uma só; tamanho é o severo recato com seu pai Lourenço Corchuelo e sua mãe Aldonsa Nogales a crearam. — Que diz o senhor? Então a filha de Lourenço Corchuelo é que é a senhora Dulcinêa? É ella mesma. — Oh! eu bem a conheço; uma bella rapariga que atira tão longe uma barra como o mais alentado pastor d'aquella aldeia. Vive Deus! é uma mocetona de cabellino na venta, e muito capaz de tirar as barbas de vergonha a qualquer cavalleiro andante. Ainda me lembro que um dia se poz no alto da torre a bradar por uns moços da casa, que andavam trabalhando a mais de meia legua, e elles ouviram-na como se a torre estivesse ali ao pé. Que vozeirão! Tomara-me já em caminho só por tornar a vê-la. Deve estar a estas horas muito demudada, porque o andar sempre ao ar e ao sol estraga e cresta a pelle das mulheres. Mas que estupidez a minha! suppunha eu que essa senhora Dulcinêa devia ser alguma princeza de quem Vossa Senhoria estava enamorado, e que merecia ver a seus pés o Biscainho, os forçados das galés e outros muitos que Vossa Senhoria terá vencido. Essa é boa! Se elles lá fôram, pôde muito bem succeder que Aldonsa

Lourenço estivesse n'essa occasião tasquinhando linho ou malhando na eira, e ao vêl-os envergonhados ella se risse a valer.

« — Sancho, tornou-lhe D. Quichote em tom severo, já te tenho dito muitas vezes que és um grande fallador de bestunto ronceiro. Quero, porém, dizer-te que ha só duas cousas que merecem o nosso amor : a formosura e a castidade. Ambas estas cousas em Dulcinêa são extremadas. Lá a sua linhagem importa pouco ; para mim iáço de conta que é a mais alta princeza do mundo. — Vossa Senhoria tem razão ; e confesso do fundo d'alma que sou um asno. Ai, meu Deus ! quando fallo em asno não posso deixar de suspirar e pensar que perdi o meu fiel companheiro, e que Vossa Senhoria me prometeu dar em seu logar tres burrinhos. »

D. Quichote, sem lhe dar resposta, retirou-se para um canto e puxando pelo livrinho de lembranças começou a escrever a carta para a sua Dulcinêa. Acabada ella, chamou o escudeiro para elle a reter de memoria. « Será melhor que Vossa Senhoria a escreva duas ou tres vezes no livro, que eu o levarei bem guardado, porque sou muito falto de memoria. Mas leia-a sempre que estimo muito ouvil-a. — Ora escuta ; reza assim :

« Mui nobre e soberana senhora,

« Aquelle que longe de vós se desinha, aquelle cujo coração, profundamente ferido, soffre
« e abençôa seus soffrimentos, vos deseja, dulcissima Dulcinêa, o repouso que ha perdido. Se
« a vossa formosura me despreza, se o vosso orgulho me repellir, eu succumbirei, não obstante
« a minha firmeza, sob o peso do meu infortunio. O meu fiel escudeiro, Sancho, vos dará inteira
« relação, ó bella ingrata, da horrível situação em que me encontro. São vossos os meus tristes
« dias ; uma só palavra poderá conserval-os, como uma só palavra tambem os póde terminar.
« Ordenae, e eu me comprazerei em satisfazer á vossa crueldade.

« Vosso até á morte,

« O cavalleiro da TRISTE FIGURA. »

« — Por vida de meu pai ! exclamou Sancho, que jámais ouvi cousa tão sublime. Ahi diz Vossa Senhoria tudo quanto quer ; e como encaixa bem para assignatura o vosso Cavalleiro da Triste Figura ; não ha nada que Vossa Senhoria não saiba. Mas agora ponha n'essa outra pagina adiante a ordem dos tres burricos, com uma assignatura menos gentil, porém mais clara. »

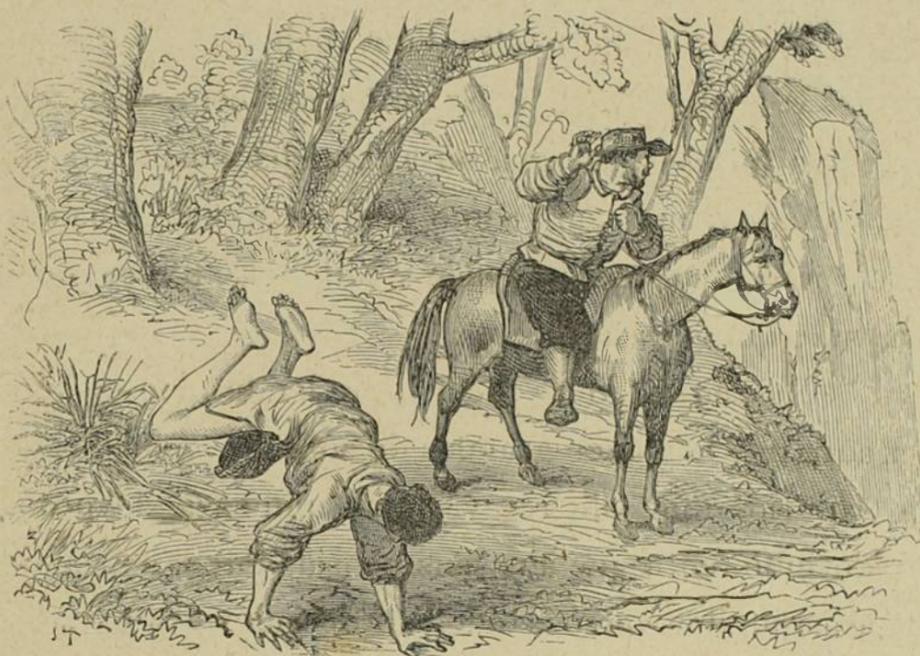
D. Quichote escreveu o seguinte :

« Minha senhora e sobrinha, por esta presente ordem de burrinhos, mandará Vossa
« Mercê dar ao meu escudeiro Sancho Pança, tres dos cinco que deixei ao cargo de Vossa
« Mercê, os quaes os mando entregar e pagar por outros aqui recebidos de contado, que com
« esta e sua carta de pago serão bem dados. »

« Feita nas entranhas da Serra Morena aos 22 de Agosto do presente anno. »

« — Está muito boa, disse Sancho ; assigne-a Vossa Senhoria, e vou já apparellhar Rossinante. — Espera um momento, replicou D. Quichote ; quero pelo menos que me vejas nú em pello, e fazer uma duzia de disparates ; poderás assim jurar sem encargo de consciencia. — Oh ! por Deus não me obrigue a ver a Vossa Senhoria nú em pello ! estou certissimo que isso me faria chorar sem querer ; demais tenho a minha pobre cabeça em tal estado, do pranto que fiz pelo ruço, que não estou para novos chóros. Deixe-me Vossa Senhoria partir quanto antes, para não demorar a volta, que ha de ser com as noticias que Vossa Senhoria deseja e merece. Mas agora me lembro, que é o que Vossa Senhoria ha de comer enquanto eu não volto ? — Não te dê isso cuidado, Sancho ; as hervas d'este prado, os fructos d'estas arvores serão o meu sustento. Mas o que estou receiando é que tu não atines á volta com o sitio em que me deixas agora ; e para te não perderes será melhor cortares algumas giestas e as vás deitando pelo caminho até sahires d'estes montes ; terás assim marcas para dares comigo. »

Approvou Sancho aquelle expediente, e, cortando algumas giestas, pediu a benção ao amo, se montou no Rossinante, que D. Quichote muito lhe recommendou, pondo-se logo a caminho. Mas ainda não tinha andado



cem passos quando voltou precipitadamente e disse : « Vossa Senhoria tinha razão, seria bom que eu visse algumas d'essas loucuras. afim de poder jurar sem encargo de consciencia... » D. Quichote que não desejava outra cousa para logo se despiu, tirou os calções, ficando apenas com a camisa, deu em seguida duas cabriolas no ar e dous tombos de cabeça a baixo. Não quiz Sancho ver mais e fechando os olhos voltou a rédea ao rossim. e foi seguindo seu caminho.

CAPITULO XVIII

ONDE SE PROSEGUEM AS FINEZAS QUE FEZ O ENAMORADO D. QUICHOTE NA SERRA-MORENA

VENDO-SE o cavalleiro da Triste Figura só e em camiza, interrompeu as cambalhotas para subir ao alto d'um rochedo. Ali tornou a discorrer sobre um ponto que muito o embaraçava. « Examinemos bem, dizia elle entre si, devo eu imitar a Rolano nas loucuras furiosas que fez, ou a Amadis nas melancolicas? São dous bellos exemplos dignos de ser imitados; mas em todo o caso eu prefiro Amadis. Viva, viva o grande Amadis! Acudi-me á lembrança, acções sublimes e patheticas d'esse phenix dos cavalleiros! e imite-o D. Quichote em tudo que pudér. »

Desceu então do rochedo, e, lembrando-se que a oração foi o que Amadis mais praticou, fez com uns bogalhos grandes de sobreiro, entoados de dez em dez mais pequenos, uma especie de rosario, que elle rezava com immensa devoção. E assim se entretinha passeando pelo pradozinho, entregue aos seus pensamentos, gravando pelas cortiças do arvoredado e escrevendo na areia muitos versos, todos apropriados á sua tristeza.

Emquanto assim suspirava pela sua dama, sustentando-se de algumaservas, proseguia Sancho seu caminho; que se assim como tardou tres dias, tarda tres semanas, não encontraria seu amo em vida; porém vinte e quatro horas depois de o ter deixado, chegou Sancho para jantar na fatal hospedaria em que lhe succedera a desgraça da manta. Estava indeciso se entraria ou não quando n'isto sahiram de lá dous homens, que logo o conheceram, e disse um para o outro. « Senhor licenciado, aquelle de cavallo não será Sancho Pança, que nos disse a ama ter seguido o nosso aventureiro? — E' elle mesmo, respondeu o ecclesiastico; e aquelle é o rossim do nosso D. Quichote. »

Eram os dous nem mais nem menos o Cura e o barbeiro do proprio lugar, que para logo se aproximaram do nosso viajante. « Amigo Sancho, diz o Cura, onde fica o vosso amo? — Senhor, responde o escudeiro, que os conheceu immediatamente, meu amo fica em certa parte, occupado com certa cousa de muito interesse, que eu nem pelos dous olhos da cara descobriria. — Oh! exclama o barbeiro, se o senhor Sancho nos não diz onde ficou seu amo, cuidaremos que o roubou; tanto mais que vindes montado no seu cavallo. — Senhor, senhor, replicou o

escudeiro, eu não sou homem que roube a ninguém. Meu amo ficou a fazer penitencia no meio d'essas montanhas; e eu, como seu embaixador, levo uma carta para a senhora Dulcinêa del Toboso, filha de Lourenço Corchuelo. »

Mestre Nicoláo e o Cura, admirados d'esta nova loucura, pediram para ver a carta. Respondeu Sancho que ella ia escripta n'um livro de lembranças, e que era ordem de seu amo que a mandasse trasladar em papel no primeiro lugar onde chegasse. Ao que volveu o Cura que elle mesmo a trasladaria. Metteu Sancho a mão no bolso á procura do livrinho, mas não o achou nem o poderia achar, porque tinha ficado em poder de D. Quichote. Inquieto, perturbado, pallido como a morte, Sancho torna a apalpar todo o corpo, e vendo que não achava o livro, arranca com ambas as mãos as barbas, e dá no rosto e nariz cinco ou seis punhadas. — « Que desgraça vos succedeu? pergunta o Cura. — Que desgraça me succedeu? responde Sancho; ah! desgraçado de mim! succedeu-me que perdi n'este intante tres burricos, valendo cada um tanto como uma fazenda. — Como foi isso? replicou o barbeiro. — Perdi o livrinho em que vinha a carta para a senhora Dulcinêa e uma cédula assignada por meu amo, na qual mandava que a sobrinha me dêsse tres burrinhos, de quatro ou cinco que estavam em casa. »

Consolou-o o Cura e lhe prometteu que, achando o fidalgo, elle lhe faria renovar a ordem. Com isto se confortou o bom de escudeiro, e disse então que pouco cuidado lhe dava a perda da carta para a senhora Dulcinêa, porque a sabia quasi de memoria. Pediu o barbeiro que a dissesse para se fazer a copia d'ella. Esteve Sancho por um pouco a coçar a cabeça, e pondo-se ora sobre um pé ora sobre outro, ora olhava para o céu ora para o chão, e depois de ter roido metade da unha disse finalmente : « O diabo me leve se me lembra o começo da carta, que dizia *alta e soterrana senhora*. — *Soberana* é que havia de ser, acudiu o barbeiro. — Exacto, era *soberana*, agora me lembro. Em seguida dizia : *Aquelle cujo coração ferido vos deseja, ó bella ingrata, horrivel situação em que me encontro*. Depois d'isto havia ainda *tristes dias e uma só palavra*, terminando por *vosso até á morte cavalleiro da Triste Figura*. »

O barbeiro e o Cura louvaram muito a boa memoria de Sancho, e pediram-lhe que repetisse a carta mais duas vezes para que elles a copiassem. Mais tres vezes a repetiu Sancho todas de modo differente, passando a relatar igualmente as cousas do amo, mas nem palavra que se referisse ao caso da manta passado n'aquella venda em que recusava entrar.

Disse tambem que depois da sua embaixada á senhora Dulcinêa, seu amo se havia de pôr a caminho á procura de como se faria imperador; e alcançando isso o havia de casar a elle, que a esse tempo já seria viuvo com toda certeza, dando-lhe por mulher uma donzella da imperatriz herdeira d'um rico Estado de terra firme, sem ilhas nem meio ilhas, que já d'isso não queria nada. Tamanha era a serenidade com que Sancho dizia tudo aquillo, limpando de quando em quando o nariz todo em sangue, que o Cura mais o barbeiro não se quizeram causar a tiral-o

do erro em que estava, considerando-o pelo menos tão louco como seu amo. Disseram-lhe, pois, que pedisse a Deus pela saúde do fidalgo; porque mui breve viria certamente a ser Rei, ou pelo menos arcebispo... « — Arcebispo, atalhou Sancho, foi cousa em que nunca pensou; mas se meu amo tiver essa fantasia, bem desejava eu agora saber que é o que costumam dar os arcebispos andantes aos seus escudeiros. — Costumam-lhes dar, respondeu o Cura, algum beneficio simples ou de curas d'almas ou alguma sacristania de boa renda. — Diacho! eu prefiro um beneficio, mas para isso ha de ser preciso que eu não seja casado e que saiba pelo menos ajudar á missa. Que será de mim que sou casado e não sei a primeira lettra do abecedário! Oh, meus ricos senhores! tire da cabeça do meu amo essa idéa de ser arcebispo, pois é muito melhor que elle se faça imperador. » Assim o prometteram o barbeiro e o Cura.

« Mas o que ao presente se deve fazer, acrescentou o Cura, é diligenciar pôr vosso amo fóra d'aquella inutil penitencia em que o deixastes; e para melhor combinarmos tudo, e tambem para comermos que já são horas, bom será que entremos na venda. » Respondeu Sancho que elle esperaria ali fóra e lhe diria depois a causa porque não entrava n'aquella venda; mas que lhes pedia mandassem vir para elle alguma cousa quente e tambem cevada para o Rossinante. Entraram os dous e d'ali a pouco trouxe-lhe de comer o barbeiro.

Entrementes o Cura e o barbeiro ajustavam bem o modo como haviam de conseguir de D. Quichote o que elles desejavam. A sua idéa era que elle se vestiria em trajo de donzella andante, e mestre Nicoláo em habitos de seu escudeiro, e assim iriam lançar-se aos pés do nosso heroe, pedindo-lhe um dom; isto é, que viesse aonde a donzella o levasse para reparar-lhe um agravo que um cavalleiro descortez lhe havia feito; e igualmente lhe supplicava que lhe não mandasse tirar o véo antes de terminada aquella aventura. D'este modo levariam D. Quichote á sua aldeia, e lá se veria que remedio se poderia dar á sua estranha loucura.

CAPITULO XIX

DA MANEIRA COMO SE CONCLUIU A AUSTERA PENITENCIA DO NOSSO FIDALGO

APLAUDIU mestre Nicoláo o stratagemma do Cura, e tanto que para logo a puzeram por obra. Pediram á vendeira uma saia e uma touca. O barbeiro fez umas grandes barbas d'um rabo de boi ruço em que o locandeiro costumava espetar o pente. Perguntou-lhes a vendeira para que eram aquellas cousas, e o Cura contou-lhe em poucas palavras a loucura de D. Quichote. Então a vendeira entendeu logo ser o doudo o seu hospedado, o do baisamo, e o amo do manteado escudeiro, e contou tudo que com elle havia passado sem ommittir

o que Sancho tanto calava. Assim conversando ajudava a vendeira ao Cura a vestir-se. Poz-lhe uma saia de panno cheia de faxas de velludo preto e um corpinho de velludo verde com vivos de setim branco, que deviam remontar-se ao tempo do rei Wamba. Não consentiu o Cura que o toucassem, mas poz na cabeça um barretinho, que trazia para dormir de noite, e apertou-o na testa com uma fita de tafetá preto com que cobriu muito bem as barbas e o rosto, e por cima de tudo encaixou o sombreiro d'abas largas, que lhe servia de guarda-sol. Assim disfarçado, sentou-se na sua mula á moda das mulheres. O barbeiro montou igualmente na sua, com a barba ruiva que lhe chegava á cintura; e despediram-se ambos do vendeiro e sua mulher e da boa Maritorne, que prometeu rezar um rosario para que tivessem boa fortuna no negocio que emprehendiam.

Sancho ao vêl-os não poude conter o riso. Mas o Cura apenas sahiu da venda se sentiu penetrado d'um escrupulo; não lhe pareceu bem o ter-se posto d'aquella maneira, por ser cousa indecente para um sacerdote ir assim disfarçado em trajo de mulher. Pediu então ao barbeiro que trocassem entre si o disfarce, pois era melhor que mestre Nicoláo representasse a donzella e que elle lhe serviria de escudeiro, pois d'esse modo se profanava menos a sua dignidade. Conveio o barbeiro na troca, porém dispensou vestir-se de mulher antes de chegarem perto d'onde estava D. Quichote, e fez um embrulho da saia e do lindo corpinho de velludo. No dia seguinte chegaram aonde Sancho havia deixado postos os signaes das giestas. Decidiu-se então que Sancho iria adiante informar D. Quichote de sua embaixada e que tinha entregado a carta a Dulcinêa, mas que ella por não saber escrever lhe respondera vocalmente, dizendo-lhe que lhe mandava, sob pena de lhe descahir da graça, que viesse immediatamente ter com ella. Prometteu Sancho que voltaria instruir o Cura dos projectos do amo, e deixou seus dous companheiros n'um pradozinho por onde manava um pequeno regato sombreado de penhas e arvores.

Durante a ausencia de Sancho Pança, o Cura e o barbeiro encontraram-se com uma dama chamada Dorothea, que se achava perdida na Serra Morena e se offereceu de melhor vontade em representar o papel de donzeita necessitada. Cedeu-lhe o Cura a mula, e Mestre Nicoláo montou na sua com a barba de rabo de boi.

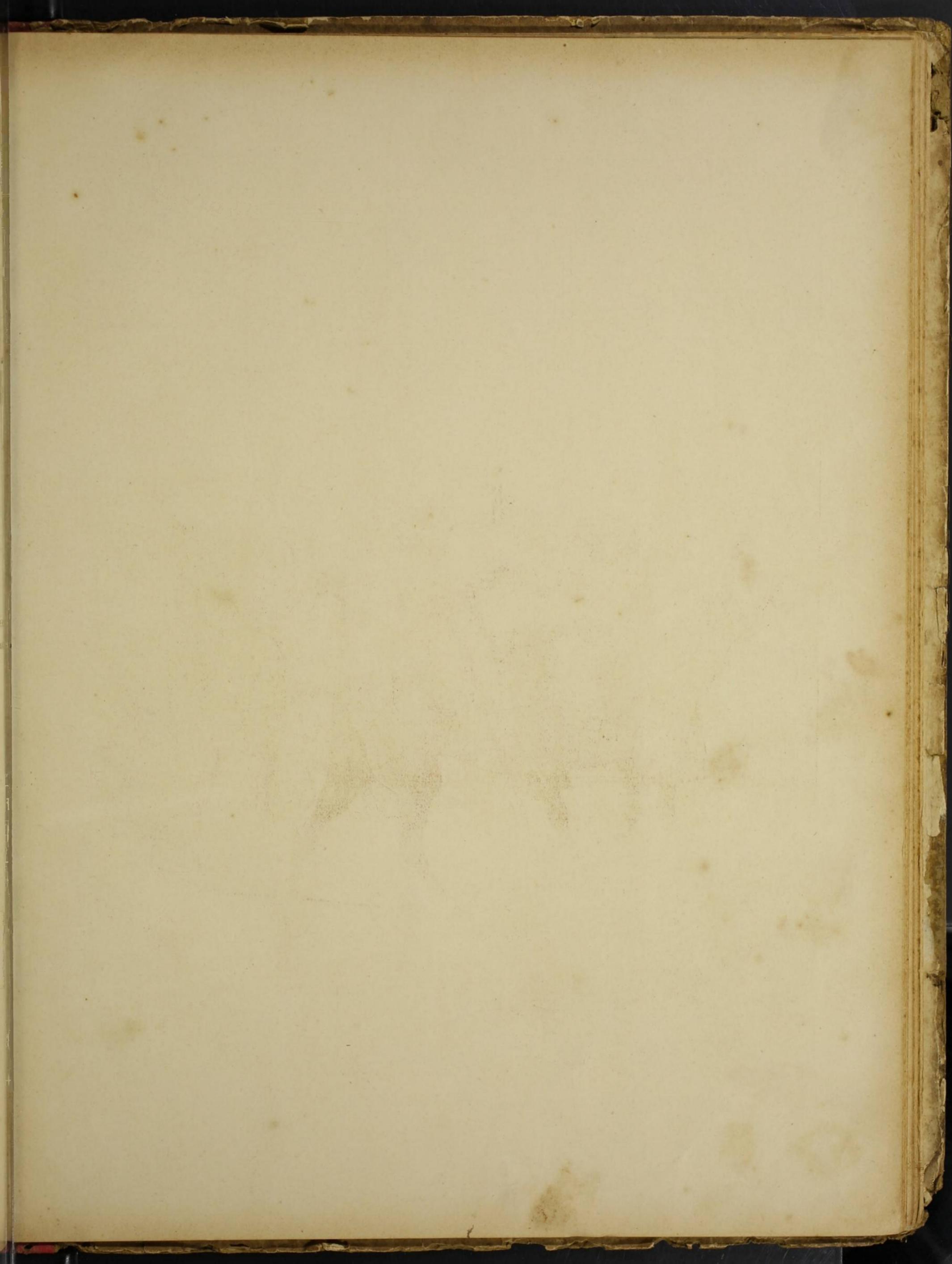
N'isto ouviram a voz de Sancho, o qual por não ter achado o Cura onde o deixára, se puzera a chamar por elle em altos brados. Sahiu-lhe logo o barbeiro ao encontro, e perguntando-lhe por D. Quichote, lhe disse o escudeiro como o encontrára em fralda de camiza, fraco, amarello, morto de fome e suspirando pela sua Dulcinêa. « É apesar de lhe ter dito que ella lhe mandava que sahisse d'onde estava e se fosse a Toboso, respondeu-me o meu amo que estava resolvido em não apparecer perante sua dama sem primeiro ter feito alguma façanha que o tornasse merecedor da sua graça. Vejam portanto o que se póde fazer para o tirarem d'ali

promptamente, pois se tal mania vae por diante, corre grande risco de não chegar nunca a imperador. »

Ainda não tinham andado tres quartos de legua, quando descobriram a D. Quichote no meio de rochedos, já vestido, mas não armado. Assim que Dorothea o avistou, fustigou o seu palafrem. Ao chegarem ao pé do cavalleiro, atirou-se o escudeiro barbudo abaixo da mula e foi para tomar nos braços a joven princeza, a qual, apeando-se ligeiramente, se foi lançar de joelhos diante do heroe de la Mancha. Forcejava elle para erguel-a; ella, porém, sem consentir em levantar-se, lhe fallou d'esta maneira: « — Não me levantarei d'aqui, ó valoroso cavalleiro, até que a vossa cortezia me não tenha outorgado um dom, que redundará em credito de vossa pessoa e em proveito da mais desafortunada donzella. — Formosa senhora, lhe disse D. Quichote, eu não vos responderei palavra, nem ouvirei mais nada da vossa pretenção, sem que primeiramente vos levanteis. — Não me levantarei, senhor, antes que a vossa cortezia me outorgue o favor pedido. — N'esse caso, senhora minha, eu vol-o outorgo, comtanto que se não haja de cumprir em detrimento do meu rei, da minha patria e de minha dama. — O que peço, replicou entãc Dorothea, é que a vossa magnanima pessoa venha comigo onde eu o levar, e me prometta não se intrometter em outra aventura antes de me dar vingança d'um traidor que, contra todo o direito divino e humano, me tem usurpado o reino que era meu. — Senhora, outorgado está, e assim podeis perder para sempre a melancolia que vos opprime e recobrar nova coragem, porque cedo vos vereis restituída ao vosso reino e sentada no throno dos vossos nobres antepassados; e partamos quanto antes, que no tardar costuma estar o perigo. »

Quiz a princeza beijar as mãos do seu cavalleiro, porém D. Quichote que em tudo era comedido e cortez, de nenhum modo o consentiu, e ordenou a Sancho que apparelhasse Rossinante e o armasse logo n'um repente. O escudeiro despendurou as armas que se achavam pendentes d'uma arvore. Vendo-se o nosso heroe revestido de suas armas, disse: « — Vamos, senhora, eu cumprirei o que sou obrigado com a ajuda de Deus e do meu braço. » O barbeiro ainda de joelhos, não ousava fallar nem mexer-se, com receio que lhe cahisse a barba postica, mas quando viu D. Quichote já a cavallo, levantou-se e ajudando Dorothea a subir para a mula, montou elle na sua, ficando Sancho a pé, renovando-se-lhe as saudades do seu ruço.

Observava o Cura tudo aquillo atraz d'umas moitas, e vendo approximar os nossos viajantes, sahiu primeiro que elles á estrada real. De feito chegou a planicie justo ao sahir d'ella D. Quichote e seus companheiros. Poz-se o Cura a encarar n'elle muito attento, parecendo que o reconhecia e depois de estar assim irresoluto por um bom espaço, correu de braços abertos para o nosso heroe, dizendo a brados: « Eu não me engano, sois vós, meu bom compatriota D. Quichote de la Mancha, o amparo e defensor dos opprimidos, o espelho da cavallaria, a flôr, a gloria dos cavalleiros andantes! » D. Quichote espantado do que ouvia áquelle homem,





Dom Quichote

Imp. Marmy.

A estas palavras, Dom Quichote atira a lança ao chão, desembainha a espada e arremette contra seu inimigo.

encarou n'elle melhor; reconheceu-o emfim, quiz immediatamente apear-se. « Não consinto de modo algum, disse o Cura, esteja Vossa Grandeza a cavallo, pois a cavallo é que última as maiores façanhas; que a mim, bastar-me-ha montar na garupa d'uma d'estas mulas, se m'ò não levam a mal. » O barbeiro, então, apeando-se logo, offereceu ao Cura a sella, que elle acceitou de melhor vontade. Desejou D. Quichote saber o que obrigara o senhor Licenciado a vir a essas terras, tão só, sem criados e tanto á ligeira. « Em poucas palavras o satisfarei a Vossa Senhoria, respondeu o ecclesiastico: ia eu a Sevilha a cobrar certo dinheiro remettido por um parente meu que se passou ás Indias. Passando hontem por estes logares fui assaltado por quatro bandidos que me deixáram n'este bello estado. O mais extraordinario é que me disseram que esses bandidos eram uns certos forçados das galés, que fôram libertados por um homem tão valente, que a despeito dos guardas os soltou a todos. Não ha duvida que era doudo, ou então ladrão como elles, visto empregar o valor do seu braço em defender e proteger o crime soltando o lobo entre as ovelhas, violando as leis divinas e humanas. Ora aqui tem Vossa Senhoria quem me roubou, e a quem devo o prazer de vos ter encontrado n'estas terras. » A cada palavra do Cura mudava o nosso heroe de côr, mordia os beiços, sem se atrever a responder. Sancho, que caminhava ao seu lado, pôe-se a gritar: « Senhor Cura, não foi culpa minha se meu amo deu a liberdade áquella gente: bastante lhe pedi que reparasse no que fazia, porque todos ali iam por grandissimos tratantes. — Ó meu idiota, tornou-lhe D. Quichote, não te disse já que aos cavalleiros andantes não pertence averiguar se os desgraçados a quem soccorrem, são ou não culpados? Encontro uns homens acorrentados: fiz o meu dever dando-lhes a liberdade, sem me importar com o resto; e a quem o desaprova, sem faltar ao respeito que devo ao senhor Licenciado, digo que pouco sabe dos contratempos da cavallaria e lh'o farei conhecer com a ponta da minha espada. » Proferindo estas palavras, firmou-se nos estribos collocando a lança em riste.

« Senhor cavalleiro, lhe disse Dorothêa, recordê-se do que me prometteu: Vossa Senhoria não pôde intrometer-se em aventura nenhuma sem primeiro me ter vingado; serene-se, que se o senhor Licenciado soubera que o libertador dos galeotes fôra esse braço invencivel, não teria dito palavra que redundasse em desdouro de Vossa Graça. — Posso jurar-lhe, acudiu o Cura, era mais facil deixar cortar a língua. — Já me calo, senhora minha, volveu D. Quichote, e irei no meu socego até ter cumprido o que vos prometti.

Iam n'isto quando viram pelo seu caminho vir para elles um homem n'um jumento. Sancho, que onde quer que via asno se lhe iam atraz, elle o coração e os olhos, tanto como avistou o homem conheceu logo ser Ginez de Passamonte, esse mesmo que o roubára na Serra-Morena: « Ah! patife, ladrão Ginezinho, bradou o nosso escudeiro, restitue-me a minha vida, o meu bem, a minha joia; larga o meu burro, ladrão! »

Ginez, reconhecendo Sancho e vendo-o em tão grande companhia, não se fez muito rogado, saltou do burro abaixo e tomando um trote que mais parecia carreira, n'um momento desapareceu. Sancho abraçado ao animal, beijava-o e acariciava-o como se fôra gente : « Como tens passado, filho meu? meu amigo, meu companheiro tiel ! » O jumento deixava-se acariciar, sem responder meia palavra. Todos felicitavam o pobre Sancho de ter achado o seu ruço e disse-lhe D. Quichote que nem por isso annullava a ordem dos tres burrinhos, o que o escudeiro muito agradaceu. Ordenou-lhe então o amo que seguisse um pouco adiante, porque desejava fallar-lhe em particular.

CAPITULO XX

DA INTERESSANTE CONVERSAÇÃO QUE HOVE ENTRE D. QUICHOTE E O SEU ESCUDEIRO

ENQUANTO assim caminhavam, dizia o nosso heroe a Sancho : « Palavras e pennas levadas o vento, Sancho amigo. Conta-me agora sem medo a enfados meus, como e quando encontraste Dulcinêa? que estava ella fazendo? que lhe disseste? que te respondeu ella? com que cara leu a minha carta, quem t'a copiou, e tudo mais que é digno de saber-se, sem acrescentares, nem encurtares nada para comprazer-me. — Senhor, devo primeiro confessaros que tal carta não levei. — Bem o sei; porque achei o livro de lembranças em meu poder, dous dias depois da tua partida, o que me causou um enorme desgosto. Sempre esperei que tornasses atraz logo que desses pela falta. — Fazia-o de certo, se não tivesse a carta de memoria, de quando Vossa Senhoria m'a leu; de maneira que a repeti a um sacristão que m'a trasladou pontualmente, e me disse que nunca em dias de sua vida, comquanto tenha escripto muitas cartas de confissão, tinha lido uma belleza como aquella. — Ainda a tens de cór? — Não, meu senhor, porque depois que a entreguei como vi que já não me era precisa, dei em me esquecer d'ella. — Muito bem. Agora dize-me o que estava fazendo aquella rainha da formosura? aposto que a achaste a enfiar perolas, ou bordando alguma faixa com canotilho d'ouro para o seu cavalleiro? Não, meu senhor : ella estava a joeirar duas fangas de trigo n'um pateo da casa. — Bem sei, os grãos d'esse trigo se transformavam em aljofares mal ella lhes tocava com seus lindos dedos. Mas, vamos adiante : Quando lhe déste a minha carta, beijou-a? pôl-a sobre a cabeça, ou sobre o coração, segundo os usos do Oriente? — Não, meu senhor : quando eu lh'a ia entregar, estava ella na azáfama de aviar uma joeira de trigo; por isso me disse : « Meu amigo, ponde a carta para riba d'esse sacco, que não a posso ler enquanto não acabar de joeirar tudo o que para ahi está. » — Ah! havia de ser para a ler com mais socego. Adiante, Sancho.

Que mais te disse ella? que te perguntou de mim? — Não me perguntou nada, meu senhor; eu é que lhe disse como Vossa Senhoria ficava para a servir, fazendo penitencia, e nú em camiza, mettido entre estas serras como um selvagem, dormindo no chão, não comendo senãoervas, sem pentear as barbas, chorando e maldizendo a sua fortuna. — Não era mister dizerhe que eu maldizia a minha fortuna: antes a bemdigo e bemdirei todos os dias por me ter feito digno de merecer amar tão alta dama como é Dulcinêa. — Na verdade, pequena é que ella não é, pois tem um punho mais do que eu. — Como é isso! tu mediste-te com ella? — Não, meu senhor; mas quando me acheguei para ajudal-a a pôr o seu sacco de trigo sobre o asno, reparei que ella me levava um bom palmo. »

D. Quichote, suspirando ternamente, replicou: « Ah! é bem verdade que toda essa grandeza é acompanhada com mil graças da alma. Dize-me uma cousa, Sancho, quando chegaste ao pé d'ella não sentiste um cheiro de rosa, de lyrio, e ambar reunidos, um certo perfume semelhante ao que exhalam os aromatas de Saba? — Não, meu senhor; fazia um calor medonho, ella estava esquentada da lida, e o cheiro... — Bem está. E depois que disse ella quando leu a carta? — A carta não a leu, meu senhor; porque disse que não sabia ler nem escrever; porém rasgou-a em migalhinhas, para não se saberem no logar os seus segredos. Em seguida pediu-me que dissesse a Vossa Senhoria, que estava satisfeita com a sua penitencia, que lhe mandava que sahisse d'esses mattos, e se puzesse logo a caminho para Toboso, se não tivesse outra cousa de mais importancia que fazer, porque tinha grande desejo de o ver a Vossa Senhoria. Riu muitissimo quando lhe disse que Vossa Senhoria se chamava *o Cavalleiro da Triste Figura*. Perguntei-lhe se lá tinha ido o Biscainho; responderam-me que sim e que era um homem muito de bem; mas quanto aos forçados, ainda não tinha visto nenhum. — Que prenda te deu ella á despedida? pois é costume velho entre cavalleiros e damas darem aos escudeiros, donzellas ou anões, alguma rica joia, em agradecimento da mensagem, que lhes levam. — Era um bom costume então, porém isso já passou de moda, porque a unica prenda que recebi da senhora Dulcinêa foi um pedaço de pão e queijo. — Oh! ninguem ha tão generosa como ella; estou bem certo que n'um qualquer dia receberás d'ella um magnifico presente. »



CAPITULO XXI

QUE TRATA DO TERRIVEL COMBATE EM QUE D. QUICHOTE É VENCEDOR

No dia immediato, sem lhes ter pelo caminho succedido cousa digna de contar-se, chegaram á venda onde Sancho não queria de modo algum pôr lá os pés, mas não teve outro remedio. O hospedeiro, sua mulher, sua filha e a boa Maritorne, que viram chegar D. Quichote, sahiram a recebê-lo com mostras de muita alegria, que o fidalgo recebeu com o seu ar grave, recommendando-lhes que lhe arranjassem melhor cama que da vez passada, ao que a hospedeira respondeu que se lhe pagasse melhor que da outra vez, ella lhe trataria como um principe; e para logo lhe armaram um soffrivel leito no mesmo quarto que o nosso heroe havia occupado. Deitou-se este, e moido como vinha cahiu logo no somno.

Entrementes, a mulher do hospedeiro disputava-se com mestre Nicoláo, e agarrando-o pela barba gritava com toda a sua força: « Juro-lhe pela minha cruz benta que ha de pôr-me para aqui já o rabo de boi, que andamos procurando vae para tres dias. » O barbeiro não queria dar a barba por mais que lh'a puxasse, mas o Cura poz termo á porfia dizendo ao mestre Nicoláo que o disfarce já não era preciso, pois se diria a D. Quichote que a princeza tinha enviado adiante o seu escudeiro dar aviso á gente do seu reino da chegada do libertador. Entregou-se a barba á vendeira e ao mesmo tempo lhe fôram tambem restituídos os lindos raios que ella havia emprestado.

De repente Sancho, todo alvoroçado, sahe a gritar do quarto onde dormia D. Quichote: « Acudam, senhores, acudam! valham a meu amo, que anda mettido na mais renhida batalha que seus olhos jámais viram. Deus louvado! pregou já uma valente cutilada n'um gigante, que lhe cortou a cabeça pelo meio como se fôra um nabo. — Que dizes, homem? perguntou o Cura; que novas loucuras temos ainda?... » N'isto ouviu-se um grande ruido e a voz de D. Quichote que dizia em altos gritos: « Espera, ladrão, malandrino, miseravel scelerado; estás seguro e não te ha de valer a tua cimitarra. » E soavam pelas paredes grandes cutiladas. « Oh! exclamou Sancho, sem duvida o gigante a estas horas está morto e dando contas a Deus da sua má vida; vi-lhe o sangue em enxurrada pelo chão e a cabeça cortada e cahida para a banda; é tamanha como un ôdre de vinho. — Que desgraça a minha! clama o vendeiro pondo as mãos na cabeça;

aposto que D. Quichote, ou D. Diabo deu alguma cutilada n'uns ôdres do tinto, que lá estavam no seu quarto, e que a este palerma se figurou sangue. »

Assim dizendo entrou no aposento do nosso heroe com todos atraz de si, e o encontraram em camiza que era muito curta por diante e faltava seis dedos por detraz. As pernas eram esguias e magras; na cabeça tinha um barrete vermelho e surrado pertencente ao hospedeiro, no braço esquerdo enrodilhava uma manta que Sancho muito bem conhecia, e na direita floreava a espada nua, atirando cutiladas para todas as bandas, com os olhos abertos, como se estivesse desperto, porque realmente dormia sonhando andar em batalha com o gigante. E tantas cutiladas tinha assentado nos ôdres, suppondo descarregal-as no seu adversario, que todo o quarto era um lagar de vinho. Logo que o locandeiro tal presenceou, quiz arremetter-se com D. Quichote; porém o Cura e o barbeiro o impediram, tentando em vão acordar o pobre cavalleiro. O que valeu foi acudir o barbeiro com um balde d'agua fria, lançando-lh'a para cima do corpo.

N'este comenos andava Sancho buscando a cabeça do gigante por todo o quarto. « Está visto que tudo aqui é encantamento, disse elle todo colerico; vi perfeitamente a cabeça cahir no chão e correr sangue do corpo como d'um chafariz, e agora não apparece a dita cabeça, que talvez o diabo a levasse. — De que sangue estás tu para ahi a fallar, inimigo de Deus e dos santos? tornou-lhe o vendeiro. Não vês, ladrão, que o teu sangue e o teu chafariz não são senão esses ôdres e o meu rico vinho tinto em que está nadando este quarto? E possa assim tambem nadar nos infernos o maldito amo que tens! — Eu nada sei d'isso, dizia Sancho; mas o que eu sei é que se me ha de desfazer o condado se não acho a cabeça que vi perfeitamente rolar pelo chão. »

Despertou afinal D. Quichote, o qual suppondo ter já finalizado a pendencia, e estar perante a Princeza, se lançou de joelhos aos pés do Cura, exclamando : « Senhora, já póde Vossa Alteza viver desde hoje mais segura, pois deixou de existir o vosso perseguidor : este braço, com a ajuda de Deus, arrancou-lhe para sempre a vida. — Ouvem os senhores? dizia Sancho; vejam lá se meu amo não tem já o gigante na salmoira. — Filho de Satanaz, gritava o vendeiro, se julgas que tu e teu amo não hão de pagar-me tudo quanto me devem, estão devéras enganados. Juro que d'esta vez não será como da passada; hão de satisfazer tudo por junto. E a vendeira, gritando a bom gritar, dizia : Em má hora entraram esses bandidos em minha casa, pois se fôram com o custo da ceia d'uma noite, cama, palha, cevada e o nosso rabo de boi, que m'o restituíram com mais de dous quartos de real de prejuizo, e por fim rompem-me os ôdres e entornam-lhes todo o vinho; mas juro pelos ossos de meu pai que hão de pagar em moeda corrente! A filha da hospedeira calava-se e só de quando em quando se sorria; e a boa Maritorne dava razão á sua ama.

Socegou o Cura todo o barulho, promettendo-lhes satisfazer as suas perdas do melhor modo possível; e, parecendo-lhe que já era tempo de partir, combinou com o barbeiro como poderiam levar D. Quichote para a sua terra, sem ser necessario que Dorothea o acompanhasse. Imaginaram então combinar-se com um carreiro para o levarem no seu carro de bois, dentro d'uma jaula de paos encruzados em feitio de grade, podendo n'ella caber folgadamente o nosso heroe. Feito isto, alguns criados da venda taparam o rosto, se disfarçaram, uns d'um modo, outros de outro, e entraram no quarto onde D. Quichote estava dormindo. Chegaram-se a elle, e agarrando-o com força, amarraram-lhe muito bem os pés e as mãos e o metteram na jaula. Quando o nosso heroe despertou em sobresalto, não poude mexer-se, e admirado de ver diante de si tão estranhos rostos, suppoz que todas essas figuras eram fantasmas, e que, sem duvida alguma, estava elle já encantado. Os mascarados depois de pregarem a porta da jaula, levaram-



n'a para dentro do carro de bois, e, ao pãssar peio pateo, ouviu-se uma voz temerosa, tanto quanto o barbeiro a poude fazer, e que dizia : « Ó valente cavalleiro da Triste Figura! não te afflija a prisão em que vaes, porque assim convém para que mais depressa acabe a aventura em que o teu grande esforço te metteu, e que só terminará quando o furibundo leão de la Mancha

e a branca pomba del Toboso se unir em doces laços. E tu, ó escudeiro mais nobre e mais fiel de todos os escudeiros, não te descontente o ver que levam assim, diante dos teus olhos, a flôr da cavallaria, que bem presto te verás tão alto, que te não conhecerás a ti proprio. Tem fé na palavra de Mentiriana : segue o heroe encantado, e ficae em paz, que eu me vou para os céos. »

N'estas ultimas palavras a voz foi abaixando gradualmente até se extinguir de todo. D. Quichote consolado com tão doces promessas, respondeu dando um grande suspiro : « — Ó tu, quem quer que sejas, sabio encantador que dignas interessar-te com a minha sorte, não me deixes perecer n'esta prisão; tudo soffrerei sem me queixar, comtanto que todas as minhas penas sejam o caminho da gloria. E no que diz respeito a Sancho, meu escudeiro, confio na sua bondade e bom proceder, que não me deixará na adversa fortuna, porque, ainda que succeda não poder recompensal-o segundo seus meritos, já deixei declarado no meu testamento o que se lhe ha de dar conforme os seus muitos e bons serviços. »

Agradeceu Sancho mui ternamente a seu amo, e logo os fantasmas tomaram a jaula aos hombros, e metteram-n'a no carro de bois.

CAPITULO XXII

NO QUAL SE CONTINUA O ENCANTAMENTO DO NOSSO HEROE

QUANDO D. Quichote se viu em cima do carro, chamou seu triste escudeiro, e lhe disse em voz baixa : « Filho meu, muitas historias tenho eu lido de cavallaria; porém nunca li, nem vi que aos cavalleiros encantados os levem d'esta maneira; porque sempre os costumam levar pelos ares com estranha ligeireza, encerrados n'alguma densa nuvem, ou n'algum carro de fogo, ou sobre algum hippogrifo ou outro animal semelhante. Mas que me levem a mim n'um carro de bois, viva Deus que me põe em grande confusão; talvez a cavallaria e os encantamentos dos nossos tempos devam seguir outro caminho do que seguiram antigamente. Que te parece, Sancho amigo? — Meu senhor, respondeu o escudeiro, eu não sei o que me parece, porque não tenho lido tanto como Vossa Senhoria; porém ousaria jurar que estes fantasmas, que por ahi andam, não são muito catholicos. — Catholicos, filho meu! Como hão de elles ser catholicos se são todos demonios? Tomaram esses corpos, que tu vês, para virem pôr-me n'este estado; mas esses corpos são ar e não têm mais que as apparencias. E se quizeres ver esta verdade, toca-lhes e apalpa-os. — Por Deus, senhor, já lhes toquei, e o diabo é roliço de carnes. »

O Cura e o barbeiro temendo que Sancho viesse a descobrir ao amo a sua invenção, resolveram abreviar a partida. Sellado o Rossinante e albardado o jumento, pendurou Nicoláo do arção da sella o escudo do nosso heroe e a bacia da barba, e mandou a Sancho que montasse no burro e levasse de rédea ao rossim, e collocou de cada lado do carro um quadrilheiro, que o Cura ajustara para que acompanhassem o carro. A vendeira com sua filha e Maritorne vieram despedir-se do fidalgo, fingindo que choravam. — Consolou-as D. Quichote, asseverando-lhes que jámais olvidaria a sua boa hospitalidade, e pediu-lhes que rogassem a Deus que o livrasse cedo do seu captiveiro. O Cura e o barbeiro montaram logo a cavallo, com as suas mascaras para que não fossem conhecidos por D. Quichote.

A ordem de marcha que levavam era a seguinte : primeiro ía o carro de bois com o dono a guial-o; ao lado os quadrilheiros com as suas escopetas; seguia-se Sancho Pança no seu jumento, levando de rédea a Rossinante, e atraz de Sancho cavalgavam o Cura e mestre Nicoláo

nas suas possantes mulas, com os rostos cobertos, não andando mais do que permittia o passo vagaroso dos bois. D. Quichote ia assentado na jaula, de mãos atadas, pés estendidos, e encostado ás grades, com tanta mudez e paciencia como se fosse uma estatua de pedra. Andaram assim duas leguas até que chegaram a um valle, que o carreiro entendeu que era lugar accommodado para dar pastagem aos bois. N'isto viram que atraz d'elles vinham seis ou sete homens a cavallo, que depressa os alcançaram, porque caminhavam como quem montava em boas mulas de conegos e desejava chegar depressa á venda para dormir a sésta. O conego, depois de ter cumprimentado os nossos viajantes, parou ao ver o carro, a jaula, e D. Quichote engaiolado e preso, e não poudo deixar de perguntar a um dos quadrilheiros o que queria dizer levarem aquelle homem d'aquelle modo. D. Quichote que ouviu a pergunta para logo respondeu: « Senhor, eu vou encantado n'esta jaula. Deveis saber como eu, que a Inveja ataca muitas vezes os heroes, sobretudo aquelles que, a despeito dos magos da Persia, dos brahmanes da India, dos gymnosophistas da Ethiopia vão pôr o seu nome no templo da immortalidade. Eis aqui precisamente a minha historia, e a razão porque vou encantado. »

Escutava-o o conego sem proferir palavra, quando o Cura acudiu dizendo: « Sim, meu senhor, o illustre guerreiro que vêdes n'essa carreta é o famoso D. Quichote, conhecido no mundo inteiro sob o nome de cavalleiro da Triste Figura. Vae encantado não por suas culpas e peccados, mas pela má tenção d'aquelles a quem a valentia incommoda e a virtude enfada. »

Ainda mais admirado ficou o conego ao ouvir fallar em semelhante estylo. Sancho, já enfadado com toda aquella pratica, replicou de máo humor: « Sim, encantado! e tão encantado como minha mãe. Não é a mim que os senhores me enganam. Imaginam talvez que por levarem a cara tapada que eu os não conheço? Pois saiba que o percebo, senhor Cura, por mais que dissimule os embustes. Com razão se diz que, onde reina a Inveja, não póde viver a Virtude. Diabos levem a todos, que, se não fossem os senhores, já a estas horas meu amo estaria casado com a sua infanta, e eu seria conde ou duque! Porém a roda da fortuna anda mais depressa que a d'um moinho, e os que hontem estavam nas alturas, hoje se acham por terra. Peza-me por meus filhos e por minha mulher, pois quando podiam esperar ver-me entrar pelas portas dentro, feito vice-rei, me verão montado no meu burro. — Ah! ah! Sancho, tornou-lhe o barbeiro, estou vendo que haveis de ir fazer companhia a vosso amo na jaula e de ficar tão encantado como elle, pois sois da mesma confraria ao que parece. — Veja como falla, senhor barbeiro, respondeu o escudeiro, que nem tudo é fazer barbas; e a respeito do encantamento de meu amo, fiquemos por aqui, que o melhor é não lhe mexer. »

O Cura fez signal ao conego que se adiantasse um pouco, para elle lhe contar o mysterio do engaiolado, a sua vida, costumes e loucuras, e o que lhe succedera até ser mettido n'aquella jaula, e a tenção que tinham feito de o levar para a sua terra.

Vendo Sancho que o Cura e o barbeiro se achavam longe da carreta, chegou-se á jaula onde ia seu amo, e disse-lhe em segredo : « Senhor, para descargo da minha consciencia, quero-vos dizer o que se passa acêrca do vosso encantamento : é que estes dous fantasmas, que veem com os rostos encobertos, são o cura e o barbeiro de nossa freguezia, e supponho que tramaram levar-vos d'este modo, de pura inveja que têm, por ver que Vossa Senhoria pratica tão famosas façanhas. E para prova d'isso vos quero perguntar uma cousa, e Vossa Senhoria depois verá que não vae encantado, mas embaído e logrado. — Pergunta o que quizeres, filho meu, respondeu D. Quichote; porém lembra-te que é facil aos nigromantes tomarem a figura de mestre Nicoláo e do nosso Cura, afim de melhor nos enganarem, e darem-te ensejo de pensares o que pensas. — Oh! meu senhor, creia Vossa Senhoria que n'esta desgraça entra mais a malicia do que o encantamento. Mas o que eu desejo é que me responda com toda a verdade. — Já te disse que te responderei com a maior franqueza, filho meu. — Diga-me Vossa Senhoria, então, se depois que está encantado, como julga, já lhe deu vontade de fazer o que ninguem pôde fazer por nós, como se costuma dizer? Muitas vezes, Sancho amigo, e agora mesmo a tenho. — Ah! era isso justamente o que eu desejava saber! Não me disse Vossa Senhoria um cento de vezes que os encantados não comem, nem bebem, nem dormem, nem fazem as obras naturaes que eu digo? Ora, o que Vossa Senhoria acaba de confessar, prova claramente que não está encantado. »

N'estas praticas se entretiveram o cavalleiro e seu escudeiro, até que chegaram aonde já os esperavam á mesa o Cura, o conego e o barbeiro. Pediu então Sancho ao Cura que consentisse na sahida de seu amo por um instante, afim de respirar livremente n'aquelle aprazivel sitio.

Consentiu o Cura de mui boa vontade, porém exigia que o nosso heroe dêsse a sua palavra de cavalleiro de se não apartar d'ali.

« Dou, respondeu D. Quichote, tanto mais que quem está encantado não tem liberdade para fazer o que quizer. »

Soltaram-no debaixo de palavra, e a primeira cousa que fez D. Quichote foi estirar todo o corpo, e correr logo ao sitio onde estava Rossinante, e dando-lhe duas palmadas nas ancas, disse : « Flôr dos ginetes, espero em Deus que depressa nos havemos de ver ambos como desejamos, exercitando o nosso nobre officio. » E dizendo isto, apartou-se para um sitio desviado, d'onde voltou com mais allivio a sentar-se á mesa com os mais á espera do jantar.

CAPITULO XXIII

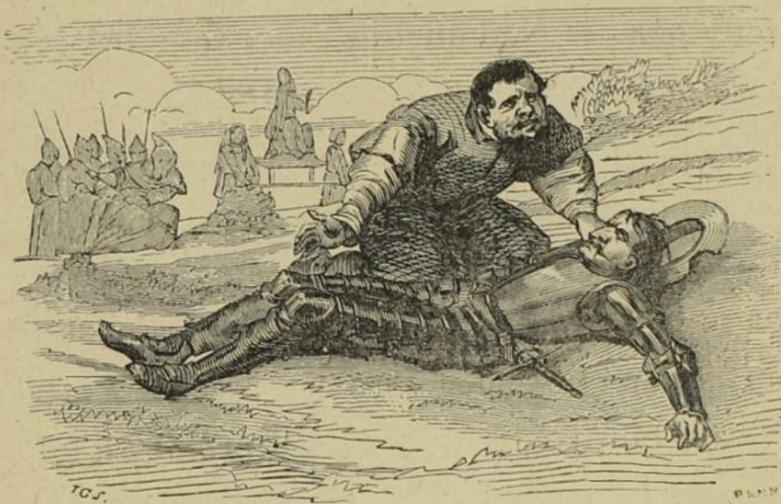
QUE TRATA D'UMA DESAGRADAVEL AVENTURA

Menquanto começára a jantar, ouviu D. Quichote o som d'uma trombeta tão triste, que lhe fez voltar as vistas para o sitio d'onde lhe pareceu que soava. Poz-se de pé e viu que por uma encosta desciam muitos homens vestidos de branco e negro, á moda dos penitentes. E era o caso, que n'esse anno, tinham as nuvens negado á terra o seu bemfazejo orvalho, e por todos os logares se faziam procissões e novenas, pedindo a Deus que lhes dêsse chuva; e para isso a gente da proxima aldeia vinha em procissão a uma devota ermida, que havia na encosta do valle. D. Quichote que viu os estranhos trajos dos penitentes, imaginou que era cousa de aventura, e que a imagem que traziam coberta de luto, seria alguma princeza, que levavam á viva força aquelles desleaes malandrins. Apenas isto lhe entrou no pensamento, arremetteu com grande ligeireza a Rossinante, enfreou-o n'um momento, montou a cavallo, abraçou o escudo e disse em alta voz a todos os que estavam presentes: « Agora, vereis quanto importa que haja no mundo quem professe a ordem da cavallaria andante! » E, dizendo isto, aperta os ilhaes a Rossinante, e vae a todo o trote encontrar-se com os penitentes.

O Cura, o conego, mestre Nicoláo, Sancho Pança correram a detel-o, dizendo: « Aonde vae, senhor D. Quichote? Que demonios o incitam a ir contra a nossa fé catholica? Repare que aquella senhora que levam na peanha é a imagem bendita da Virgem Santa! veja bem o que faz, senhor D. Quichote. » O nosso heroe nada ouvia. Chegou junto á imagem e com voz rouca disse: « Ó vós, que talvez por condemnaveis razões, encobris os rostos, escutae o que vos quero dizer. » Os quatro penitentes que levavam a imagem se detiveram admirados, e um dos clerigos que cantavam as ladainhas, respondeu ao cavalleiro: « Meu irmão, se nos quer dizer alguma cousa, diga-a depressa, porque vamos extenuados com este calor abrazador, e não nos podemos deter a ouvir cousa alguma, a não ser tão breve que em duas palavras se diga. — Uma só bastará, replicou D. Quichote: desejo que deixeis livre immediatamente essa joven e formosa princeza, cujas lagrimas e negro vestuario dão claras mostras de que a levaes violentada. E eu, que vim ao mundo para desfazer semelhantes agravos, não consentirei que avanceis nem mais um passo, sem lhe dardes a liberdade que merece. » Uma gargalhada geral foi a unica resposta que obteve D. Quichote. Irritado com esse riso, arrancou da espada e arremetteu ao andor. Um dos

que o levavam, deixando a carga aos tres companheiros, sahiu ao encontro do heroe, arvorando uma forquilha; e, aparando com ella uma grande cutilada que lhe atirou D. Quichote, desfechou com o troço que lhe ficou um tamanho golpe no hombro de D. Quichote, que, não podendo aparal-o, o pobre heroe cahiu do cavallo abaixo. Sancho, que vierra correndo atraz do amo, bradou ao vencedor que lhe não dêsse mais bordoada, porque era um pobre cavalleiro encantado, que nunca em sua vida fizera mal a ninguem. O camponio vendo que D. Quichote não se mexia, e julgando que o matára, largou a fugir pela campina, que nem um gamo. N'isto chegaram o Cura, o conego e os quadrilheiros. Os da procissão receando algum desatino, agruparam-se em torno da imagem, e os penitentes e clerigos empunhando as disciplinas e os tocheiros esperaram o assalto, resolvidos a defender-se. Felizmente o Cura foi conhecido pelo seu collega que ia na procissão, e bastou este conhecimento para pôr termo ao combate.

Entrementes, o pobre Sancho abraçado a seu amo dizia em tom lacrimoso: « Ó flôr da cavallaria! ó valoroso heroe, morto com uma só páolada! Ó honra da tua linhagem, gloria de la Mancha e de todo o mundo, que não mais terá quem defenda os fracos e opprimidos! Ó meu senhor, meu bom senhor, cuja generosidade me havia promettido recompensar meus



serviços com a melhor ilha que o mar cinge! Eu hei de chorar-te toda a minha vida, ó tu, sempre humilde com os soberbos, arrogante com os humildes, inimigo dos ruins, protector dos bons; em uma palavra, cavalleiro andante. »

Com esta ultima palavra reanimou-se D. Quichote; abriu os olhos e disse n'uma voz extincta: » Ó dulcissima Dulcinêa, quem longe de vós se desinha, anda sujeito a todas estas miserias. Ajuda-me, Sancho, ajuda-me a metter-me no carro encantado; a dôr que sinto n'este hombro me não permite montar no vigoroso Rossinante. — Sim, sim, meu senhor, replicou Sancho Pança, e voltemos á nossa aldeia onde daremos ordem a nova sahida com mais proveito e fama. » O conego e o Cura affirmaram-lhe que procederia muito bem fazendo o que dizia Sancho, e despedindo-se da procissão metteram D. Quichote no carro, como antes vinha.

O carreiro jungiu os bois, e accommodou nosso heroe em cima d'um mólho de feno, e seguiu o caminho que o Cura quiz, chegando ao cabo de seis dias á aldeia de D. Quichote. Era um domingo, e estava toda a gente na praça, por meio da qual atravessou o carro de bois. Acudiram todos a ver o que ali vinha, e, quando conheceram o seu compatriota ficaram maravilhados, e um rapazito foi logo correndo dar á ama e á sobrinha a noticia da chegada do tio e patrão.

Estas quando o viram magro e amarello, em cima do feno, dentro d'um carro de bois, preromperam em altos gritos.

A mulher de Sancho Pança, assim que avistou seu marido, a primeira cousa que lhe perguntou foi se o burro vinha bom. « Sim, sim, respondeu o escudeiro, vem muito melhor que o dono. — Louvado seja Deus! redarguiu Thereza. Mas agora conta-me o que lucraste com as tuas escudeirices. Trazes-me algum lindo saiote e sapatos para os nossos filhos? Vejamos tudo isso. — Tem paciencia, mulher! depois verás as boas cousas que eu trago. — Ah! meu pobre amigo, mal calculas a minha impaciencia! tenho vivido tão triste e desconsolada sempre, durante os seculos da tua ausencia! — Está bem, Thereza, esta bem; e por agora socega, que, sendo Deus servido que saiamos outra vez á cata de aventuras, ver-me-has bem depressa conde, ou governador d'uma ilha! — Governador, meu amigo! não sei bem o que seja, mas deve ser cousa boa. — Não queiras saber tudo tão depressa. Só te direi, assim de passagem, que não ha cousa mais saborosa n'este mundo do que ser escudeiro andante á cata de aventuras. E' bem verdade que a maior parte das que se acham, nos custam bem caras, por experiencia o sei, porque d'algumas sahi moido de pancadas, e d'outras manteado. »

Durante esta pratica, a ama e a sobrinha já haviam despido e mettido D. Quichote na sua antiga cama. Recommendou-lhes o Cura que tivessem todo o desvello e que estivessem áleria para que elle se lhes não escapasse. Prometteram ellas impedir que seu tio e amo sahisse de casa outra vez; porém essa promessa foi baldada: D. Quichote assim que se sentiu melhor desapareceu novamente em companhia de Sancho Pança.

CAPITULO XXIV

DO QUE SUCCEDEU A D. QUICHOTE COM UMA BELLA CAÇADORA

PROSEGUIAM seu caminho cavalleiro e escudeiro muito tristes e desanimados sem encontrar as aventuras que buscavam, especialmente Sancho Pança a quem doía o coração de ter de tocar no dinheiro, que ia diminuindo d'um modo assustador. Succedeu, porém, que, ao sahirem d'uma selva, D. Quichote avistou um bando de caçadores e falcoeiros. Entre elles vinha uma esbelta dama ricamente vestida e montada n'uma hacanêa branquissima. Na mão esquerda trazia um falcão, e por isso viu D. Quichote que seria alguma grande dama a quem obedeceriam todos aquelles caçadores, como era effectivamente.

« Corre Sancho filho, diz o nosso cavalleiro, corre a dizer áquella senhora do falcão, que eu, o Cavalleiro dos Leões (nome adoptado por elle ha pouco tempo), beijo respeitosa-

suas augustas mãos, e se a sua graça me der licença, servil-a-ei em tudo o que ordenar Sua Alteza. E tu Sancho, vê lá não vás encaixar algum rifão dos teus na tua embaixada. — Essa é boa! respondeu Sancho, não é a primeira vez que levo embaixadas n'esta vida! e Vossa Senhoria não precisa de me advertir cousa alguma, que eu de tudo sei um pouquinho. »

Partiu Sancho ao trote do seu asno e chegou ao sitio onde estavam os caçadores, e apeando-se se ajoelhou diante da amazona: « Formosa dama, disse elle, eu sou Sancho Pança, o escudeiro do Cavalleiro dos Leões que acolá está parado. Meu amo que não ha muito se chamava o Cavalleiro da Triste Figura, manda-me dizer que deseja ardentemente beijar os pés de vossa grandeza, e consagrar-se ao serviço de Vossa Alteza e do vosso falcão, mas para isso requer o vosso consentimento; e eu acrescento que, dando-lhe essa licença, Vossa Senhoria fará uma cousa que muito ha de redundar em proveito vosso. — Bom escudeiro, respondeu a dama, não ha duvida que desempenhaes a vossa embaixada d'um modo admiravel. Levantae-vos, que o amigo e companheiro fiel do Cavalleiro da Triste Figura, cujo renome e gloria perfeitamente conhecemos, não deve fallar de joelhos. Levantae-vos pois, e dizei a vosso amo que o duque meu marido e eu teremos grande honra em receber tão nobre cavalleiro n'uma casa de recreio que aqui temos.

Levantou-se Sancho, admirado, tanto da formosura da grande dama, como da sua cortezia e affabilidade. Perguntou-lhe a duqueza se o amo não era esse engenhoso fidalgo, D. Quichote de la Mancha, amante da Dulcinêa del Toboso, de quem anda impressa uma historia. « E' elle mesmo, replicou Sancho; e aquelle seu escudeiro que deve andar na tal historia, e a quem chamam Sancho Pança, sou eu, senhora duqueza, a não ser que o imbecil do historiador me trocasse no berço. — Muito folgo sabel-o, tornou a duqueza, e dizei a vosso amo que seja muito bem vindo aos meus estados, e que nenhuma cousa poderia haver que me dêsse maior contentamento. »

Inclinou-se Sancho respeitosa e voltou todo ancho para seu amo, a quem contou tudo o que lhe disséra a nobre duqueza, levantando ao céu a sua muita formosura, o seu grande donaire e cortezia. Ouvindo isto, o nosso heroe aprumou-se na sella com toda a galhardia, firmou-se nos estribos, ajustou a viseira, picou as esporas a Rossinante, e com gentil denodo foi beijar as mãos á duqueza, a qual, mandando chamar o duque seu marido, em quanto D. Quichote se approximava, lhe contou a sua embaixada, e ambos por estarem ao facto das loucuras de D. Quichote, com immenso gosto e desejo de conhecer o heroe de la Mancha o esperavam, no firme proposito de o não contrariar, de concordar com o que elle dissesse, tratando-o como a cavalleiro andante. N'isto chegou D. Quichote, e dando mostras de querer apear-se, acudiu Sancho a segurar-lhe no estribo; mas com tanta desgraça, que ao saltar embrulhou-se-lhe um pé de tal modo n'uma das silhas da albarda, que não lhe foi possivel

desenredal-o, e ficou pendurado com a bôca no chão. D. Quichote suppondo que Sancho lhe segurava no estribo, largou o corpo de golpe levando comsigo a sella de Rossinante, que por força estava mal apertada, e elle e a sella cahiram no chão, não sem grande vergonha sua e sem muitas maldições que rogou ao desditoso escudeiro, que ainda estava com o pé preso. Mandou o duque aos seus monteiros que acudissem ao pobre Sancho. D. Quichote um pouco maltratado da quéda, coxeando e como poudes foi ajoelhar diante da duqueza. Não lh'o consentiu o duque, e abraçando-o lhe disse: « Senhor Cavalleiro da Triste Figura, peza-me devéras que o primeiro passo que Vossa Graça fez nas minhas terras fosse tão máo, porém ousou esperar que este contratempo não nos privará da vossa honrosa sociedade. — Valoroso principe, respondeu o heroe, nunca poderia ser máo o acontecimento que me proporcionou a honra de vos ver. O meu negligente escudeiro desata melhor a lingua do que ata e aperta uma sella para ficar firme; mas esteja eu como estiver, cahido ou levantado, a pé ou a cavallo, estarei sempre ao vosso serviço e ao da duqueza, digna senhora da formosura, e princeza da cortezia. — Venha, pois, disse o duque, o senhor Cavalleiro da Triste Figura a um castello meu, onde se lhe fará o acolhimento que a tão illustre pessoa justamente se deve. — Sem duvida, disse Sancho, que já a este tempo se tinha levantado, que a elle se deve e a mim tambem; porém lembrac-vos senhor duque, que presentemente nos chamamos Cavalleiro dos Leões. »

Dito isto o escudeiro arranjou e apertou bem a sella a Rossinante, em que montou D. Quichote; e montando o duque n'um formoso cavallo, puzeram a duqueza no meio, e encaminharam-se para o castello. Dados alguns passos, ordenou a duqueza a Sancho que fosse junto d'ella, porque gostava immenso de ouvir os seus ditos. Não se fez rogar Sancho; metteu-se entre os tres, e fez de parceiro na conversação.

CAPITULO XXV

QUE TRATA DE GRANDES COUSAS

Não obstante o prazer extremo que sentia o nosso escudeiro, vendo-se na privança da duqueza, a expectativa de viver durante um certo tempo n'um excellente castello, enchia sua alma d'uma viva alegria. Ao approximar-se do castello, adiantou-se o duque e deu ordens aos seus criados acêrca do modo como haviam de tratar D. Quichote. Assim que o cavalleiro chegou á porta do castello, sahiram dous lacaios ricamente vestidos a apeal-o; e quatro formosas donzellas deitaram aos hombros de D. Quichote um grande manto d'escarlata.

N'um instante se corôaram todas as galerias de criados e criadas dos duques, dizendo com grandes brados : « Seja bem vinda a flôr dos cavalleiros andantes ! »

Caminhava D. Quichote gravemente, dando a mão á duqueza, e agradecendo entre si a Deus por se ver emfim tratado do mesmo modo por que elle vira nos seus livros que se tratavam nos seculos passados os taes cavalleiros andantes.

Sancho afim de não se separar da sua boa amiga a senhora duqueza, viu-se obrigado a desamparar o ruço ; e remordendo-lhe a consciencia deixar só o jumento, chegou-se a uma velha dama que sahira a receber a duqueza. « Senhora, disse-lhe elle em voz baixa, desejava saber o nome de Vossa Graça para vos fallar em segredo. — Chamo-me Dona Rodriguez de Grijalva, respondeu ella. O que mandaes, senhor? — Ah ! senhora Dona Rodriguez de Grijalva, eu quereria que Vossa Graça me fizesse o favor de ir ao pateo do castello, onde achará um asno ruço, que é o meu : seja Vossa Senhoria servida de o mandar metter ou de o metter na cavallariça, porque o pobrezito é um pouco medroso, e não ha de gostar nada de se ver sózinho. — Estamos bem servidas, tornou a velha em tom acerbo, se o amo fôr tão discreto como o criado ! Sabei, amigo, que as damas d'esta casa não estão acostumadas a semelhantes incumbencias. — Oh ! oh ! sois na verdade bem orgulhosa ! Ouvi dizer a meu amo que, quando Lançarote veio de Inglaterra, as damas cuidavam do seu rossim, e cá o meu jumento não o trocava eu pelo rossim do senhor Lançarote. — Pouco cuidado me dá o vosso amo e esse tal Lançarote. Guardae as vossas graças para quem vol-as pague, que eu só se vos dér uma figa. — Figo maduro é que ha de ser, se tiver a vossa idade. — Insolente ! tornou a velha accêsa em cólera, eu vos farei ainda arrepender de tamanha ousadia. »

E disse isto em voz tão alta, que a duqueza ouviu-a, e voltando-se e vendo Dona Rodriguez tão alvoroçada e encarniçada, perguntou-lhe o que tinha. — « Foi este homem, respondeu ella, que me pediu que lhe mettesse o jumento na cavallariça, trazendo-me para exemplo que assim o fizeram certas damas que cuidaram do rossim d'um tal Lançarote, e acaba chamando-me velha. — Ah ! isso é que foi o peor, responde a duqueza. Reparae, amigo Sancho, que Dona Rodriguez é muito moça ainda, e que essas toucas mais as traz por autoridade e usança, do que por velhice. — Senhora duqueza, replicou Sancho, eu posso jurar-vos pela salvação da minha alma, que não disse uma só palavra por offensa ; mas tão grande é o amor que tenho ao meu ruço, que me pareceu que o não podia recommendar a pessoa mais caritativa que a senhora Rodriguez. — Que praticas são essas para este logar, Sancho ? acudiu D. Quichote que tudo ouvira. — Queira perdoar, senhor, a gente onde está falla do que lhe interessa ; lembrei-me aqui do asno, aqui fallei n'elle, como fallaria em qualquer outro logar. — Sancho tem razão, interrompeu o duque, e não se apoquente que lhe tratarão o jumento como se fosse a elle proprio. »

Com estes arrazoados agradaveis a todos, excepto ao nosso heroe, introduziram-no n'uma riquissima sala, adornada de telas d'ouro e de brocado. Seis donzellas o desarmaram e lhe serviram de pagens tendo todo o cuidado em dissimular o riso. Pediram-lhe que se deixasse despir para enfiar uma camisa; porém a modestia de D. Quichote não consentiu em semelhante cousa, e pediu que déssem a camisa a Sancho e encerrou-se com elle no quarto. « Parece-te então bem, lhe disse, desconsiderar uma dama tão veneranda como aquella? era occasião de te recordares do ruço, ou são senhores estes que deixem passar mal as bestas, quando tratam tão bem os donos? Por Deus, Sancho, não descubras que és feito de panno grosseiro e villão. Vê, que o amo é tido em conta tanto maior, quanto melhores e mais bem nascidos são os criados que tem, e que uma das maiores vantagens que levam os principes aos outros homens, é servir-se de criados tão bons como elles. Não reparas, desgraçado, que se virem que és um villão grosseiro, ou um jogral divertido, pensarão que eu sou algum cavalleiro de emprestimo? Refreia a lingua, Sancho, considera e ruma as palavras, antes de te sahirem da bôca, e vê que chegamos a sitio d'onde havemos de sahir melhorados em fama e em fazenda.»

Prometteu-lhe Sancho ser mais circumspecto para o futuro e de morder a lingua antes de dizer uma palavra que não fosse bem considerada. Vestiu o amo, que cingiu o talim e a espada, deitou ás costas o finissimo manto d'escarlata, poz na cabeça um gorro de selim verde, e com estes adornos sahiu para a sala grande, onde encontrou as donzellas com jarros d'ouro para lhe deitar agua ás mãos, o que fizeram com muitas ceremonias e reverencias. Em seguida vieram doze pagens com o mestre-sala para o levar a jantar a outra sala, onde estava posta uma rica mesa só com quatro talheres. O duque e a duqueza ali o aguardavam já. Sancho, assistia a tudo isto attonito e aparvalhado por ver as honras que faziam a seu amo, e durante o jantar não teve mão em si que não se mettesse tambem na conversação. Contou ao duque e á duqueza quaes os projectos futuros do seu amo, sem se esquecer da ilha que D. Quichote lhe havia promettido. « E esperaes ainda alcançar esse governo? inquiriu o duque. — Sim, meu senhor, respondeu o escudeiro, arrimei-me a um bom amo, e ha muitos mezes que ando em boa companhia; e viva elle, e viva eu, que nem a elle lhe faltarão imperios que mandar, nem a mim ilhas que governar. — Não, decerto, tornou-lhe o duque; que eu, em nome do senhor D. Quichote, vos confiro o governo d'uma que tenho agora vaga. — Ajoelha, Sancho, bradou o nosso fidalgo, beija os pés de Sua Excellencia pela mercê que te fez. » Obedeceu Sancho, abençoando os céos por ver enfim realizado o seu mais ardente voto.

CAPITULO XXVI

DA CHEGADA DE SANCHO Á SUA ILHA

QOM o feliz successo da aventura ficaram tão satisfeitos o duque e a duqueza, que determinaram continuar com as burlas ; e assim tendo dado as ordens que os seus criados haviam de observar com Sancho no governo da promettida ilha, no dia seguinte disse o duque a Sancho Pança que se arranjasse e compuzesse para ir ser governador, que já os seus insulanos o estavam esperando como ás aguas de Maio. « Lembrae-vos pois, que amanhã haveis de ir para o governo da ilha, e esta tarde vos arranjarão o trajo conveniente que haveis de levar, e todas as cousas necessarias para a vossa partida. — Vistam-me lá como quizerem, redarguiu o escudeiro, que de qualquer modo que eu fôr vestido sempre serei Sancho Pança. — Sem duvida ; porém os trajos devem accommodar-se ao officio e dignidade que se professa, que não seria bonito que um magistrado se vestisse como um soldado, nem um soldado como um ecclesiastico. Vós, Sancho, ireis vestido em parte como lettrado e em parte como capitão, porque na ilha que vos dou tão necessarias são as armas como as letras. — Letras poucas tenho, senhor duque, pois nunca soube ler ; emquanto a armas, hei de manejar as que me derem até cahir no chão. »

Um intendente do duque recebeu ordem de acompanhar o novo governador, n'essa mesma tarde, á povoação que para elle seria a sua ilha. Sahiu, emfim, Sancho acompanhado de muita gente, vestido á moda dos lettrados, e por cima da roupa um gabão muito largo da côr de pelle de leão, com um gorro semelhante, montado n'um magnifico macho, e atraz d'elle, por ordem do duque, ia o ruço com jaezes flammantes. Voltava Sancho a cabeça de quando em quando para ver seu jumento, mais contente e satisfeito que o successor dos Cezares. Ao despedir-se dos duques beijou-lhes as mãos, e tomou a benção de seu amo, que lh'a deu com lagrimas, e Sancho recebeu-a com grandes mostras de enternecimento.

Chegou Sancho com todo o seu acompanhamento a um logar quasi de mil vizinhos, que era dos melhores que possuia o duque. Disseram-lhe que se chamava a ilha Barataria. Ao chegar ás portas da villa, sahiram os alcaides do povo a recebê-lo ; tocaram os sinos e todos os vizinhos deram mostras de geral alegria. Foi o nosso escudeiro levado com muita pompa á igreja matriz a dar graças a Deus, e em seguida lhe entregaram as chaves da villa e o admittiram

como governador perpetuo da ilha Barataria. O trajo, as barbas, a gordura e pequenez do novo governador traziam pasmados todos os que não sabiam o segredo do negocio.

Ao sahir da igreja, levaram Sancho á cadeira do tribunal e ali o sentaram. O mordomo do duque, que servia de mestre de ceremonias, disse então a Sancho : « Senhor, é costume antigo aqui, que o novo governador, que vem tomar posse d'esta ilha, seja obrigado a responder a uma pergunta que se lhe faça, difficullosa e intrincada, e pela resposta que dá, toma o povo o pulso ao engenho do seu novo governador; e assim se alegra, ou se entristece com a sua vinda. »

Em quanto o mordomo fallava, estava Sancho olhando para umas grandes lettras, que ornavam a parede defronte da sua cadeira. Como não sabia ler, perguntou o que eram as pinturas que havia n'aquella parede. Respondeu-lhe o mordomo o seguinte : « Senhor, estão ali gravadas estas palavras : Hoje, dia tantos de tal mez, tomou posse d'esta ilha o senhor D. Sancho Pança, que por muitos annos a goze. — E a quem é que chamam D. Sancho Pança? retrucou o nosso governador. — A Vossa Senhoria, por certo; que n'esta ilha nunca entrou outro Pança, a não ser o que está sentado n'essa cadeira. — N'esse caso, ficae sabendo que eu não tenho *dom*, nem nunca o houve em toda a minha familia. Chamo-me Pança sem nada mais, e Pança se chamou meu pai e meu avô; todos bons catholicos e gente de bem. Mas vamos lá á sua pergunta, senhor mordomo, que eu responderei o melhor que pudér, quer se entristeça ou não o povo. »

N'este momento entraram no tribunal dous homens; um vestido de lavrador e o outro com uma tesoura na mão. « Senhor governador, disse este, eu sou alfaiate de profissão; hontem este lavrador aqui presente entrou na minha loja, e pondo-me nas mãos um pedaço de panno, perguntou-me : — Poderá com este panno fazer-me uma carapuça? — Eu medi o panno, e disse que sim. Elle então imaginou, em vista da minha breve resposta, que eu lhe queria furtar algum pedaço de panno, e replicou-me : — Veja lá se chegará para duas. — Adivinhei-lhe o pensamento e tornei a dizer que sim; e teimoso na sua primeira tenção, foi augmentando o numero das carapuças; e eu respondendo sempre que sim, até que chegámos á conta de cinco. Ellas estão feitas, e este homem agora não me quer pagar o feitio, e pelo contrario me pede que lhe entregue o panno. Recorro portanto á vossa justiça.

— E' tudo isto assim, irmão? perguntou Sancho ao lavrador. — E', sim senhor, respondeu elle; mas diga-lhe Vossa Senhoria que mostre as cinco carapuças. — Da melhor vontade, tornou o alfaiate, tirando a mão debaixo do capote, e mostrou cinco lindas carapuças postas nas cinco cabeças dos dedos da mão, e disse : « Ellas aqui estão, e juro pela minha consciencia que não me ficou nem um só pedaço de panno, como podem julgar os peritos do officio. »

Todos os circumstantes se riram. Sancho poz-se a considerar um pouco e disse : « Parece-me que n'este pleito não deve haver largas dilações, mas julgar-se logo por juizo do homem são; e assim dou por sentença que o alfaiate perca o feitio, o lavrador o panno, e acabou-se. »

Vieram em seguida dous anciãos. « Senhor, disse um d'elles, ha tempo que emprestei a este homem dez escudos d'ouro. Vendo, porém, que elle se ia descuidando na paga, fallei-lhe n'elles uma e muitas vezes, e não só m'os não restitue, mas nega-m'os e diz que nunca lhe emprestei esses dez escudos, ou que já m'os restituiu. Eu não tenho testemunhas nem recibo algum. Peço pois a Vossa Senhoria que lhe tome juramento; e se elle jurar que m'os pagou, perdoar-lhe-ei a divida.

— Que dizeis a isto? perguntou Sancho ao outro ancião, que o escutava em silencio, encostado a um bordão. — Eu estou prompto a jurar sobre a vossa vara, respondeu o velho, que já restitui a esse homem os dez escudos d'ouro que elle me emprestou. » Abaixou Sancho a vara, e o velho dando o bastão ao outro poz a mão na cruz da vara, e jurou que havia restituído a somma que se lhe reclamava. O primeiro velho admirado do que ouvia, entregou ao outro o bordão, e abaixando tristemente a cabeça sahiu do tribunal. Sancho vendo isto, e observando tambem a paciencia do queixoso, inclinou a cabeça sobre a mão como que pensativo, e logo se endireitou e mandou que lhe chamassem o velho do bordão. « Dae-me esse bordão, disse elle, ancião que tão facilmente juraes. E dando-o ao outro velho, continuou : Ide em paz, que já estaes pago. — Mas, senhor, replicou o queixoso, este bastão não vale dez escudos d'ouro. — Vale sim, responde o governador. E mandou que ali diante de todos se quebrasse o bordão. » Assim se fez, e acharam dentro d'elle dez escudos em ouro. Ficaram todos admirados, e tiveram o seu governador por um novo Salomão.

CAPITULO XXVII

ONDE PROSEGUE A NARRAÇÃO DO MODO COMO SE PORTAVA SANCHO PANÇA NO SEU GOVERNO

NAQUELLE mesmo dia, levaram do tribunal o illustre Sancho para um sumptuoso palacio, onde estava posta, n'uma grande sala, uma mesa coberta de excellentes iguarias. Assim que Sancho entrou, tocaram as charamelas, e quatro pagens vieram deitar-lhe agua ás mãos, o que Sancho recebeu com muita gravidade. Cessou a musica, e sentou-se Sancho á cabeceira da mesa. Poz-se-lhe ao lado uma personagem, vestida de preto com uma chibatinha na mão. Um sujeito, que parecia clerigo, deitou-lhe a benção e o mestre-sala apresentou-lhe os melhores manjares.

O nosso governador, que morria de fome, apressou-se em encher seu prato; mas apenas comeu um bocado, tocou o medico com a chibatinha no prato, e logo lh'o tiraram com grande celeridade. O mestre-sala, pressuroso, chegou-lhe outro manjar, ia Sancho proval-o, mas antes de lhe tocar, tocou-lhe a chibatinha, e o prato desapareceu com a mesma celeridade. Surpreendido e pouco satisfeito, perguntou Sancho se n'aquella ilha tinha de ver com os olhos e comer com a testa. « Não, meu senhor, responde o sujeito da chibata : eu tenho a honra de ser o medico dos governadores d'esta ilha recebendo mui bons honorarios, e olho muitissimo mais pela sua saúde do que pela minha, tentando a compleição do governador para acertar em cural-o quando elle cahir enfermo. Com este fim assisto aos seus jantares e ceias, e só deixo comer o que me parece que lhe convém. O primeiro prato, que Vossa Senhoria provou, era uma comida fria, que diffi-



cilmente seu estomago poderia digerir; o segundo era muito quente, provocando assim a sêde; e quem muito bebe mata e consome o radical humido, em que consiste a vida.

— Muito bem! replicou Sancho; mas n'esse caso, aquelle prato de perdizes assadas não me fará mal de especie alguma. — Essas não as comerá o senhor governador. — Por que motivo? — Porque o nosso mestre Hippocrates diz n'um seu Aphorismo : *Omnis saturatio mala, perdicis autem pessima*; o

que significa que todas as indigestões são más, mas a da perdiz é pessima. — Se assim é, tornou Sancho, veja o senhor doutor, de todos os manjares, que ha n'esta mesa, qual me fará mais proveito e menos damno, e deixe-me comer d'elle á minha vontade; porque seja lá como fôr, digo-vos que é mister que eu jante, pois não desejo morrer de fome pelo facto de ser governador. — Vossa Senhoria tem razão; e assim entendo que não deve comer d'aquelles coelhos, que não é comida saudavel; aquella peça de vitella não seria má se não fosse o ser assada e adubada, mas assim não. — E a travessa que além está, parece-me que é de *olla podrida*, e pela diversidade de cousas que n'ella entram, é impossivel que não encontre alguma que me convenha. — Justo céo! longe de vós semelhante desejo: não ha no mundo peor alimento do que uma *olla podrida*, que são boas tão sómente para os reitores de collegios, para os conegos, ou para as bodas dos camponios. Vossa Senhoria deve unicamente comer, para conservar a sua saúde, umas talhadas de marmello com uma ou duas fatias de pão, segundo o meu entender. »

Ouvindo isto, encostou-se Sancho ao espaldar da cadeira, e encarando o medico

perguntou-lhe com voz grave como se chamava; ao que elle respondeu: « — Chamo-me o doutor Pedro Recio d'Aguero; nasci n'um logar chamado Tirteafuera, que fica entre Caraquel e Almodovar del Campo á mão direita, e doutorei-me na universidade d'Ossuna. — Pois bem! retrucou Sancho accêso em cólera; senhor doutor Pedro Recio d'Aguero, natural de Tirteafuera e doutor em Ossuna, tire-se já de diante de mim; se não juro que o faço enforçar, bem como todos os medicos de Tirteafuera que eu encontrar na minha ilha; vá-se já embora d'aqui, verdugo dos governadores, se não parto-lhe na cabeça esta cadeira em que estou sentado. E dêem-me agora de comer, pois bem o ganhei esta manhã. »

Alvorotou-se o medico vendo o governador tão colerico; queria safar-se da sala, quando n'esse momento ouviu a corneta do correio, e chegando o mestre-sala á janella, voltou dizendo: « Correio que vem do duque, meu senhor; deve trazer algum despacho de importancia. »

Entrou o correio, suado e coberto de pó, e tirando uma carta do seio, pôl-a nas mãos do governador, e este passou-a logo para a do mordomo, a quem mandou que lesse o sobrescripto. Dizia assim: « A D. Sancho Pança, governador da ilha Baratania, em mão propria, ou nas do seu secretario. » — « Quem é aqui o meu secretario? perguntou Sancho. — Sou eu, senhor, respondeu um mancebo biscainho. — Ah! abri então essa carta e vêde o que diz. »

O Biscainho tendo lido o que dizia, observou que era negocio para se tratar a sós. Retiraram-se todos da sala, excepto o mordomo; e o secretario leu a carta, que dizia assim:

« Chegou-me noticia, senhor D. Sancho, de que uns inimigos meus e vossos, tencionavam dar-vos assalto uma noite d'estas. Convém estar álferta. Sei tambem, por espias verdadeiras, que entraram n'essa villa quatro pessoas disfarçadas para vos tirar a vida. Abri os olhos, e observa quem chega a fallar-vos, e sobretudo não comaes cousa alguma que vos apresentem. Eu terei cuidado de vos soccorrer; e em tudo fareis o que de vosso entendimento se espera.

« Vosso amigo, o duque. »

« Senhor mordomo, disse Sancho depois de ouvir a leitura da carta, o que desde já se ha de fazer é metter n'um calabouço o doutor Pedro Recio, porque se alguém me matar ha de ser elle, e de morte lenta como é a da fome. — Senhor, respondeu o mordomo, ousou supplicar a Vossa Senhoria que não toque nas iguarias que estão n'esta mesa, visto eu ignorar quem as preparou. — Assim farei, replicou tristemente Sancho; mas dêem-me um pedaço de pão, e uns arrateis de uvas, que não poderão ter veneno, porque, emfim, não posso passar sem comer; os governadores não hão de viver do ar, sobretudo quando estão em vespas de batalha. Quanto a vós, meu secretario, respondi ao senhor duque que tudo se fará como elle ordena, e

beijareis da minha parte as mãos á senhora duqueza e a meu senhor D. Quichote, para que veja que não sou um ingrato ; e como bom Biscainho podeis acrescentar tudo o que quizerdes. Vamos ! levantem essa toalha e dêem-me as minhas uvas, já que esses miseraveis me querem reduzir a tão triste jantar. »

CAPITULO XXVIII

DO CANÇADO TERMO E REMATE QUE TEVE O GOVERNO DE SANCHO

DEPOIS d'uma semana de governo, estando o illustre Sancho na cama, mais farto de julgar e dar sentenças, de fazer estatutos e pragmaticas, do que de pão e de vinho, quando, apesar da fome, lhe começava o somno a cerrar as palpebras, ouviu tamanho ruido de sinos e de vozes, que não parecia senão que a ilha toda ia ao fundo. Sentou-se na cama e esteve escutando attento, para ver se percebia a causa de tamanho alvoroço. Ao ruido de vozes e de sinos se misturam o barulho de trombetas e tambores, e Sancho confuso, cheio de medo, saltou ao chão, calçou umas chinellas, e sem vestir nada por cima da camisa, correu á porta do seu aposento, a tempo que vinham por uns corredores mais de vinte pessoas, com archotes acêsos nas mãos, e com espadas desembainhadas, gritando em grandes brados : « Ás armas, ás armas, senhor governador ! ás armas, que entraram os inimigos na ilha e estamos perdidos se o vosso valor e industria nos não socorrerem. »

Sancho, attonito e pasmado do que via e ouvia se quedára em silencio. « Arme-se depressa Vossa Senhoria, disse um d'elles, se não se quer perder, e se não quer que esta ilha toda se perca. — Para que me hei de armar? respondeu Sancho, e que sei eu lá de armas nem de socorros? Melhor será deixar essas cousas para meu amo, que em duas palhetadas as despacha e as arranja ; eu de batalhas nada entendo. — Que dizeis, senhor? Vós sois o nosso capitão, nosso chefe, nosso general. Aqui lhe trazemos armas offensivas e defensivas. Arme-se Vossa Senhoria depressa, e cada um de nós fará seu dever, pelejando e morrendo em defesa vossa. — Armem-me então, já que assim o desejam. »

E para logo lhe trouxeram dous escudos e puzeram-lhe em cima da camisa, um adiante e outro atraz, e por uns buracos lhe tiraram os braços e o amarraram muito bem com uns cordeis, de modo que ficou entalado e direito como um fuso, sem poder dobrar os joelhos nem dar um passo. Metteram-lhe nas mãos uma lança, a que se arrimou para poder suster em pé, e quando assim o viram, disseram-lhe que os guiasse e os animasse a todos, que a victoria seria certa. « Como é que eu hei de caminhar, replica o pobre governador, se não posso mexer

as pernas, que tão cosidas tenho entre estas talas? O que hão de fazer é levar-me em braços e pôr-me em pé n'algum postigo que o guardarei como melhor puder. — Ah! senhor governador, ande, mexa-se, que o medo e não as talas o atrapalha. Acabe com isso que é tarde e os inimigos recrescem, os brados augmentam e o perigo carrega!»

Com estas persuasões quiz ver o pobre Sancho se se movia, e baqueou no chão onde ficou parecendo mesmo uma tartaruga mettida na concha, ou um barco virado na areia. Enem o vê-lo cahido inspirou a minima compaixão áquellas gentes zombeteiras; antes, apagando os archotes, tornaram a reforçar os gritos e a reiterar o alarma passando por cima do infeliz governador, e dando-lhe infinitas cutiladas. Sancho tremia, suava e tresuava, se recolhia e encolhia, sumindo a cabeça entre os escudos e se encommendava de todo o coração a Deus e aos santos para que o livrassem d'aquelle perigo. Uns tropeçavam n'elle, outros cahiam, e houve tal que se lembrou de se pôr em cima das suas costas, e d'ali governava os exercitos dizendo em grandes brados: «Aqui gente nossa; que por este lado carregam mais os inimigos; guarde-se bem aquella poterna, feche-se essa porta, venham alcanzias, pez e resina em caldeira de azeite a ferver; entrincheirem-se as ruas: coragem, amigos, que vai tudo bem!» Sancho que o escutava e soffria tudo, dizia entre si: — Ah! se Deus Nosso Senhor fosse servido que passasse esta ilha para as mãos do inimigo infinitas graças eu daria!»



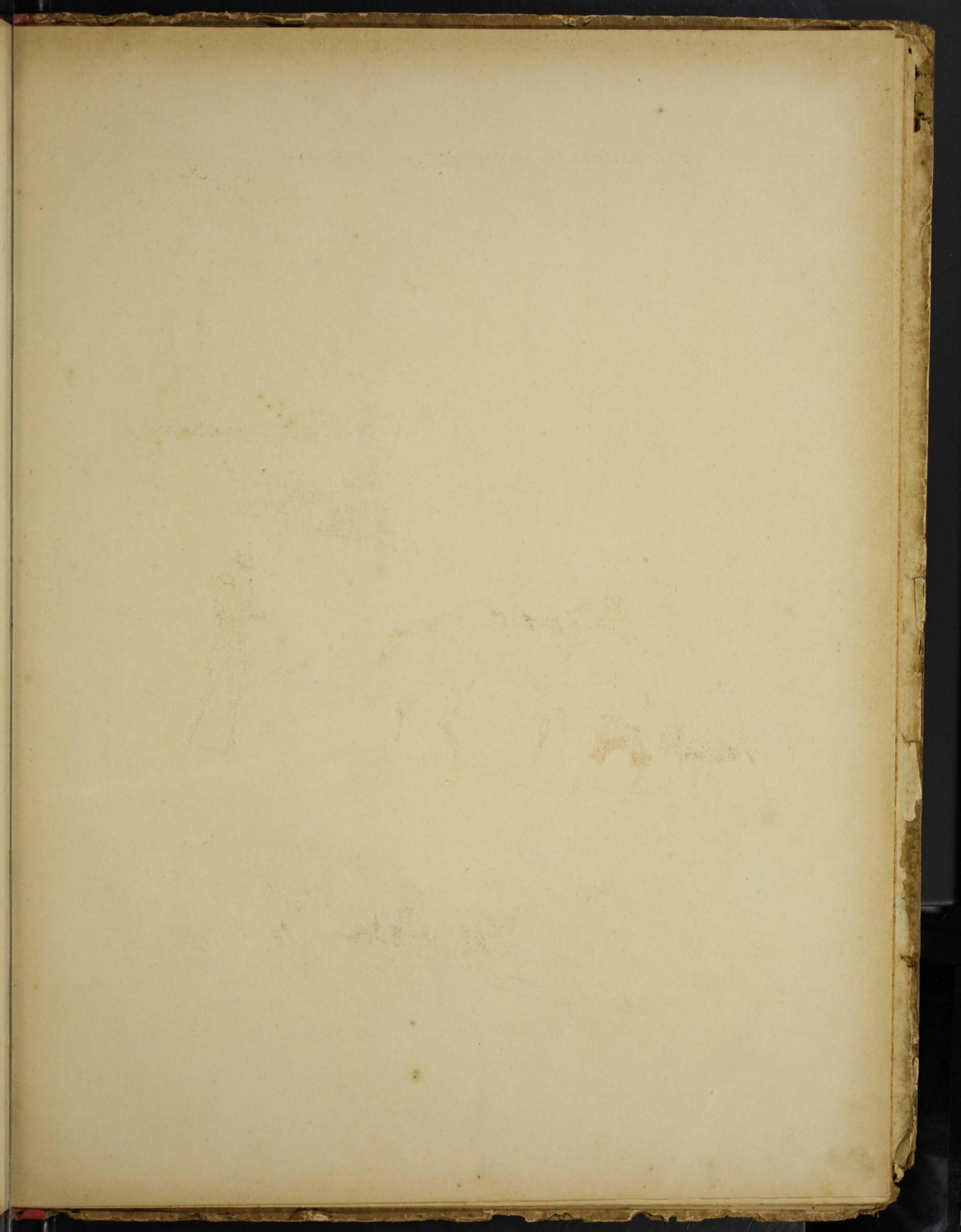
No mesmo instante ouviu vozes que diziam: «Victoria! victoria! os inimigos vão de vencida. Levante-se Vossa Senhoria, e venha gozar do vosso triumpho, e repartir os despojos que se tomaram aos inimigos, graças ao valor d'esse invencivel braço. — Levantem-me, disse com voz plangente o dorido Sancho, não quero repartir despojos de inimigos que venci, mas pedir a algum amigo que me dê um gole de vinho por amor de Deus.» Trouxeram-lhe logo o vinho, desataram-lhe os escudos, e desfeito em agua sentou-se no leito, e desmaiou de temor e de fadiga. Quando tornou a si, perguntou que horas eram. Responderam que já ia a amanhecer. Calou-se, e sem dizer palavra começou a vestir-se, em silencio, foi direito á cavallariça seguido de toda a sua côrte, e chegando-se ao ruço, abraçou-o, deu-lhe na testa um osculo de paz, e com as lagrimas nos olhos, disse-lhe: «Meu amigo, meu velho companheiro, que tens supportado parte dos meus trabalhos e miserias; quando eu andava contigo, e não pensava senão em arremendar os teus apparelhos e em sustentar o teu corpinho, ditosas horas, ditosos dias e ditosos annos eram os meus! mas desde que a vaidade, a ambição, e a soberba entraram

dentro de minha alma, só tenho soffrido mil miserias, mil trabalhos e augustias dôres. »

E em quanto isto ia dizendo, ia tambem albardando o asno, sem prestar attenção a pessoa alguma. Albardado o jumento, com grande pena e pezar montou em cima d'elle, e dirigindo-se ao mordomo, ao secretario, ao mestre-sala e ao doutor Pedro Recio e a muitos outros que ali estavam, disse : « Abri caminho, senhores meus, e deixae-me voltar á minha antiga vida, á minha antiga liberdade, sem a qual não ha felicidade possivel. Eu não nasci para ser governador, nem para defender ilhas ; entendo mais de lavrar, cavar, podar, do que de dar leis e batalhas. Bem está S. Pedro em Roma ; bem está cada um, usando do officio para que foi nascido. Melhor me fica a mim uma fouce na mão, do que uma vara de governador. Quero antes comer á farta pão de rala, do que estar sujeito aos caprichos d'um medico impertinente, que me mate á fome ; prefiro dormir á sombra d'um carvalho, do que não fechar olhos toda a noite n'um leito de plumas. Pobreza, paz e liberdade, eis os unicos bens d'este mundo. Adeus, senhores meus ; nú eu nasci e nú agora estou : sem mealha entrei n'este governo, e sem mealha saio, muito ao invez do modo como costumam sahir os governadores d'outras ilhas. Deixae-me partir, senhores meus, que me vou curar, pois supponho ter arrombadas todas as minhas costellas, graças aos inimigos que passearam esta noite por cima do meu corpo.

— Tranquillizae-vos, senhor, lhe tornou o doutor Pedro Recio, que eu darei a Vossa Senhoria uma bebida contra quedas e quebrantamentos, que logo lhe restituirá as suas antigas forças, e vos prometto deixar comer abundantemente tudo o que Vossa Senhoria quizer. — Muito obrigado, muito obrigado, senhor de Tirteafuera, tarde piaste. Isso não são brincadeiras para duas vezes, e com este governo me fico, que não sou dos que se deixam burlar duas vezes. Eu sou da raça dos Panças, raça cabeçuda e obstinada ; em dizendo uma vez não, nem o diabo os faria dizer sim. Passem por cá muito bem ; aqui deixo n'esta cavallariça as azas de formiga, que, lembrando-se de vôar, está prestes a ser comida pelas andorinhas. Já não desejo vôar, porém andar pelo chão com pé rasteiro, que se o não adornarem sapatos de cordovão, não lhe hão de faltar alpargatas de cordas : lé com lé e cré com cré, e ninguem estenda as pernas para fóra do lençol. Agora deixem-me passar, que se faz tarde. »

« — Senhor, disse então o mordomo, de mui boa vontade deixariamos Vossa Senhoria ir-se embora, ainda que nos peze perdel-o ; mas é costume que todo o governador deve antes de se ausentar dar contas de sua administração ; tende pois a bondade de cumprir com este dever e ide na paz do Senhor. — Pessoa alguma, replicou Sancho, a não ser o senhor duque, tem direito a pedir-me contas ; ora, eu vou vê-lo agora, e lá lh'as darei da melhor vontade ; tanto mais que sahindo eu pobre como saio, não é necessario outra prova para se saber que governei como homem de bem. — O grande Sancho tem razão, exclamou o doutor Pedro Recio ; e sou de parecer que o deixemos partir. » Acordaram todos n'isso e lhe offereceram





Dom Quichote

Imp. Marmy

... Sem armas, sem espada, precedido de Rossinante ainda coxo, do jumento carregado com a sua armadura, e de Sancho a pé, o nosso heroe se poz a caminho.

tudo o que quizesse para regalo da sua pessoa. Disse Sancho que não queria senão uma pouca de cevada para o ruço, e meio pão e queijo para si. Abraçaram-no todos, e elle chorando a todos abraçou, deixando-os admirados das suas razões e da sua determinação tão discreta e resoluta.

CAPITULO XXIX

DO QUE ACONTECEU A SANCHO NA SUA JORNADA

SANCHO, entre alegre e triste, vinha caminhando montado no asno a procurar seu amo, cuja companhia lhe agradava mais do que todos os governos do mundo; porém a demora que teve no caminho não lhe deu logar a que chegasse n'esse dia ao castello do duque. Quando estava a meia legua de distancia, apanhou-o a noite, um pouco cerrada e escura, e quiz a sua pouca ventura que, andando á busca de sitio onde melhor se accommodasse, cahiram elle e o jumento n'uma profunda cova, vizinha d'um antigo castello em ruinas. O nosso escudeiro quando cahiu, encommendou-se a todos os santos do céo, pensando que iria parar ao fundo d'um abismo; mas a pouco mais de quatro toezas deu fundo o ruço, e Sancho ficou montado n'elle, sem lesão nem damno algum. Apalpou o corpo todo, e respirou com força, para ver se estava são ou escalavrado em algum sitio, e sentindo-se bom e catholico de saúde, deu infinitas graças a Deus pelo milagre que fizera. Apalpou tambem as paredes da cova, para ver se seria possivel sahir d'ella, mas achou-as todas lisas com o que muito se affligiu, principalmente ouvindo o ruço queixar-se terna e dolorosamente: « Ah! justo céo! exclamou Sancho, que de males imprevistos se deparam a cada passo aos que vivem n'este miseravel mundo! Quem diria que um homem ainda esta manhã governador d'uma ilha magnifica, rodeado de ministros, guardas e servos, se havia de ver agora sepultado n'uma cova, sem ninguem que acuda em seu soccorro! Ah! meu pobre ruço, meu unico amigo, aqui teremos de morrer de fome, e ficaremos enterrados em vida. Não quiz a nossa triste sorte que morressemos em nossa patria entre os nossos, onde não faltaria quem nos chorasse e nos cerrasse tambem os olhos. Ó companheiro e amigo meu, que triste pago te dei dos teus bons serviços! Perdôame; não é culpa minha, e o meu coração é testemunha de que a morte não é menos cruel para mim do que para ti. »

Passou-se a noite n'aquellas miserables queixas e lamentações. Rompeu emfim o dia e com a sua claridade viu Sancho que lhe era completamente impossivel sahir do fosso, e principiou a dar brados para ver se alguem o ouvia; mas tudo era clamar no deserto, porque não havia por aquelles contornos pessoa que o pudesse ouvir. Estava o ruço de focinho levantado e conse-

guiu Sancho pôl-o em pé; elle, porém, mal se podia suster, e tirando dos alforges um pedaco de pão, deu-o ao seu jumento que o comeu com muito gosto; tanto é verdade que lagrimas com pão, passageiras são. N'isto descobriu Sancho uma abertura a um lado da cova, pela qual um homem podia passar. Correu para lá, e agachando-se entrou e viu que por dentro era larga e espaçosa. Voltou então ao sitio onde estava o jumento, e com uma pedra principiou a desmorronar a terra da abertura, de modo a abrir espaço para o animal poder entrar, e agarrando-lhe pelo cabresto poz-se a caminhar por aquella gruta adiante ora ás escuras, ora com luz. « Melhor fôra esta aventura para o senhor D. Quichote, dizia elle entre si, que tomaria estas profundidades por jardins floridos e palacios de cristal; porém eu tremo de cahir em algum precipicio ainda mais profundo que o primeiro, pois nunca um mal vem só. »

Assim fallando continuava a caminhar, e depois de ter andado cêrca de meia legua descobriu uma confusa claridade, que suppoz ser o fim d'aquelle subterraneo.

No emtanto D. Quichote, fatigado de sua longa ociosidade, determinou despedir-se de seus hospedes. Sahiu pois uma manhã montado no fogoso Rossinante, que na carreira que levava chegou tanto á beira d'uma cova, que D. Quichote n'ella teria cahido se não puxasse fortemente as rédeas; e quando avançava a cabeça para mirar aquella profundeza, ouviu grandes brados lá dentro, e escutando attentamente percebeu as seguintes palavras: « Ó lá de riba! ha ahi algum christão que me escute? ou algum cavalleiro caritativo que se compadeça d'um pobre governador enterrado em vida? » Ficou D. Quichote assombrado e suspenso, parecendo-lhe reconhecer a voz do seu escudeiro: « Quem se queixa lá em baixo? gritou elle. — Quem ha de ser senão Sancho, governador por seus peccados da ilha Barataria, outr'ora escudeiro do famoso cavalleiro andante D. Quichote de la Mancha! » Estas palavras ainda mais augmentaram o pasmo de D. Quichote; imaginou logo que Sancho tinha morrido, e que era a sua alma que estava ali penando. « Amigo, replicou elle, se, como eu imagino, tu soffres no purgatorio, dize-me o que desejas que por ti faça, que a minha profissão é soccorrer os necessitados. — Sendo assim, deve Vossa Senhoria ser meu amo D. Quichote; tende compaixão de vosso malaventurado escudeiro Sancho, que não está no purgatorio, que nem mesmo morto está, segundo lhe parece, mas que caniu n'um abismo onde está jazendo, mais o seu ruço, que lhe não deixará mentir. »

Parece que o jumento entendeu o que Sancho disse, porque logo principiou a zurrar com toda a força. « Excellente testemunha, exclamou D. Quichote, reconheço bem as duas vozes. Espera-me, amigo, que eu vou ao castello pedir auxilio. »

Afastou-se D. Quichote e foi contar aos duques o que succedera a Sancho. Estes não podiam imaginar como elle deixára o governo, sem serem avisados da sua vinda. Mandaram immediatamente muita gente com muitas cordas, e depois de grande trabalho tiraram Sancho e

o ruço do fundo da cova. Um estudante que ali se achava, vendo o escudeiro descórado, tremulo. meio morto de fome, disse : « Eis como todos os máos governadores deviam sahir dos seus governos. — Irmão, respondeu Sancho, ha oito dias ou dez, que entrei a governar a ilha que me deram, onde não tive uma só hora em que estivesse farto de pão; durante esse tempo medicos me perseguiram, e inimigos me amolgaram os ossos, e não cobreí nem mealha. Não merecia pois sahir d'este modo; mas o homem põe e Deus dispõe; e ninguem diga : d'esta agua não beberei. »

O castello ficava ali perto. Sancho rodeado de toda a gente da casa, foi ajoelhar-se diante do duque, que o estava esperando n'uma galeria com a duqueza. « Vossa Grandeza, lhe disse elle, houve por bem dar-me, sem nenhum merecimento meu, o governo da ilha Barataria. Se governei bem ou mal, testemunhas tive de tudo, que dirão o que quizerem. O que é certo é que aclarei duvidas, sentenciei pleitos, e sempre em jejum, graças ao doutor Pedro Recio, natural de Tirteafuera, medico assalariado devidamente para fazer morrer de fome os governadores. Acommetteram-nos inimigos de noite : affirmam os da ilha que ficaram victoriosos, graças ao valor do meu braço. Emfim, n'este tempo todo, pude tentar os encargos e obrigações que o governo traz comsigo, e entendi que o peso era demasiado para os meus hombros. Portanto, antes que o governo dêsse em terra comigo, dei eu com o governo em terra; e hontem pela manhã deixei a ilha como a encontrei com as mesmas ruas, casas e telhados, que tinha á minha chegada. Sahi como havia entrado, sem mais acompanhamento que o do meu ruço, que teve a desgraça de cahir comigo n'uma cova, onde estaríamos ainda se não nos acode o senhor D. Quichote. Assim pois, senhora duqueza, aqui está o vosso governador que só logrou o ficar sabendo que para nada serve ser governador d'uma ilha; e beijando os pés a Vossa Graça, passo para serviço do meu antigo amo, com quem emfim, ainda que coma o pão com sobresalto, ao menos sempre me farto. »

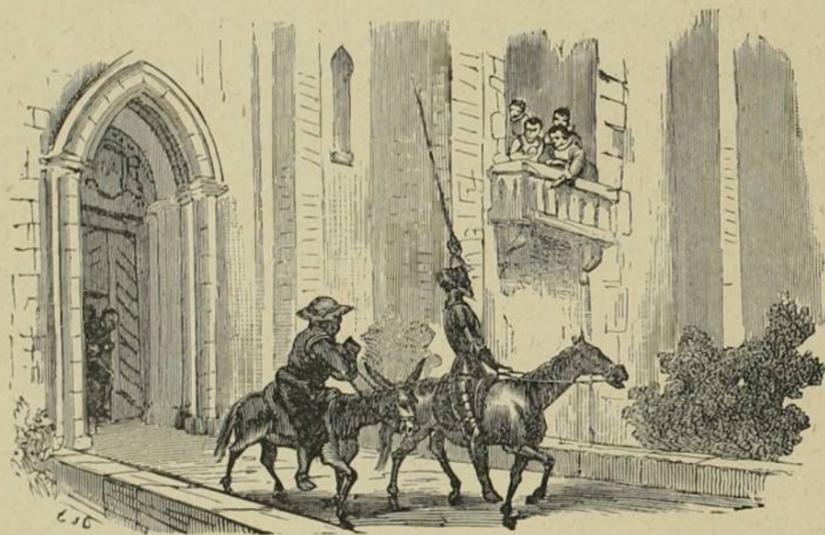
Com isto deu fim Sancho ao seu longo discurso, temendo sempre D. Quichote que elle dissesse algum disparate. Abraçou-o ternamente o duque, e disse-lhe que havia de ver se lhe podia dar um outro officio de menos encargo e de mais proveito. Abraçou-o a duqueza tambem, e deu ordem ao seu mordomo que o regalasse de modo que se consolasse de suas desgraças.

CAPITULO XXX

QUE TRATA DE COMO D. QUICHOTE SE DESPEDIU DO DUQUE. — COMBATE CONTRA O CAVALLEIRO DA BRANCA LUA. — REGRESSO DE D. QUICHOTE Á SUA ALDEIA. — SUA MORTE.

PARECEU enfim ao nosso heroe necessario sahir da ociosidade em que estava, e assim pediu licença aos duques para se ir embora. Deram-lh'a com mostras de muito pesar, e a duqueza despedindo-se de Sancho lhe desejou tanta gloria e ventura como ao cavalleiro de la Mancha.

No dia immediato D. Quichote, coberto de suas armas e montado no Rossinante, apresentou-se no terreiro do castello. Estava Sancho montado no seu ruço com o rosto



contentissimo, porque o mordomo do duque lhe dera um bolsa bem recheiada para as necessidades do caminho. Contemplavam-no das varandas os familiares, e os duques tambem sahiram para ver os dous heroes.

Assim que D. Quichote se viu em campina rasa, pareceu-lhe que estava bem equilibrado, e que se lhe renovavam os espiritos para seguir de novo com o assumpto das suas cavallarias; e voltando-se

para o seu escudeiro, disse-lhe : « Amigo Sancho, a liberdade é um dos dons mais preciosos que aos homens deram os céos. Não se lhe podem igualar todos os thesouros que ha na terra, nem os que o mar encobre; pela liberdade se deve arriscar a vida, da mesma fórma que pela honra. — Meu senhor, respondeu o escudeiro, com tudo isso que Vossa Senhoria me diz, não devem ficar sem agradecimento, da nossa parte, os duzentos escudos d'ouro, que levo aqui n'uma bolsa sobre o coração, como um confortativo contra o que der e vier, que nem sempre havemos de encontrar castellos onde nos regalem, e muitas vezes toparemos vendas onde nos desanquem.

N'estes e n'outros arrazoados iam o cavalleiro e seu escudeiro, quando viram vir para elles um cavalleiro armado de ponto em branco, que trazia pintado no escudo uma lua

resplandecente; e chegando a distancia d'onde podia ser ouvido, disse em alta voz, dirigindo-se a D. Quichote :

« Insigne guerreiro, eu sou o cavalleiro da Branca Lua, cujas inauditas façanhas talvez já chegassem ao teu conhecimento. Venho contender contigo para te fazer conhecer e confessar que a minha dama é sem comparação mais formosa do que a tua Dulcinêa; e se confessares immediatamente esta verdade, evitarás a morte e o trabalho que eu hei de ter em dar-te. Todavia se pelejarmos e eu te vencer, não quero outra satisfação senão que, deixando as armas, te recolhas e te retires por espaço d'um anno, para a tua povoação, onde viverás sem pôr mão na espada; mas se tu me venceres, eu te abandono as minhas armas, meu cavallo, minha vida e minha gloria. Responde-me já, porque só tenho o dia de hoje para despachar este negocio.

— Cavalleiro da Branca Lua, replicou D. Quichote, suspenso e attonito, tanto pela arrogancia, como pelo motivo por que o desafiava, tu nunca viste a illustre Dulcinêa; se a houveses visto, sei que não procurarias entrar n'esta contenda, porque te desenganarias de que nunca houve nem pôde haver belleza comparavel com a d'ella. Lamento o teu insensato engano, porém acceito as tuas condições : prepara a tua lança, e tomemos campo immediatamente. »

Os dous adversarios voltaram ambos ao mesmo tempo as rédeas dos cavallos, e como era mais ligeiro o do desconhecido, esbarrou em D. Quichote a dous terços da carreira, com tanta força, sem lhe tocar com a lança, que deu em terra com D. Quichote e o seu rossim. O cavalleiro Branca Lua foi logo sobre o nosso heroe, e pondo-lhe a lança em cima da vizeira, disse-lhe : « Podeis dar-vos por morto, se não confessaes o que ha pouco vos exigi. » D. Quichote lhe responde com voz debilitada e enferma : « Dulcinêa del Toboso é a mais formosa mulher do mundo, e eu o mais desditoso cavalleiro da terra; e a minha fraqueza não pôde nem deve defraudar esta verdade : carrega a lança, cavalleiro, e tira-me a vida, já que me tiraste a honra.

— Tal não farei, disse o desconhecido, viva na sua inteireza a fama da formosura da senhora Dulcinêa, e satisfaço-me retirando-se o grande D. Quichote para a sua terra, por espaço d'um anno, como combinámos antes de entrar em batalha. »

Respondeu D. Quichote que, logo que lhe pedisse cousa que não fosse em prejuizo de sua Dulcinêa, tudo o mais cumpriria, como cavalleiro verdadeiro e pontual.

Feita esta confissão voltou o desconhecido a meio galope para a cidade.

Diremos agora quem era o cavalleiro Branca Lua : chamava-se elle o bacharel Sansão Carrasco, natural da mesma terra de D. Quichote. que se fez cavalleiro andante afim de vencer o nosso heroe e obrigar-o a voltar para a sua casa.

Seis dias esteve D. Quichote de cama n'uma hospedaria, e sentindo-se com mais forças quiz partir; e sem armas, sem espada, precedido de Rossinante ainda coxo, do jumento carregado com a sua armadura, e de Sancho a pé, se puzeram a caminho.

Dous dias depois chegaram os nossos heroes á entrada de sua aldeia. Fôram logo conhecidos pelo Cura e pelo mestre Nicoláo, o barbeiro, que vieram para elles de braços abertos. Apeou-se D. Quichote, abraçou-os estreitamente, e se dirigiram a sua casa rodeados de rapazes que gritavam: « Vinde ver o senhor D. Quichote, e o bom Sancho Pança! Vinde depressa, senhora Thereza! » Correu ella semi-núa e desgrenhada a ver seu marido, levando pela mão Sanchita sua filha; e não o encontrando tão ataviado como ella imaginava que devia vir um governador, disse-lhe: « Como é que vindes assim, meu homem? Aonde ficou o coche? pois, se me não engano, vindes a pé. — Sim, mulher, respondeu Sancho; porém trago-te dinheiro, que é o que mais importa, ganho por minha industria e sem prejuizo de ninguem. — Ah! meu amigo! meu bom amigo! que felicidade tornar a vêr-te! Vens mais gordo, filho meu. Abraça tua filha Sanchita, que por ti estava esperando como a agua de Maio. Vamos já para casa, porque muito has de ter que contar. » E agarrando-lhe por um lado do cinto, e a filha pela mão, puxando o ruço pelo cabresto, fôram para sua casa.

D. Quichote sem aguardar hora nem tempo, chamou immediatamente de parte o Cura e o barbeiro, e em breves razões lhes contou a sua derrota e a obrigação que contrahira de não pegar em armas durante um anno. O barbeiro e o Cura louvaram-lhe immenso a sua honrada resolução e se despediram d'elle aconselhando-o que tomasse conta com a sua saúde e procurasse distrahir-se. Mas ao cabo de seis dias veio-lhe uma febre que o levou á cama. O medico foi de parecer que a melancolia, que lhe causara o ver-se vencido, era o que dava cabo d'elle. Sancho Pança, sem se lhe tirar da cabeceira procurava consolar seu amo, porém inutilmente. O mal ia progredindo, e o medico tomando-lhe o pulso disse ao nosso heroe que cuidasse da salvação da sua alma, porque a do corpo corria perigo. Ouviu-o D. Quichote com animo socegado, mas não assim a ama, a sobrinha e o escudeiro, que principiaram a chorar, como se já o vissem morto diante de si. De subito D. Quichote, dando um grande brado, exclamou: « Bemdito seja o Deus todo poderoso, que tanto bem me fez. — Que diz, meu querido tio? perguntou a sobrinha. — Digo que é infinita a misericordia de Deus para comigo, sobrinha minha, proseguiu o enfermo. Tenho o juizo já livre e claro, sem as sombras da ignorancia, com que o offuscou a minha continua leitura dos detestaveis livros das cavallarias. Reconheço n'este momento os seus disparates e embustes, e só me peza ter chegado tão tarde este desengano. Sinto-me, sobrinha, á hora da morte; quereria passal-a de modo que mostrasse não ter sido tão má a minha vida, que deixasse renome de louco. Chama-me os meus bons amigos, o Cura, o mestre Nicoláo, e o fiel Sancho Pança, que me quero confessar e fazer o meu testamento. »

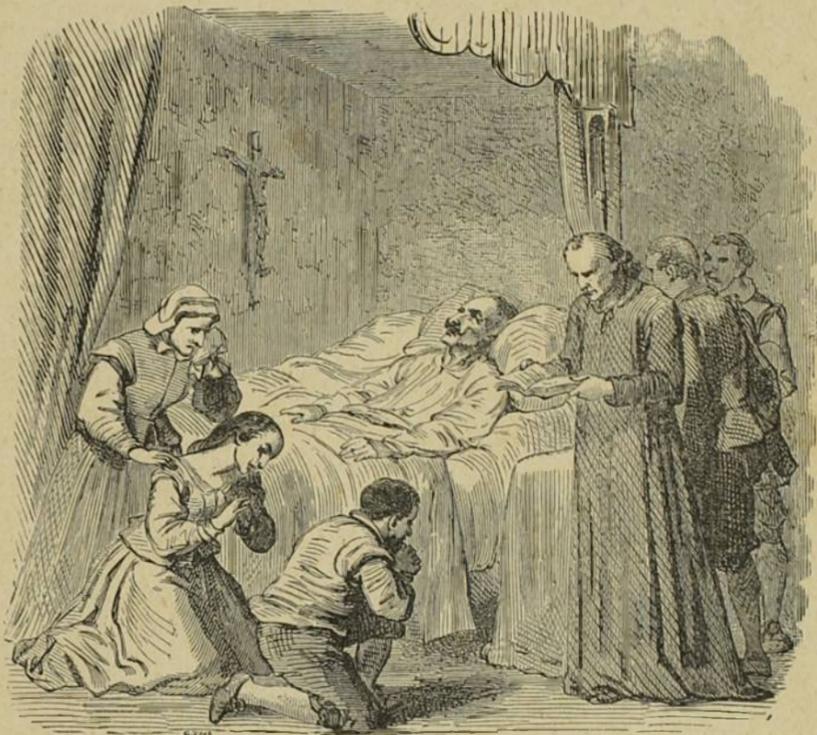
Mas a chegada dos tres dispensou a sobrinha de ter esse trabalho. Apenas o moribundo os viu, disse logo : « Dae-me os parabens, que já não sou D. Quichote de la Mancha, mas sim Alonso Quijano, a quem appellidavam o Bom. Já sou inimigo de Amadis de Gaula e de todos esses heroes imaginarios, que a minha extravagancia tomára por modelos. Todos esses contos de cavalleiros andantes têm sido verdadeiros só em meu prejuizo, e espero que a minha morte os mude em meu proveito. E assim peço que, enquanto o senhor Cura me attende, vão depressa buscar-me um notario. »

Mandou o Cura sahir toda a gente, ficou sózinho com elle e confessou-o. O barbeiro foi procurar o tabellião, e d'ali a pouco voltou trazendo-o, e a Sancho tambem ; e este topando a ama e a sobrinha chorosas, começou igualmente a soluçar e a derramar lagrimas. Veio então o tabellião com os outros, e depois de ter feito o começo do testamento nas fórmulas ordinarias, ergueu-se D. Quichote no seu leito e, com uma debil voz, dictou estas palavras :

« Deixo ao meu amigo Sancho Pança, a quem na minha loucura fiz meu escudeiro, certos dinheiros que tem em seu poder, dos quaes não se lhe fará cargo, nem se lhe pedirão contas, e mais duzentos escudos em pagamento dos seus bons serviços. — Ai, meu senhor! interrompeu Sancho, não morra Vossa Senhoria, mas tome o meu conselho, e viva muitos annos; que é grande loucura deixar-se morrer sem mais nem mais, sem ninguem nos matar, nem darem cabo de nós outras mãos que não sejam as da melancolia. Eu farei tudo o que Vossa Senhoria desejar; iremos para qualquer sitio que mais lhe agrade, comtanto que eu vá na sua companhia. »

— Obrigado, meu amigo, deixemo-nos d'essas cousas; o que foi já não é: fui louco e estou hoje em meu juizo; possam o arrependimento e a minha verdade restituir-me a estima em que me tinham, e prosiga para diante o senhor tabellião. »

Instituiu sua herdeira Antonia Quijana, sua sobrinha com a obrigação de fazer uma pensão á ama a quem tambem deixou vinte ducados para um vestido. Fôram seus testamenteiros o senhor Cura, e mestre Nicoláo o barbeiro.



Chegou afinal a derradeira hora de D. Quichote ; e depois de recebidos todos os Sacramentos, entre os suspiros e lagrimas dos que ali estavam, deu a alma a Deus.

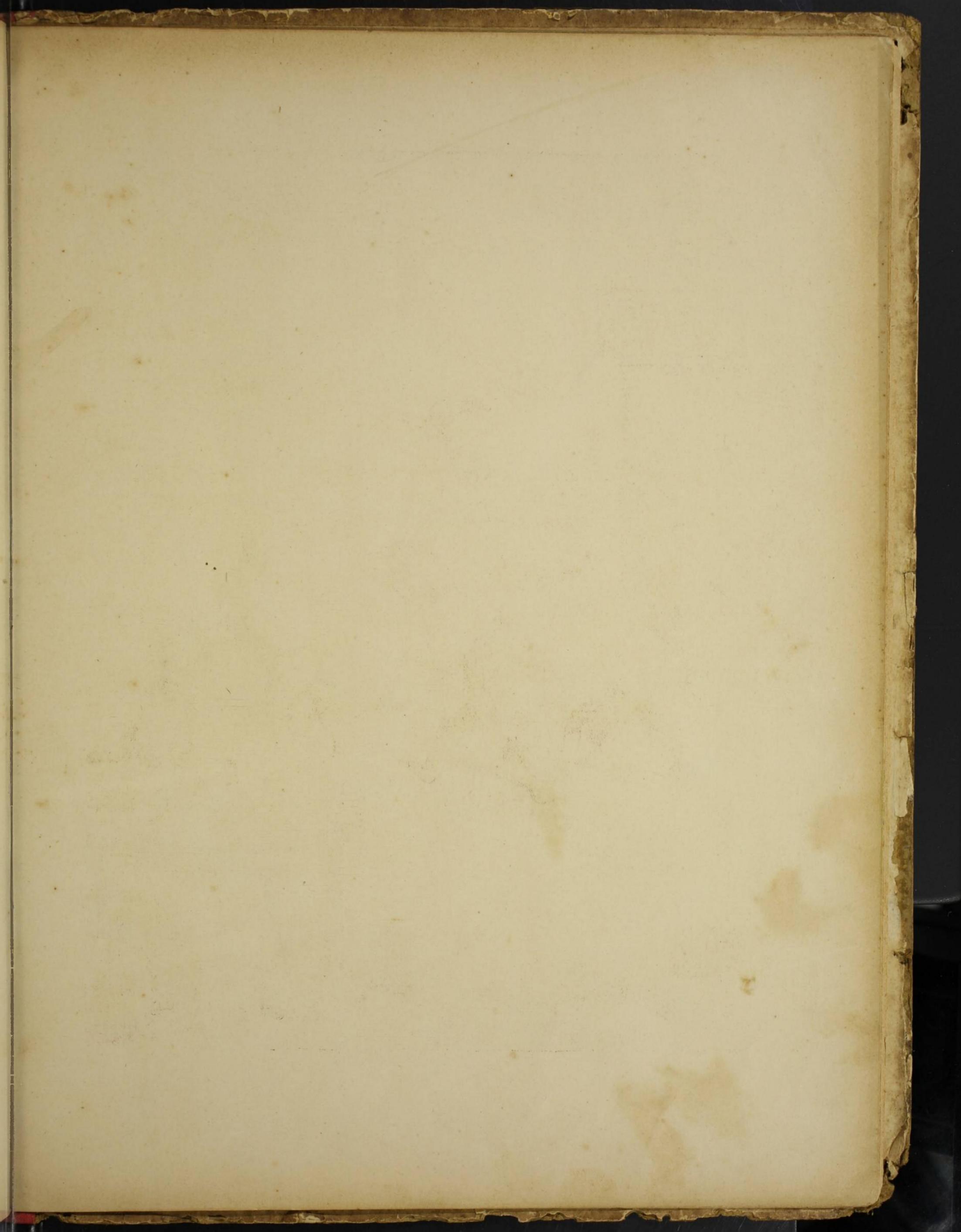
Assim acabou o heroe de la Mancha. Teve elle varios epitaphios, dos quaes só resta a que lhe fez Sansão Carrasco :

EPITAPHIO

JAZ AQUI O FIDALGO RARO,
QUE A TANTO EXTREMO CHEGOU
DE VALENTE, QUE O PRECLARO
SEU NOME ETERNO FICOU.

TEVE O UNIVERSO EM POUCO ;
FOI O ESPANTALHO E O COCO
DO MUNDO ; EM TAL CONJUNCTURA,
QUE ASSELLOU SUA VENTURA
FINDAR CÔRDO E VIVER LOUCO.







JULES DAVID

Dom Quichote

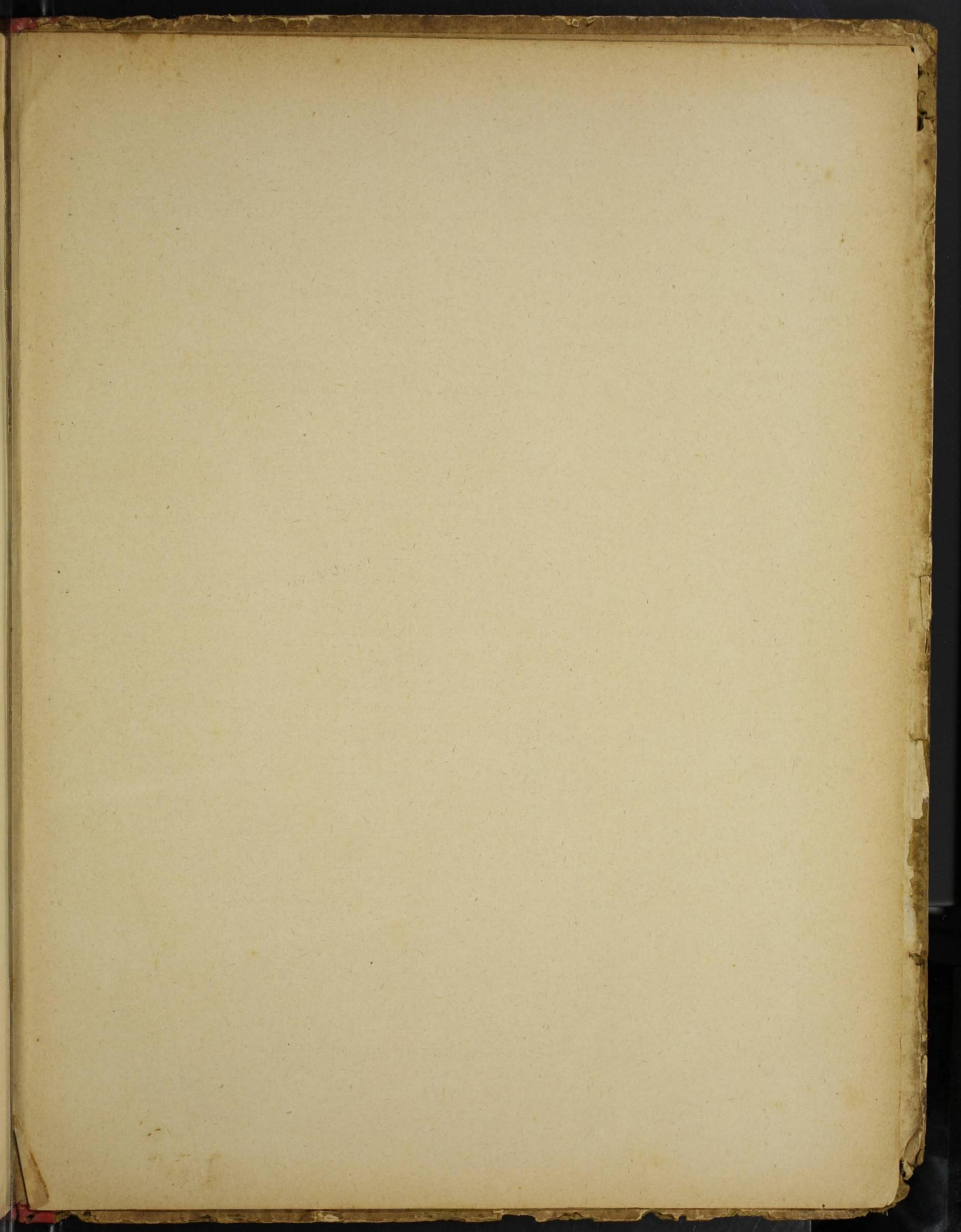
Imp. Marmy.

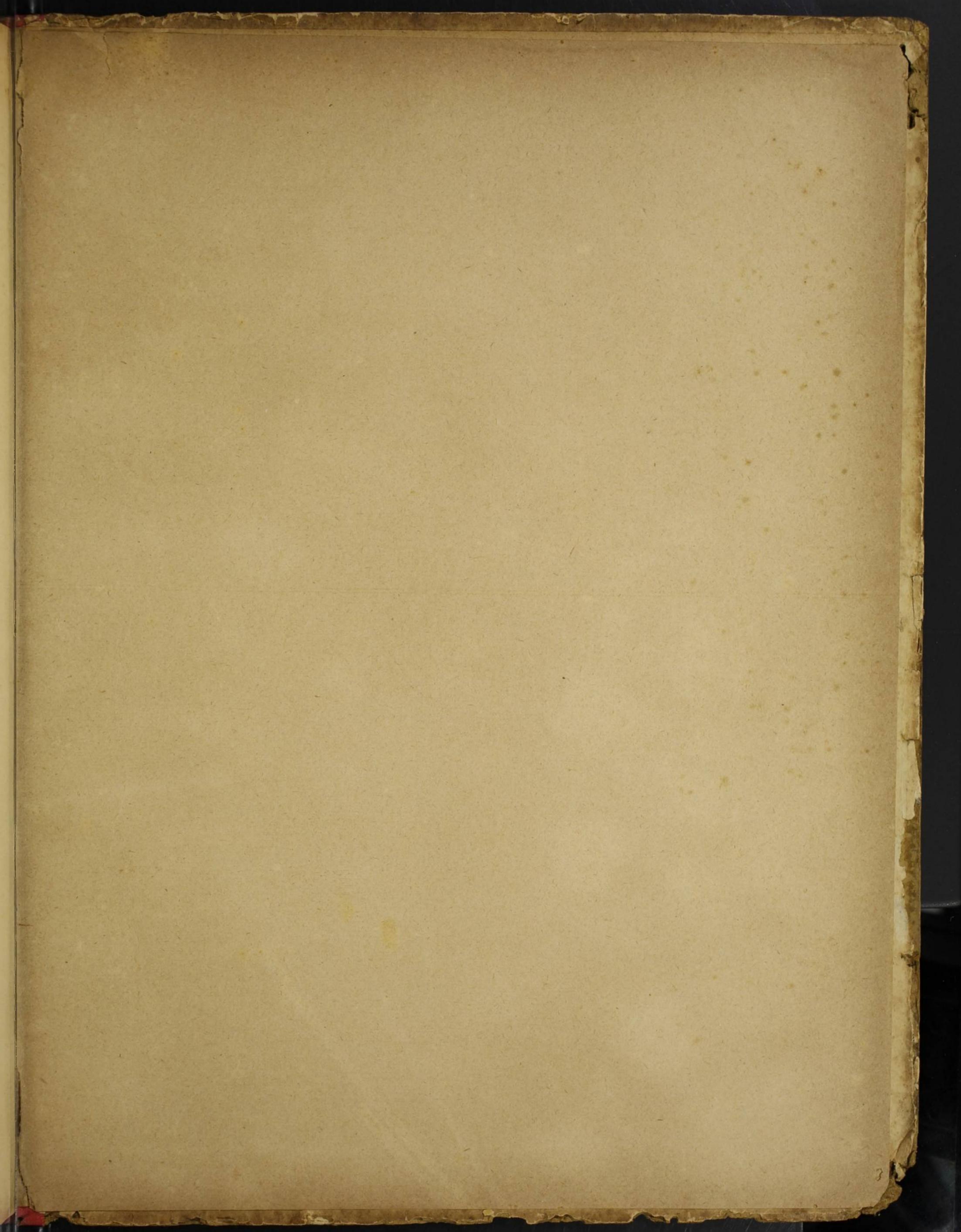
Os gritos que dava o misero manteado chegaram aos ouvidos do amo...

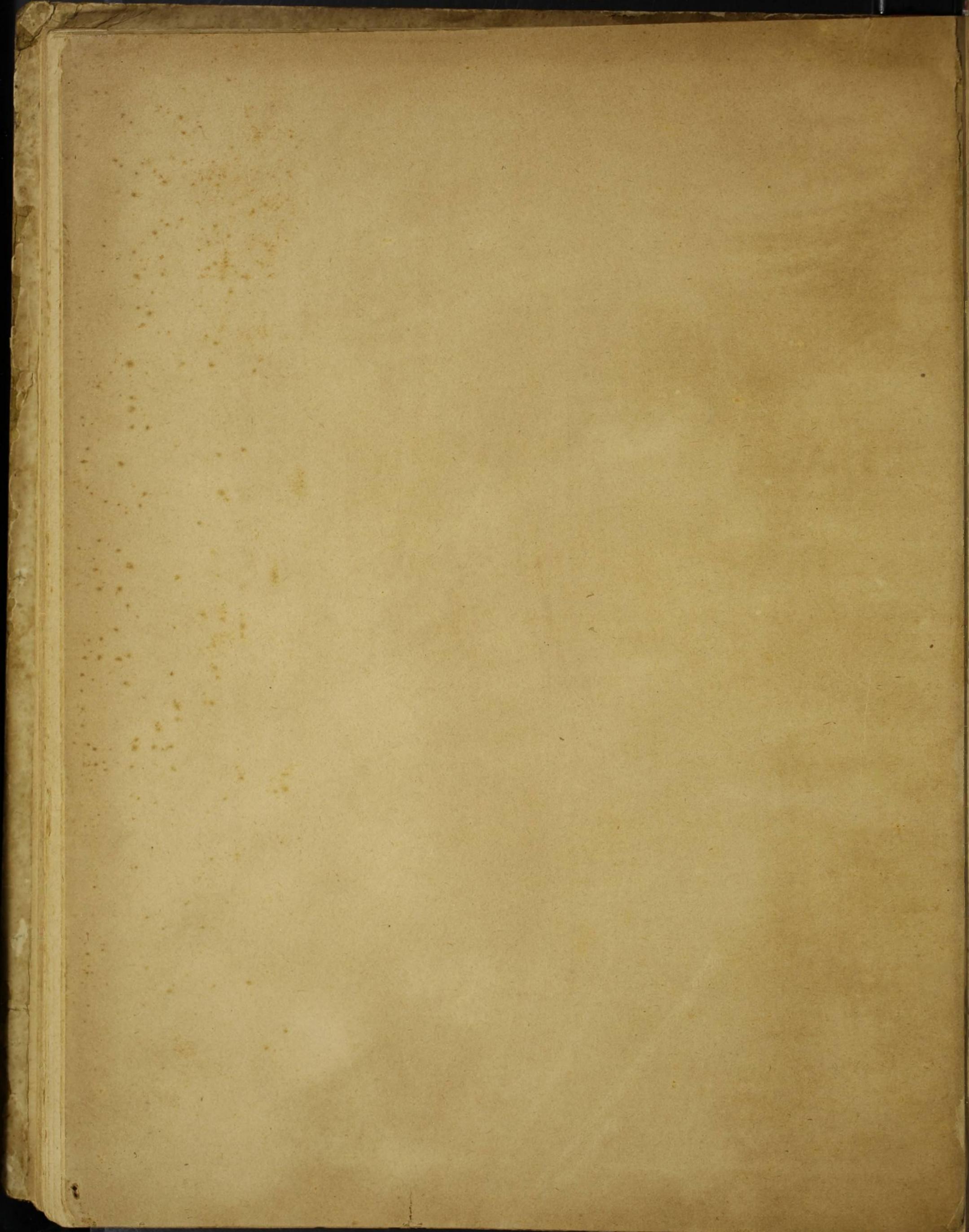
INDICE

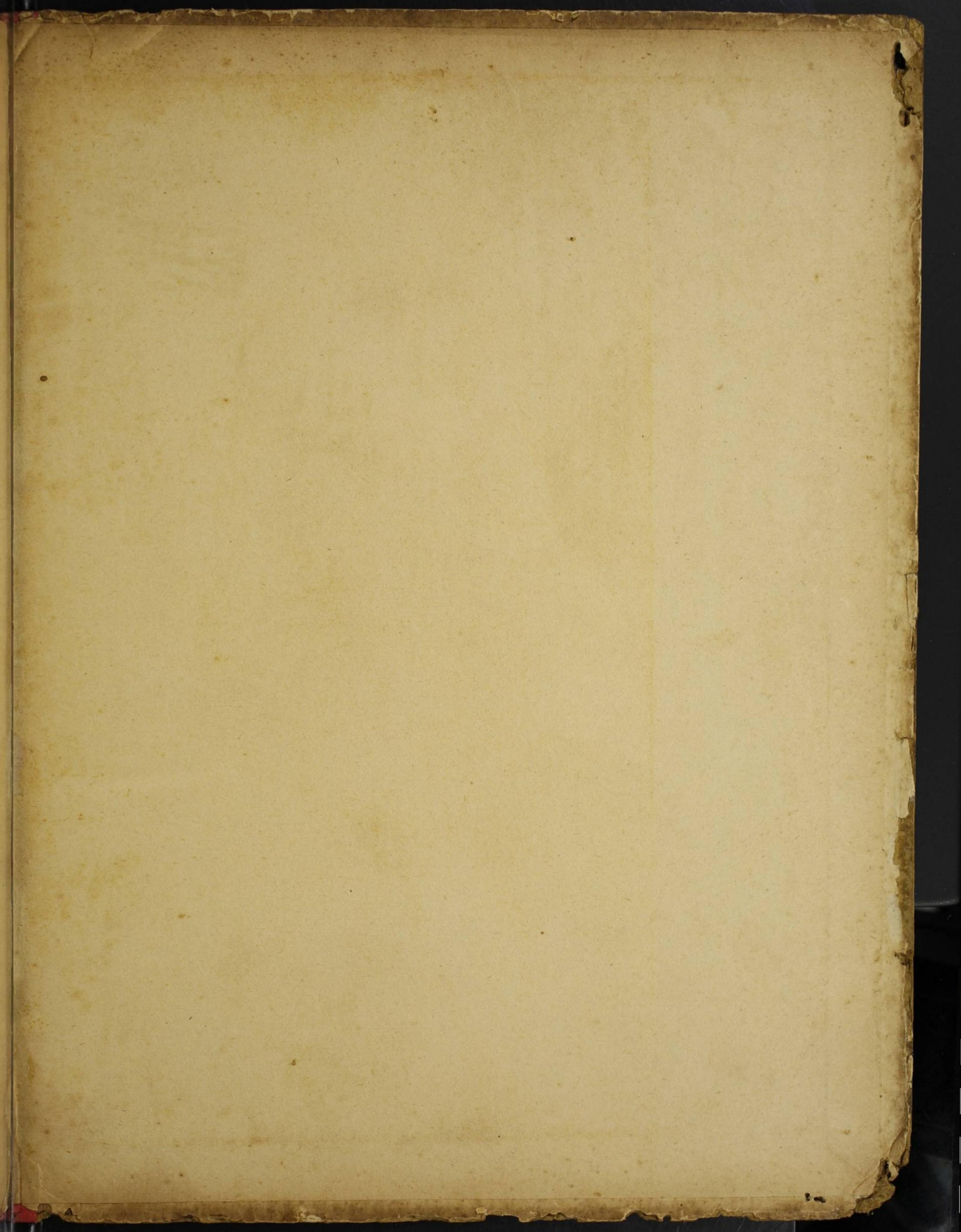
CAPITULO I. — Que trata da condição e exercicio do famoso D. Quichote de la Mancha	1
CAPITULO II. — Que trata da primeira sahida que de sua terra fez o cavalleiro D. Quichote.....	3
CAPITULO III. — No qual se conta a graciosa maneira que teve o nosso heroe em armar-se cavalleiro.....	5
CAPITULO IV. — Do que succedeu ao nosso cavalleiro depois de sahir da hospedaria.....	8
CAPITULO V. — Continuação da desgraça do nosso heroe.....	10
CAPITULO VI. — Segunda sahida do cavalleiro D. Quichote.....	12
CAPITULO VII. — Do bom successo que teve D. Quichote na espantosa aventura dos moinhos de vento.....	14
CAPITULO VIII. — Interessante colloquio entre D. Quichote e seu escudeiro.....	18
CAPITULO IX. — Do triste encontro que fez D. Quichote com uns desalmados arrieiros.....	21
CAPITULO X. — Do que succedeu na hospedaria.....	24
CAPITULO XI. — Onde se contam outras aventuras que succederam aos dous heroes.....	28
CAPITULO XII. — Do singular encontro que fez D. Quichote.....	32
CAPITULO XIII. — Da mais extraordinaria aventura que D. Quichote concluiu quasi sem perigo.....	35
CAPITULO XIV. — Que trata da conquista do elmo de Mambrino... ..	39
CAPITULO XV. — Da liberdade que deu D. Quichote a muitos desafortunados, que iam levados onde elles por si não queriam ir.....	41
CAPITULO XVI. — Do que succedeu ao nosso fidalgo na Serra Morena.....	45
CAPITULO XVII. — Da maneira como o cavalleiro da Mancha imitou a penitencia do Beltenebroso.....	47
CAPITULO XVIII. — Onde se proseguem as finezas que fez o enamorado D. Quichote na Serra Morena... ..	52
CAPITULO XIX. — Da maneira como se concluiu a austera penitencia do nosso fidalgo	54
CAPITULO XX. — Da interessante conversação que houve entre D. Quichote e o seu escudeiro.....	58
CAPITULO XXI. — Que trata do terrivel combate em que D. Quichote é vencedor.....	60
CAPITULO XXII. — No qual se continua o encantamento do nosso heroe.....	63
CAPITULO XXIII. — Que trata d'uma desagradavel aventura.....	66

CAPITULO XXIV. — Do que succedeu a D. Quichote com uma bella caçadora.....	68
CAPITULO XXV. — Que trata de grandes cousas.....	70
CAPITULO XXVI. — Da chegada de Sancho á sua ilha.....	73
CAPITULO XXVII. — Onde prosegue a narração do modo como se portava Sancho Pança no seu governo.....	75
CAPITULO XXVIII. — Do cançado termo e remate que teve o governo de Sancho.....	78
CAPITULO XXIX. — Do que aconteceu a Sancho na sua jornada.....	81
CAPITULO XXX. — Que trata de como D. Quichote se despediu do duque. — Combate contra o Cavalleiro da Branca Lua. — Regresso de D. Quichote á sua aldeia. — Sua morte.....	84











Imp. Gauthier